

TER⁵⁰

Escola Profissional AMAR TERRA VERDE

abril 2024

**50 anos de
25 de abril**



CAPA

Pertencendo ao povo português no seu conjunto, o 25 de abril é de todos nós. A liberdade não tem lados, é de todos, é uma conquista do povo, nunca a devemos esquecer, particularmente num momento de forte polarização política e de ideias que se contrapõem.

Mas é momento, também, de recordar que não devemos nunca dar a liberdade por garantida, a sua manutenção exige um trabalho quotidiano para que possa perpetuar-se no futuro e constituir um legado para as próximas gerações.

Os 50 anos do 25 de abril devem ser assumidos como uma celebração que une as pessoas que reforça os laços que nos unem enquanto comunidade.

Foram estes sentimentos que me inspiraram na conceção do desenho para a capa da TER que festeja a Revolução dos Cravos.

TEXTO E CAPA **EZIK**

AUTORES

Afonso Maltez
Álvaro Costa
Álvaro Nunes
Ana Almeida
Ana Guedes
Ana Pereira
António Barreto
António Cunha
Arnaldo Varela de Sousa
Benjamin Valladares
Carlos Amado
Carlos Marinho
Catarina Pessoa
Clara Sousa
Daniel Soares
David Cunha
David Rangel
Fernando Capela
Miguel
Fernando Morant
Francisca Borges
Joana Molho
Joana Páris Rito
Joana Rocha
João Luís de Matos Nogueira
João Machado
José Augusto Quaresma
José Carlos Dias
José Carlos Fontão
José Dantas
José Machado
José Milhazes
Júlia Fernandes
Kelvin Kamara
Leticia Nascimento
Luísa Morant
Manuel Carvalho da Silva
Manuel João Sampaio Tibo
Marco Alves
Marco António Maria José Falcão
Marta Feio
Martins Bouchenko
Marylise Amour
Miguel Barbosa
Nelson Costa
Otel Saraiva de Carvalho
Paula Costa
Raquel Pinto
Ricardo Acosta
Rodolfo Meléndrez
Rosa Vieira
Rui Silva
Sílvia Lopes
Susana Carvalho
Vânia Silva
Vaso Lourenço

PRESIDENTE

João Luís Nogueira

COORDENADORA EDITORIAL

Ana Luís Nogueira
ter@epatv.pt

DESIGN

Ana Luís Nogueira
Laura Xavier

FOTOGRAFIA

Ana Luís Nogueira
Fernando Morant
Laura Xavier

REVISÃO DE TEXTOS

Arnaldo Sousa

TRADUÇÃO

Clara Sousa

IMPRESSÃO

Empresa do Diário do Minho, Lda.

PERIODICIDADE

janeiro - abril
Quadrimestral

TIRAGEM

700 exemplares
Distribuição Gratuita

DEPÓSITO LEGAL

274265/08

PROPRIEDADE

AMAR TERRA VERDE, LDA

Escola Profissional
Amar Terra Verde
Praça das Comunidades
Geminadas, 1 - Apartado 40
4731-909 Vila Verde
Tlf: 253 322 016
Fax: 253 324 275
Email: geral@epatv.pt
Site: www.epatv.pt

A Revista TER busca manter uma imagem de imparcialidade, respeito à ética e liberdade de expressão em suas publicações. Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores e não vinculam o Grupo Amar Terra Verde.

01

Editorial

João Luís Nogueira

47

Gente

José Quaresma
Miguel Barbosa

49

Escola

74

Qualificações

77

Sucesso

Chef Álvaro Costa

91

Cultura

Aqui Há Cultura!
Sugestões Literárias
Abril em Arte
Poema

105

Saúde

SPO
Equipa Saúde Escolar da UCC

111

Cabeça

03

Destaque

Otelo Saraiva de Carvalho
Vasco Lourenço
"O que podem as Palavras"
Manuel Carvalho da Silva
António Barreto
Carlos Amado
Joana Páris Rito
José Machado
José Milhazes
Vânia Silva

69

Espaço

Nacionalidades
Duas Gerações de 25 de Abril

75

Empregabilidade

82

Mobilidade

MUNDUS
SSPICE IT!
NOSB

102

Tecnologia

A "Revolução das Tenologias" no Ensino

109

Estima

A Liberdade e a Beleza
Como posso tratar do meu cabelo?

Valores de Abril

A revista TER da EPATV completa, com esta edição, o seu quinquagésimo aniversário.

Atingir este número só foi possível pelo inextinguível contributo de Mulheres e Homens, Docentes/Formadores, Tutores e Mentores, Discentes que a trouxeram até aqui, e que escreveram sobre temas educativos, criativos e inovadores, fazendo destas 50 edições a nossa alma aberta aos olhares externos, mostrando o que de melhor fazemos e dando o merecido realce às aprendizagens dos nossos alunos.

Ao longo destes 31 anos de existência, construímos caminhos e sonhos que se traduziram em motivação e confiança, desconstruímos certezas e o Status Quo.

As diferentes atividades que promovemos tiveram e têm sempre o propósito de ser assumidas como aprendizagens educativas e transversais ao currículo, bem como o envolvimento na comunidade – no tecido social e económico – numa necessária aproximação às instituições públicas e privadas, com especial incidência nas empresas que são de crucial importância para o nosso processo educativo e para integração no mercado de trabalho por parte dos nossos alunos.

Permito-me destacar, a este respeito, os seguintes marcos:

Envolvimento de toda a comunidade educativa (da EPATV e externa) na Escola Aberta, que se realiza todos os anos no mês de abril (este ano de 8 a 12), encerrando com a Feira da Empregabilidade que contará com mais de 30 empresas do nosso território, famílias e público em geral;

O aniversário da nossa escola, a 27 de setembro;

O programa Erasmus + que proporciona aos nossos jovens uma experiência única, pela oportunidade de viajar, conhecer outras culturas, outros povos, outras escolas, outras empresas, outras oportunidades na União Europeia, num alargamento de horizontes que constitui, também, um contributo para a igualdade;

O projeto AQUI HÁ CULTURA!, em parceria com a Câmara Municipal de Vila Verde, que se pretende que seja um movimento de envolvimento cívico dos vila-verdenses, levado a cabo pelo segundo ano consecutivo, com 14 atividades que decorrerão ao longo de 2024 trazendo até nós conferencistas de renome nacional e internacional, promovendo debates, exposições, concertos, lançamento de livros, recitais, integrando as comemorações dos 50 anos do 25 de abril promovidas pelo Município.



Esta feliz coincidência dos 50 – 50 edições/50 anos da Revolução dos Cravos - é para nós um orgulho e uma satisfação inigualável.

Quando criada, em 1993, a nossa escola representou um pouco dos ideais de abril que chegavam, então, ao Vale do Homem contribuindo, à nossa escala, para a concretização dos sonhos que a revolução trouxera.

Desenvolvimento e Democratização, a EPATV prima por esses **IDEAIS** e **VALORES** de abril, pois não há Desenvolvimento sem Educação, não há Democracia sem Educação.

Ora aqui está tudo aquilo que consubstancia a nossa Visão e a nossa Missão.

Acresce que emancipação dos nossos jovens se constrói, também, pela participação em ações de Voluntariado e Solidariedade, pela Consciência Ambiental através da participação no projeto Eco Escolas, na caminhada da sustentabilidade, nas jornadas de luta contra o cancro, no Pintar a Páscoa, etc...

Cidadania nas atividades coletivas de apoio e proteção a causas e organismos públicos.

Autonomia e responsabilidade, eis o desafio das Aprendizagens, de envolver os nossos jovens no pensamento crítico, dar-lhes



o desempenho de cargos e tarefas de complexidade elevada para que se projetem e realizem individualmente e coletivamente, de que constituem bom exemplo as Provas de Aptidão Profissional.

Sentimos todos um sentimento de responsabilidade e um orgulho muito grande em poder contribuir para realizar os valores de abril, que esta TER 50 destaca.

A finalizar, porque é notícia de hoje, quando redijo este editorial depois da Páscoa, 2 de abril, é com legítima satisfação que destaco o relatório de avaliação externa das Escolas 2023-2024 da IGEC- Inspeção Geral de Educação e Ciência, realizado em janeiro de 2024.

A EPATV obteve, nesta avaliação, um resultado excelente fruto do empenho de todos, da competente capacidade de fazer, organizar e comunicar, dos diretores, dos docentes, não docentes, discentes, pais e encarregados de educação, autarcas, tutores e empresários, que, durante quatro dias, participaram nessa avaliação.

Aqui fica o meu aplauso, o meu sentido reconhecimento, a minha convicção, uma vez mais reforçada, de estarmos a trilhar o caminho certo!

Quadro resumo da Classificação:

Autoavaliação - Bom
Liderança e Gestão - Muito Bom
Prestação do serviço Educativo - Muito Bom
Resultados - Muito Bom
(académicos, sociais, reconhecimento da comunidade)

JOÃO LUIS NOGUEIRA
PRESIDENTE

Otelo Saraiva de Carvalho

“Estava tão confiante na estratégia definida que nem havia um Plano alternativo para o 25 de Abril”



Há quinze anos, sendo diretor do jornal “O Povo da Barca”, propus aos meus colegas de direção que entrevistássemos Otelo Saraiva de Carvalho a propósito do aniversário do 25 de Abril. Abstenho-me, agora, de enumerar as peripécias – e tantas foram! – até que a entrevista se concretizasse, sendo publicada a 30 de abril de 2009, reincido na sua publicação (sem quaisquer alterações) por considerar que, nos 50 anos da Revolução, o seu interesse e significado histórico permanecem intocáveis.

É uma das figuras mais controversas da História Contemporânea Portuguesa.

Nascido em Lourenço Marques (Moçambique) a 31 de agosto de 1936, estratega e comandante operacional do 25 de Abril, membro do Conselho

da Revolução, comandante do COPCON, candidato presidencial em 1976 e 1980, preso e posteriormente indultado na sequência da sua alegada ligação às FP-25 de Abril, Otelo Saraiva de Carvalho divide opiniões.

Amado e idolatrado por uns, odiado e vilipendiado por outros, o que ninguém lhe pode negar é o lugar que, por direito próprio, ganhou na História de Portugal.

Numa altura em que passam 35 anos sobre o 25 de Abril de 1974, “O Povo da Barca” entrevistou-o.

Aprazada para durar quinze minutos, a conversa prolongou-se por bem mais de uma hora, resultando numa entrevista que, com toda a certeza, ficará para a História do jornal.

O século XX Português: do assassinato de D. Carlos ao 25 de Abril

1908 1 de fevereiro
Assassinato do Rei D. Carlos e do Príncipe Herdeiro D. Luís Filipe.

1910 5 de outubro
Queda da Monarquia.
Implantação da República.

[Segue-se um período de forte instabilidade e agitação social marcado pela queda de sucessivos governos, conspirações monárquicas, dificuldades económicas e financeiras que irão agravar-se com a participação de Portugal na 1ª Grande Guerra].

1914/1918
1ª Guerra Mundial.

1921
Salazar é eleito deputado pelo Centro Católico Português, um partido religioso.

1926 28 de maio
Golpe do Marechal Gomes da Costa instaura a ditadura militar.

1926
Óscar Carmona é presidente da República (será sucessivamente reeleito em 1935, 1942 e 1949).
Morre em 1951.

1926
Salazar é nomeado Ministro das Finanças, mas demite-se passados alguns dias.

1928
Salazar toma posse como Ministro das Finanças do Governo de Vicente de Freitas. Exige direito de veto sobre todas as despesas o que vai permitir-lhe estabilizar as finanças.

“O Povo da Barca” (P.B.) – Há 35 anos, o que levou o então jovem major Otelo Saraiva de Carvalho a aderir ao Movimento dos Capitães, ciente que estava, seguramente, dos riscos que corria?

Otelo Saraiva de Carvalho (O.S.C.) – É conhecido que na origem do Movimento dos Capitães se encontra a guerra colonial, sobretudo o seu doloroso arrastamento. Sem a guerra não haveria o 25 de Abril. O Movimento começa por corporizar uma reação ao Decreto-Lei 353/73 que, ao possibilitar aos milicianos do Quadro Especial de Oficiais ultrapassarem os Capitães do Quadro Permanente mediante a frequência de um curso intensivo na Academia Militar, equiparado aos cursos normais, criava uma situação de grande injustiça.

As nossas reivindicações, os sucessivos manifestos que apresentámos, levaram à suspensão do Decreto, em outubro de 1973, e, em novembro, à demissão do Ministro do Exército e da Defesa Nacional, Sá Viana Rebelo.

P.B. – No entanto, embora começando por assumir reivindicações de carácter corporativo, o Movimento acabou por assumir um carácter político. A partir de que momento se verifica essa evolução?

O.S.C. – A indecisão por parte do Governo, a própria ausência de processos disciplinares, fizeram com que ganhássemos a consciência da sua fragilidade e da nossa força. A partir da revogação do Decreto e da demissão do Ministro, tem início a segunda fase do Movimento dos Capitães. Oficiais das Forças Armadas e das Força Aérea passaram a fazer parte e o derrube do Governo é assumido como objetivo. Era nossa intensão apresentar reivindicações crescentemente mais duras, mais difíceis de concretizar, de tal forma que o Governo, pela demonstração da sua incapacidade, acabasse por cair. Essa situação irá manter-se até 16 de março de 1974.

P.B. – Quando se dá a chamada intentona das Caldas.

O.S.C. – Exatamente. Estive envolvido, não resisti à empatia com alguns camaradas e ao seu voluntarismo e deixei-me arrastar por essa aventura. Mas essa intentona foi um passo decisivo rumo ao 25 de Abril. A reação das forças governamentais inspirou-me para a estratégia que, posteriormente, seguiríamos. É curioso que, a 16 de março, não fui preso por segundos por uma Brigada da PIDE/DGS.

P.B. – A intentona das Caldas foi, então, fundamental?

O.S.C. – Para além da importância no plano militar, que já referi, permitiu-nos sair da ambiguidade em que nos encontrávamos, da convicção de que água mole em pedra dura acabaria por furar. Na altura, foram presos 200 camaradas. Na reunião da Comissão Executiva Coordenadora, a 24 de março, fiz um mea culpa e assumi a responsabilidade da ordem de operações do 25 de Abril. O devolver à liberdade os camaradas presos era um dos objetivos. A 25 de Abril, derrubaríamos o regime fascista e devolveríamos a liberdade ao povo português.

P.B. - Em que momento do 25 de Abril sentiu que a vitória do Movimento das Forças Armadas era irreversível?

O.S.C. – O momento decisivo, também pelo seu dramatismo, é, sem dúvida, a rendição de Marcelo Caetano.

Mas há um acontecimento prévio de grande importância militar e simbólica: quando, no Terreiro do Paço, Forças da Cavalaria 7 e Lanceiros 2, comandadas pelo Brigadeiro Junqueiro dos Reis, se opõem a Salgueiro Maia e este se dirige sozinho, com uma granada na mão, aos carros de combate que, às sucessivas ordens do Brigadeiro Junqueiro para que disparassem, não dispararam. Os soldados não obedecem. Aliás, grande parte da coluna passa para o nosso lado. Atrás de Salgueiro Maia, nessa altura, havia uma enorme multidão de civis. O povo português, ao vir para a rua, manifestou-nos inequivocamente o seu apoio.

P.B. – Importa-se de pormenorizar um pouco o momento da rendição de Marcelo Caetano?

O.S.C. – O Spínola telefonou-me para o quartel de Engenharia 1, na Pontinha, onde estava instalado o comando operacional. Disse-me que havia recebido uma mensagem de Marcello Caetano, pedindo-lhe que fosse ao Quartel do Carmo receber das suas mãos o poder. Acrescentou que tinha dito ao presidente do Conselho que nem pegava em armas, nem tinha nada a ver com o Movimento e perguntou-me se queria ir eu assumir o poder ou se o mandatava para essa missão. Respondi-lhe que se considerasse mandatado pelo Movimento para receber o poder.

P.B. – Versões desses momentos dramáticos vividos no Quartel do Carmo acentuam a extrema dignidade de Marcello Caetano. Confirma essa postura?

O.S.C. – É, de facto, a versão que me chegou. Foi sóbrio e digno, pedindo que o tratassem com a dignidade que julgava merecer. Pela nossa parte, tentámos a todo o custo evitar a possibilidade de um encontro com a multidão. Marcello, juntamente com os Ministros Moreira Baptista e Rui Patrício, acaba por ser transportado para a Pontinha, a bordo da chaimite “Bula”, a salvo de qualquer problema.

P.B. – Teve sempre confiança na vitória?

O.S.C. – Uma grande confiança. Poucos dias antes do 25 de Abril, em casa de Hugo dos Santos, tinha garantido a este e a Vítor Alves que venceríamos. É curioso que Hugo dos Santos começou por ser contrário ao plano de operações que elaborei.

P.B. – Porquê?

O.S.C. – Considerava que deveríamos reunir as Forças num campo aberto e protegido, por exemplo, no campo de instrução militar de Santa Margarida. Fui contra. Mesmo que a Força Aérea se recusasse a bombardear-nos, havia a possibilidade de o fazerem aviões espanhóis, ao abrigo do Pacto Ibérico. Por outro lado, ficaríamos vulneráveis face à possibilidade de haver corte de

1932

Salazar toma posse como Presidente do Conselho (o equivalente a primeiro-ministro).

1933

Publicação do texto da nova Constituição que lança as bases do Estado Novo.

1936/1939

Guerra Civil em Espanha. Salazar apoia Franco.

1937

Atentado à bomba contra o carro blindado utilizado por Salazar.

1939/1945

2ª Guerra Mundial. Portugal não participa.

1940 maio

É assinada a Concordata entre o Estado Português e a Igreja Católica, atribuindo a esta grandes privilégios.

1949

Portugal adere à Nato (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

1951

O General Craveiro Lopes é eleito Presidente da República.

1952

É instituído, em Portugal, o Ensino Primário obrigatório.

1955

Portugal é admitido na ONU.

mantimentos, de energia... Como resistiríamos a esse corte total? Vítor Alves acabou por concordar comigo e perguntou-me que percentagem de sucesso teríamos com o meu plano.

P.B. – O que lhe respondeu?

O.S.C. – Que tínhamos 80% de hipótese de vitória, o que o deixou encantado. Perguntou-me qual seria a alternativa, caso não saíssemos vitoriosos com o Plano de Operações que propus. Respondi-lhe que não havia alternativa. Que iríamos vencer, que em menos de vinte e quatro horas a vitória nos sorriria.

P.B. – Está a dizer que não havia um plano “B”, um plano alternativo em caso de derrota?

O.S.C. – Não havia. A elaboração da ordem de operações constituiu, da minha parte, um trabalho solitário. Recolhi, correndo grandes riscos, toda a informação possível sobre as forças adversárias, de forma a ter um conceito mais alargado das nossas hipóteses. Estava totalmente confiante na vitória.



OTELO SARAIVA DE CARVALAHO E ZECA AFONSO

P.B. – Do seu ponto de vista, quais foram as condições decisivas para o sucesso?

O.S.C. – Considero que houve quatro fatores que se tornaram decisivos: a confiança que o meus camaradas em mim depositaram; a confiança que neles depositei; o papel desempenhado pelo anexo de transmissões, permitindo o contacto permanente do Posto de Comando com as unidades e destas entre si; finalmente, o efeito surpresa.

P.B. – Houve mesmo um efeito surpresa?

O.S.C. – Mesmo depois da tomada de objetivos, em Lisboa, o Governo ignorava que a revolução estava na rua. Através do nosso serviço de escutas, surpreendemos uma conversa telefónica em que o Mistro da Defesa perguntava ao Ministro do Exército se estava tudo em ordem e este lhe respondia: “V. Ex.^a pode estar tranquilo. Durma descansado.” Transmitiram-me esta informação no segundo seguinte. Volto a referir: o papel desempenhado pelo anexo de transmissões foi de primordial importância.

P.B. – Também escutaram o telefonema de Silva Pais [nota da redação: Diretor da PIDE/DGS] para Marcello Caetano?

O.S.C. – Claro. Informava-o, às 05h45 da manhã, que a revolução estava em marcha. Marcello sugere que, tal como sucedera aquando da intentona das Caldas, irá para Monsanto, mas Silva Pais aconselha-o a ir para o Quartel do Carmo. Essa informação foi fundamental. Ficámos a saber onde Marcello estava. Como é sabido, ficará no Carmo até se render.

P.B. -Trinta e cinco anos depois, como vê o país? Como vê a situação política e social em Portugal?

O.S.C. – Com alguma insatisfação. O programa do Movimento das Forças Armadas assumia três grandes eixos: Democratizar, criando um regime democrático parlamentar; Descolonizar, buscando entendimento com os movimentos de libertação, auscultando-os no sentido de saber se pretendiam continuar ligados a Portugal, se queriam a independência; Desenvolver, aspeto importantíssimo do nosso programa, procurando elevar o nível social, cultural e económico das classes mais desfavorecidas. Considero que, em termos gerais, com maior ou menor dificuldade, evidentemente reconhecendo problemas e ambiguidades, os objetivos de democratizar e descolonizar foram cumpridos.

P.B. – Mas não o de desenvolver?

O.S.C. – Não totalmente. Nesse aspeto há, ainda, muito a fazer. As portas de esperança abertas com o 25 de Abril não foram integralmente concretizadas. Quando vejo um quinto da população em situação de pobreza, o desemprego acima dos oito por cento, dez por cento de analfabetos, a corrupção... não posso estar satisfeito.

1958

Candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República. O almirante Américo Tomas é eleito, mantendo-se em funções até 25 de Abril de 1974.

1958

D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto, critica duramente o regime em carta enviada a Salazar.

1959

Golpe da Sé (tentativa de derrube do regime envolvendo altas esferas militares).

1960

Fuga, do Forte de Peniche, de uma dezena de militantes do Partido Comunista Português, entre os quais Álvaro Cunhal.

1961

janeiro
Henrique Galvão, à frente de 23 antifascistas, apodera-se do paquete “Santa Maria”.

fevereiro

Assalto às prisões civis e militares de Angola. Início da Guerra Colonial.

abril

Tentativa de golpe liderada por Botelho Moniz.

agosto

Início da construção do muro de Berlim.

novembro

Operação Valô (avião da TAP desviado por Hermínio da Palma Inácio). Militares com ligações a Humberto Delgado tentam apoderar-se do Regimento de Infantaria 3, em Beja.

dezembro

45 mil soldados indianos invadem Goa, Damão e Diu. Fim do Estado Português da Índia.

1963

Início da Luta Armada na Guiné.

1964

Início da Luta Armada em Moçambique.

1965

A PIDE assassina o General Humberto Delgado.

1968

A queda de uma cadeira, no Forte de Santo António do Estoril, provoca a Salazar um hematoma cerebral.

(setembro) – Marcelo Caetano sucede a Salazar, “Primavera Marcelista”.

1970

Morte de Salazar.

1974

fevereiro
António de Spínola publica “Portugal e o Futuro” onde propõe um modelo federalista para o Portugal Multicontinental.

16 de março

Golpe das Caldas, tentativa fracassada de derrube do regime.

25 de abril

Golpe Militar põe termo a 48 anos de ditadura em Portugal. •

ARNALDO VARELA DE SOUSA
EX-DIRETOR “O POVO DA BARCA”
DEP. COMUNICAÇÃO E IMAGEM

P.B. – Sente que Portugal reconheceu e reconhece o papel desempenhado pelos militares de Abril?

O.S.C. – Aqueles que têm assumido responsabilidades políticas – Primeiros-Ministros, Presidentes da República – não deram ou dão mostras desse reconhecimento. Lembram-se de nós no 25 de Abril, mas, ao longo do ano, têm procurado esquecer-nos. Reparem que, logo após a revolução ter saído vitoriosa, demos o exemplo, distinguindo militares que lutaram contra o fascismo, como Humberto Delgado.

P.B. – Há alguma mágoa nas suas palavras...

O.S.C. – Arriscámos carreiras, famílias, as nossas vidas... O reconhecimento tem sido diminuto e extemporâneo. Não queríamos honrarias, apenas justiça. No dia 25 de Abril de 1974, quando chegou à Pontinha, Spínola abraçou-me e disse: “A Pátria está-vos agradecida”. Depois, muito ao seu estilo, virou-se para o Almeida Bruno dizendo-lhe que tomasse nota do nome de todos os oficiais para que fôssemos promovidos. Recusámos liminarmente, acrescentando que apenas pretendíamos o reconhecimento do povo. Levámos os ideais de Abril ao ponto de recusarmos promoções.

P.B. – Quem é, hoje, o cidadão Otelo Saraiva de Carvalho? O que o interessa? O que o motiva?

O.S.C. – Mantenho-me equidistante da vida política ativa. Mas acompanho, estou informado...faço conferências, palestras, participo em debates, leio... Entre 1992 e 2003, empenhei-me numa pequena empresa que importava e exportava produtos de e para Angola, sobretudo bens alimentares e calçado. E tenho projetos para concretizar.

P.B. – Não os revela?

O.S.C. – Pretendo escrever as minhas memórias do PREC. Quero publicar um livro sobre esse período. •





VASCO LOURENÇO

“NOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL, OS PORTUGUESES DEVEM PERGUNTAR-SE SE ACEITARIAM VIVER NUM PAÍS SEM LIBERDADE!”

Foi um dos principais protagonistas do Movimento das Forças Armadas que, há 50 anos, devolveu a Liberdade ao povo português. Sendo um dos grandes impulsionadores do Movimento, pertenceu à sua Comissão Coordenadora.

Preso e transferido compulsivamente para Ponta Delgada nas vésperas da Revolução, é dos Açores que assiste ao 25 de abril. Regressado ao Continente, integra, a partir de julho de 1974, o Conselho de Estado e, mais tarde, o Conselho dos Vinte e o Conselho da Revolução de que foi porta-voz.

Primeiro subscritor do Documento dos Nove, que inflete, em 1975, o rumo dos acontecimentos políticos, é, por todos os motivos, um ator da História a quem Portugal muito deve.

Fundador e atual presidente da Associação 25 de Abril, entrevistá-lo quando se comemoram os 50 anos da Revolução dos Cravos foi tarefa que assumimos como um dever.

Ter - Tendo sido preso pouco antes do 25 de Abril e enviado compulsivamente para Ponta Delgada, como viveu, à distância esse dia?

Vasco Lourenço - Partindo para Ponta Delgada no dia 15 de março de 1976, sou surpreendido com o 16 de março no dia seguinte. Desconhecendo o que se passou, temi pelo desmantelamento do Movimento. Só a 22, com a chegada do Melo Antunes, pude conhecer o que se passara, descansando ao saber que o Movimento continuava e tudo avançava para o nosso objetivo de libertação do país da ditadura fascista e colonialista.

De qualquer forma, estávamos preparados para intervir em S. Miguel, no sentido de controlarmos a ilha.

Conhecedores do plano de Salazar para fazer frente a um golpe vitorioso no Continente – fuga para S. Miguel e pedido de apoio aos aliados – admitindo que Marcelo Caetano mantivesse o mesmo plano, preparámo-nos para fazer a devida receção ao ditador, caso conseguisse fugir para Ponta Delgada.

A ação do MFA, que tudo resolveu rapidamente, incluindo a prisão de Marcelo Caetano, não nos permitiu “ficar na fotografia”.

Assim como tornou desnecessária qualquer das outras duas hipóteses consideradas: caso a ação do MFA no Continente não se resolvesse rapidamente, a nossa ocupação do Poder em S. Miguel, com a declaração de apoio ao MFA, iria fazer pender o prato da balança para o nosso lado; caso o MFA fosse derrotado, uma ação suicida nossa - ocupação de S. Miguel e declaração de apoio ao MFA com a exigência de libertação dos camaradas presos, o que provocaria um escândalo internacional.

Com o Otelo, que me substituiu no comando das operações, tudo correu bem, comigo falta fazer a prova, o que é, naturalmente, impossível.

Ter - Mas sabia que a ação decorreria no dia 25?

VL - Tendo enviado um código ao Otelo, através de um Capitão da Força Aérea (Estevinho) que fizera uma visita aos Açores acompanhando um curso de cadetes numa viagem de estudo, para que ele enviasse um telegrama à sogra do Melo Antunes a dar-nos conhecimento da data-hora de início da operação militar, no dia 24 de abril, perto das 12H00, chegou o telegrama com a mensagem “Tia Aurora segue EUA 25.03.00. Um Abraço. Primo António”.

Eram cerca das 18H00 quando Melo Antunes regressou ao Q.G. da ZM Açores onde eu estava de oficial de serviço e me deu conhecimento do telegrama.

A partir daí acionei o plano preparado, convoquei os dois oficiais das Unidades da Ilha de S. Miguel (Regimento de Infantaria e Grupo de Artilharia)

informei-os da situação, preparando-nos para atuar de acordo com o que decidáramos.

Ao mesmo tempo, alertei o meu adjunto e elemento de ligação aos oficiais milicianos (Alferes David Lopes Ramos) para que colocasse tudo sobre rodas.

Pensando que se fosse eu a comandar as operações, procuraria ocupar uma emissora de rádio difusão para difundir mensagens à população e, em situação de emergência, utilizá-la para comunicações com as minhas tropas, admiti que o Otelo tivesse a mesma ideia. Por isso, a partir das 01H15 (duas horas mais cedo que no Continente) comecei a fazer zapping no rádio, esperançado em que o Otelo o tivesse feito.

De repente, pouco depois das 02H20 (04H20 no Continente), caí num posto que estava a emitir um comunicado: “Pede-se à população que não saia de casa, pede-se aos médicos e aos enfermeiros que acorram aos hospitais...”

Terminado o comunicado, irrompe uma marcha militar que, nos cerca de três a quatro minutos que durou, ouvi, passeando no gabinete e sussurrando “é nosso ou é deles, é nosso ou é deles?” ...

Depois dos minutos mais longos vividos nos meus então 31 anos e 10 meses, parou a marcha militar e foi retransmitido o comunicado. Ao ouvir “Aqui, Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas...” saltei que nem um louco, exclamando “Ganhámos! Ganhámos! Ganhámos!”.

Isto, porque nunca duvidei que, estando já a transmitir um comunicado, o MFA iria vencer.

Logo telefonei ao David Lopes Ramos que avançou rapidamente para o Q.G. e começou a ouvir a BBC que, transmitindo informações sobre o que se passava, foi a minha principal fonte de informação (além do Rádio Clube Português, emissora ocupada pelo MFA, de onde transmitia os seus comunicados).

Chamei ao Q.G. o Major Melo Antunes, assumi o controlo do Q.G. cujo Almirante Comandante Militar rapidamente aceitou o nosso comando, principalmente depois de lhe apresentar o rascunho do Programa do MFA e o pôr em contacto com o Posto de Comando de onde, a meu pedido, lhe ordenaram que a partir dali deveria obedecer ao Capitão Vasco Lourenço e ao Major Melo Antunes.



Ter - Como estabelecia contacto com os seus camaradas no Continente?

Servi-me da minha mulher que, professora do ensino primário, fora passar as férias da Páscoa comigo (casados em fins de setembro de 1973, em plena conspiração, a nossa lua de mel só se pôde concretizar em S. Miguel...), para obter algumas informações e mas comunicar numa carta normal, inserindo “frases código” no texto, previamente definidas por mim, ou não fosse eu um criptólogo.

Para além disso, como já referi, enviei um código ao Otelos para me informar acerca da hora e data do início da operação. O resto seria comigo e com o Melo Antunes. Como aconteceu...

Ter - Receeu, em algum momento, que a operação falhasse?

VL - Se o 16 de março me criara forte desânimo, a partir da chegada do Melo Antunes, conhecedor como era de toda a estrutura e organização do Movimento, confiei sempre no nosso sucesso. E, como disse, assim que constatei a ocupação de uma emissora de rádio difusão, tive sempre a convicção da nossa vitória. Como aconteceu...

Ter - Qual foi, em sua opinião, o momento decisivo para a vitória?

VL - Além da maneira como a operação foi conduzida – saída de todas as forças envolvidas à hora H - , o que fez com que quando Salgueiro Maia, comandando a força da EPC, que saíra de Santarém às 03H00, chegou a Lisboa (05H30/05H45), já todos os objetivos constantes da ordem de operações estivessem conquistados (RCP, RTP, EN, QG/RML, Aeroporto), o momento decisivo terá sido o episódio da zona do Terreiro do Paço (Ruas do Arsenal e da Ribeira das Naus), só possível porque Jaime Neves não cumprira a missão a que se comprometera, ou seja, com dois grupos de comandos prender os oficiais do Regimento de Cavalaria 7. Em resultado desse incumprimento, esses oficiais da principal Unidade apoiante do Governo conseguiram avançar com uma importante força (de Carros de Combate), tentando fazer frente ao MFA. Valeu-nos a ação de um Alferes, de um Furriel e de um Cabo que, na sequência da atitude do Coronel Comandante do RC7 que lhes gritara “eu sou o Comandante, ninguém faz fogo sem eu ordenar”, se recusaram a obedecer ao Brigadeiro Segundo Comandante da RML, que estava comandando essa força e, desesperado, ordenou fogo sobre Salgueiro Maia e os seus homens. Esse foi, para mim, o momento decisivo.

Poderíamos ter vencido – o MFA dominava praticamente todo o país – mas tudo teria sido diferente, muito mais complicado e difícil, se esses homens não se tivessem recusado a cumprir a ordem de um Brigadeiro que, temos de salientar, foi um dos poucos apoiantes do Governo que se portaram com galhardia. A grande maioria “meteu-se debaixo das secretárias” e não esboçou o mínimo gesto de defesa do regime...

Ter - O Movimento dos Capitães tem a sua génese numa questão corporativa (decreto que possibilita o acesso dos milicianos ao quadro permanente). Em que momento se transforma em contestação política à ditadura e assume a necessidade da mudança de regime?

VL - A História não é tão simples como isso. Considero que, para além do mal-estar que de há muito se vinha gerando e instalando no seio dos oficiais, nomeadamente no que respeitava à Guerra Colonial – o regime olhava para ela como solução, muitos militares consideravam urgente procurar uma solução política para alcançar a Paz – tudo “terá começado” com a contestação ao Congresso dos Combatentes que o regime organizou no Porto, nos dias 1 a 3 de junho de 1973. Depois disto, depois do total fracasso imposto aos organizadores do Congresso, um grupo de oficiais vinha discutindo “que fazer, para aproveitar a força que haviam verificado possuir, se se organizassem?”. O Poder não fora capaz de reagir a uma atitude de indisciplina dos 420 oficiais contestatários do Congresso. Foi quando surgiu essa questão corporativa, que os mais conscientes e decididos aproveitaram de imediato, para avançar para a organização de um Movimento, que permitisse a ação de mudança do regime.

Pessoalmente, quando em 09 de setembro de 1973, avanço para a reunião de Alcáçovas, por mim organizada como coordenador de um pequeno grupo de oficiais – reunião onde compareceram 136 oficiais – não ia a pensar nos decretos ou nos problemas corporativos. Como aliás tive oportunidade de provar, menos de dois meses depois, quando o Governo nos tentou comprar, primeiro com a anulação dos decretos, depois com cerca de duzentas promoções e mais tarde com chorudos aumentos de vencimentos, esclarecendo o oficial através do qual o Governo nos fez saber que iria “fazer-nos todas as vontades, pelo que deveríamos dar-lhe um cheque em branco”. À sua acusação de que eu, em Alcáçovas, já não pensava nos decretos, respondi, “mas eu nunca te enganei! Eu sempre afirmei que os decretos pouco me importavam!”.

Ter - Não considera ter havido uma perda de protagonismo do Movimento com a constituição da Junta de Salvação Nacional e particularmente com a sua chefia por parte do general Spínola?

VL - Certamente que sim. O que posso dizer-lhe é que, pouco depois do 25 de Abril, já vários camaradas meus do Movimento (lembro especialmente o Victor Alves, membro da Direção do Movimento, juntamente comigo e o Otelos) afirmaram que “Se o Vasco Lourenço cá estivesse, a Junta de Salvação Nacional, e nomeadamente o seu Presidente, não tinham sido como foram”.

O facto é que, regressado a 29 de abril de Ponta Delgada, nesse mesmo dia comecei a ser “a besta negra” de Spínola, e considero que fui peça fundamental para evitar que ele alcançasse êxito no projeto de poder pessoal que, sem dúvida, tinha.

Ter - Descolonizar, Desenvolver, Democratizar, foram os grandes objetivos. Que balanço faz 50 anos depois?

VL - Quanto à descolonização, realizada com vários anos de atraso, prefiro chamar-lhe Descolonização/ Independência, Independência/Descolonização. Nas condições em que se realizou, considero muito difícil, se não impossível, conseguir-se fazer melhor. Importa ter presente que a Guiné declarara a Independência, unilateralmente, em setembro de 1973, e, em 25 de Abril de 1974, já estava reconhecida por mais países do que aqueles com quem Portugal tinha relações diplomáticas (o “orgulhosamente só” de Salazar, prosseguido por Marcelo Caetano), como importa reconhecer o caso específico de Timor-Leste, onde a Indonésia interveio diretamente, é certo que devido a enormes erros de responsáveis timorenses. O facto é que foi possível a criação de novos países independentes, que falam o português e estão ligados na comunidade dos países lusófonos, os PALOP's.



VASCO LOURENÇO E OTELOS SARAIVA DE CARVALHO

Ter - Poderia ter corrido melhor...

VL - Podia ter corrido melhor? Certamente, principalmente se não tivesse acontecido após uma longa guerra em três das antigas colónias. Salvou-se o essencial, ou seja, boas relações desses novos países com Portugal. Quanto aos enormes problemas com que se confrontaram após as independências, nomeadamente os que enfrentaram guerras civis, já são resultantes deles próprios, dos seus povos e dirigentes, não podem ser associados à antiga potência colonizadora, isto é, a Portugal.

Ter - E quanto ao objetivo de desenvolver?

VL - Após um enorme avanço, nos tempos que se seguiram ao 25 de Abril, nomeadamente no desenvolvimento social (que não económico, pois as sabotagens dos inimigos da Democracia tiveram forte influência), temos vindo a assistir a um acentuado retrocesso. Sendo este o D que se considera menor conseguido, que está mais por alcançar, o facto é que não podemos assacar a culpa aos "outros". Temos sido nós, os portugueses em conjunto, que não temos sido capazes de nos organizar melhor, fazer as escolhas devidas e realizar o que é necessário para que o Desenvolvimento capaz – económico, mas também cultural e social – seja uma realidade.

Ter - Parece-lhe que o objetivo de Democratizar é o mais conseguido?

VL - Este é um D que parece estar cumprido, mas que considero muito aquém do que poderíamos ter alcançado.

É certo que não há Democracias perfeitas – a Democracia é o pior de todos os sistemas políticos com exceção de todos os outros. Pessoalmente, continuo a considerar preferível uma má Democracia a uma "boa" ditadura, mas também considero que tínhamos, temos o dever de tornar menos má a nossa Democracia.

Íamos sendo pioneiros, em 1974/75, quando tentámos conciliar a Democracia Representativa (ou parlamentar) com a Democracia Participativa (ou direta). Falhámos nessa empreitada, na minha opinião pela ação dos "defensores" da Democracia Participativa. Não soubemos "separar as águas", cada um assumindo as respetivas responsabilidades.

Hoje, a Democracia está cheia de falhas, cometem-se enormes erros... depois das eleições regulares, é raro ver os eleitos a tentar defender os interesses dos eleitores.

A Democracia quase que se resume a uma luta pela conquista do poder.

Uma vez conquistado, os vencedores esquecem-se das promessas feitas, dos compromissos assumidos e, em vez de servirem, procuram servir-se!

Como Capitão de Abril, é esta uma das minhas desilusões, é este um dos meus maiores desenganos: os cidadãos portugueses deixaram-se cair num estado de egoísmo, de individualismo, alheiam-se da atividade cívica, participam muito pouco no que devia ser um imperativo coletivo.

Ter - Como vê, hoje, o regime? O que mais o faz sentir que o 25 de Abril se cumpriu, o que mais o preocupa?

VL - Portugal, com todos os defeitos que a sua sociedade comporta, é bastante diferente e melhor do que era em 25 de Abril de 1974.

Para além da Liberdade, da Democracia, da Paz, evoluímos muito no campo da Educação. O retrocesso da justiça social, com o aumento do fosso entre os mais pobres e os mais ricos - resultante essencialmente da gritante desigualdade do repartir as mais valias da produção, entre o Capital e o Trabalho, tudo agravado pelo facto de a mais valia da intervenção das máquinas ir toda para o Capital, bem como com o escandaloso aumento do diferencial salarial - com o aumento da pobreza, com o regresso de uma acentuada emigração, à procura de melhores condições de vida, faz perigar a Democracia, cria espaço para o crescimento de forças populistas, demagógicas e antidemocráticas.

Continuo esperançado em que os portugueses não se decidam pelo regresso a um passado de repressão e supressão das Liberdades.

A História é feita de ciclos, confio que o ciclo da Liberdade, da Paz e da Democracia não termine em Portugal, dando origem a um acentuado aumento da injustiça Social.

Isso depende essencialmente de nós.

Abril ter-se-á cumprido, no seu essencial, mas Abril, como projeto de Liberdade, Paz, Democracia e Justiça Social será sempre um projeto inacabado.

Assim o queiram os Portugueses!

Ter - Não acha que existe um certo branqueamento, uma certa normalização do regime do Estado Novo?

VL - É natural. Os defensores do "antigamente" nunca desistiram. Desde o próprio 25 de Abril, que tentaram recuperar terreno. Nestes 50 anos estiveram perto de conseguir atingir os seus objetivos. Abril conseguiu sempre evitá-lo. Mas, eles não desistem e continuam por aí. E uma maneira de conseguirem atingir os seus objetivos é convencerem os incautos, os desprevenidos, os ignorantes, nomeadamente os que não conheceram esses tempos de ditadura (o termo Estado Novo já é, por si, um enorme branqueamento da ditadura) que "aquilo não era tão mau como o pintam"! Cabe aos democratas não permitir esse branqueamento... Como? Nomeadamente não esquecendo, não perdendo a memória, acentuando os devidos esclarecimentos. Com iniciativas concretas, como a criação do Centro Interpretativo do 25 de Abril – onde se procurará mostrar "O que se fez, como se fez e, principalmente, porque se fez".

Ter - Acha que o programa das comemorações do cinquentenário faz justiça à importância histórica do 25 de Abril?

VL - É um tema que não gostaria de tratar especificamente. Quer a Associação 25 de Abril, quer eu pessoalmente, estamos a colaborar nas Comemorações oficiais, para além dos atos próprios que, de acordo com os nossos estatutos, organizamos. Como o fazemos todos os anos.

Somos críticos em relação à forma como, desde o início se têm organizado as comemorações.

Nem sempre concordámos com as opiniões e decisões dos responsáveis maiores.

É nosso propósito contribuir para que as comemorações atinjam os objetivos que o 25 de Abril merece e justifica.

Estamos esperançados em que as comemorações possam contribuir para que os portugueses desejem e consigam manter e fazer perdurar as portas que os Capitães de Abril, através do MFA, abriram a Portugal e aos portugueses, em 25 de Abril de 1974: uma sociedade Livre, em Paz, em Democracia, com Fraternidade e com mais Igualdade e conseqüente Justiça Social.

Ter - Casos como o de Salgueiro Maia, ao tempo do governo de Cavaco Silva, não indiciam uma certa ingratidão do país em relação aos capitães de Abril?

VL - Se me fala em ingratidão dos governantes e principais responsáveis políticos, nestes 50 anos, terei de responder afirmativamente (não vou repetir os muitos exemplos passíveis de justificar esta opinião). Se me fala no país, através do seu povo, a resposta já é diferente. Continuamos a sentir-nos bem, com o carinho e a consideração que os portugueses, de uma maneira geral, têm para connosco. Pessoalmente, tenho imensas e permanentes provas desse carinho e consideração, que me sabem muito melhor que as "palmadinhas nas costas" de muitos dos que têm passado pelo Poder...

Ter - Quer deixar uma mensagem aos portugueses nestes 50 anos do 25 de abril?

VL - Sim. Não desistam de lutar pelos vossos interesses, pelos valores em que acreditam! Não deixem que os outros decidam por vós, o que acontecerá se se absterem dos vossos deveres de participação cívica, enquanto cidadãos. Sejam cidadãos "de corpo inteiro". Por fim, perguntem a vocês mesmo se aceitariam viver num País sem Liberdade. E se a resposta for não, como confio que seja, tenham a coragem necessária para lutar por essa Liberdade! •

ARNALDO VARELA DE SOUSA
DEP. COMUNICAÇÃO E IMAGEM



“O Que Podem As Palavras”

Um filme de Luísa Sequeira e Luísa Marinho



O documentário “O Que Podem As Palavras” é o fruto de mais de dez anos de trabalho e de muitos mais anos de investigação.

A INVESTIGAÇÃO

A Luísa Sequeira e a Luísa Marinho foram desafiadas a fazer um documentário sobre a publicação do livro “Novas Cartas Portuguesas” (1972). O convite tinha vindo da poeta Ana Luísa Amaral, apaixonada estudiosa da obra, que liderava um projeto de investigação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em parceria com o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, onde procurava reunir informação e demonstrar o alcance que o livro e seu

respetivo estudo tiveram tanto geográfica como temporalmente. Este projeto resultou na publicação “Novas Cartas Portuguesas — Entre Portugal e o Mundo”.

Entre 2013 e 2014, as realizadoras e a equipa de investigação, organizaram e filmaram entrevistas informais com as três autoras: Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. As autoras receberam-nas nas suas casas e tiveram maravilhosas

conversas filmadas com a sua amiga Ana Luísa Amaral. O plano era que estas primeiras conversas fossem uma espécie de “pesquisa”, para que mais tarde as realizadoras, já com uma equipa de filmagem “a sério”, fizessem as entrevistas “a sério”.

Começou um processo longo de procura de financiamentos e apoios que nunca chegaram. O projeto foi colocado “na gaveta”, enquanto outros trabalhos foram mais urgentes, e assim passaram alguns anos.

AS “TRÊS MARIAS”

Eu fui convidada para entrar no projeto em 2018, pela mão de uma das realizadoras, a Luísa Sequeira. O meu papel seria de produtora e montadora.

Foi nesta altura que me envolvi no projeto e li pela primeira vez o livro “Novas Cartas Portuguesas”. A sensação que tive ao entrar no mundo das Três Marias pela primeira vez, foi de total assombro: “como é que eu nunca tinha ouvido falar deste livro?”, “como é que à distância de 40 anos, o que as mulheres sentiam em relação à sua vida em sociedade e em família, era exatamente o mesmo que eu sentia?”, “quem eram estas mulheres incríveis que escreviam coisas que pareciam arrancadas do meu peito?”

Para contextualizar um pouco, para quem nunca leu e não conhece o livro, “Novas Cartas Portuguesas” é uma obra

epistolar, ou seja, é escrita em formato de carta. São muitas cartas. Algumas em prosa, outras em poesia, umas em resposta a outras, outras somente dedicadas a um destinatário ficcional.

Nestas cartas, e desempenhando diferentes personagens e papéis, as autoras traçam um retrato bastante preciso e acintoso acerca do papel da mulher em casa como esposa, como filha, como mãe; na sexualidade; na sociedade; e na política. Estes “retratos” questionam toda a organização social da época, tecendo duras críticas ao regime político e à guerra colonial.

A forma livre e destemida como as autoras abordam cada uma destas temáticas, coloca-as na mira da PIDE/DGS que censura e apreende a obra, dois dias

depois da sua publicação, e as acusa de atentado ao pudor, por terem escrito um livro “pornográfico”.

Entre 1972 e 1974, as três autoras enfrentam um julgamento político, disfarçado de julgamento de defesa da moral e bons costumes. Assim, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa resolvem pedir ajuda internacional e contactam os movimentos feministas que, na altura, começavam a surgir um pouco por todo o mundo. As Três Marias, tornam-se na primeira missão do primeiro Movimento Feminista Internacional, que congrega grupos de todo o mundo, em torno da mesma causa: libertar as autoras das “Novas Cartas Portuguesas”.

Esta era a história que queríamos contar.

A PRODUÇÃO DO FILME

Em 2020, em pleno confinamento do COVID-19, conseguimos um pequeno apoio para produzir o filme, e foi a partir daí que a produção efetivamente começou.

Infelizmente, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa faleceram durante o tempo em que o projecto buscava financiamento, por isso, as conversas “informais” foram a base de todo o filme. E que conversas...

Se enquanto produtora o meu trabalho é procurar financiamentos e apoios para tornar o filme possível, enquanto montadora tenho a oportunidade de explorar todas as filmagens disponíveis e ajudar a contar a história.

No caso do “O Que Podem As Palavras” tive o enorme privilégio de poder ouvir as conversas das autoras com a Ana Luísa Amaral. São horas e horas com três mulheres magníficas, onde elas falam sobre tudo. Desde história, o seu processo criativo, antropologia, filosofia. Para mim, foi como se eu fosse convidada a fazer parte daquela partilha e me tivesse tornado amiga delas também.

A seleção de entrevistas para montar o “esqueleto” da história, foi complicada, porque tivemos que abdicar de alguns momentos maravilhosos, mas que não contribuíam para o “todo” que é o filme. Durante a montagem, resumir e concretizar a história, são as principais preocupações.

É aqui que o filme ganha forma.

Fizemos mais algumas entrevistas, para complementar a história e ter diferentes perspetivas. Convidámos a atriz Mia Tomé para dar voz às cartas e assim trazer-lhes mais calor. E finalmente rematámos todo o trabalho visual com o extraordinário artista Sama, que com as suas ilustrações, colagens e animações, deu vida aos relatos e peripécias revelados nas entrevistas.

Seguiu-se o trabalho de criar ambientes sonoros e misturar todo o áudio, o que foi um trabalho incrível do designer de som Maurício D’Orey, que conseguiu disfarçar o facto de que cada entrevista tinha sido gravada com um microfone diferente e em circunstâncias muito distintas.

O filme ganhou o Prémio do Público para Melhor Filme Português no DocLisboa 2022 e foi o documentário português mais visto nos cinemas em 2023.

“O Que Podem As Palavras” é um dos filmes em que mais gostei de trabalhar. Desde o início assumimos, e creio que concretizámos, a enorme responsabilidade que tínhamos em mãos: trazer para os dias de hoje a história destas mulheres notáveis e passar a palavra sobre as “Novas Cartas Portuguesas” para as novas gerações: a minha e as que vierem a seguir. •

ANA ALMEIDA

PRODUTORA “O QUE PODEM AS PALAVRAS”



José Cardoso Fontão, o oficial que ocupou o Rádio Clube Português e o Quartel-General da Região Militar de Lisboa

Naquele dia, há 50 anos, o então major José Cardoso Fontão completava 43 anos de idade. Não podia ter melhor prenda de aniversário do que a vitória do Movimento das Forças Armadas.

À frente do Batalhão de Caçadores número cinco, obteve a rendição do Quartel-General da Região Militar de Lisboa e ocupou o Rádio Clube Português a partir do qual, às 04h26 daquela madrugada de 25 de abril, seria lido o primeiro comunicado à população.

Natural de Vieira do Minho, prestes a completar 92 anos e muito debilitado pela doença, coube à filha, Isabel, procurar reavivar-lhe recordações na sequência de contacto efetuado pela TER.

“Correu tudo muito bem. Apenas tivemos alguma oposição na tomada do Quartel-General. Juntei dois em um: a libertação do povo português de uma ditadura e o meu aniversário”.

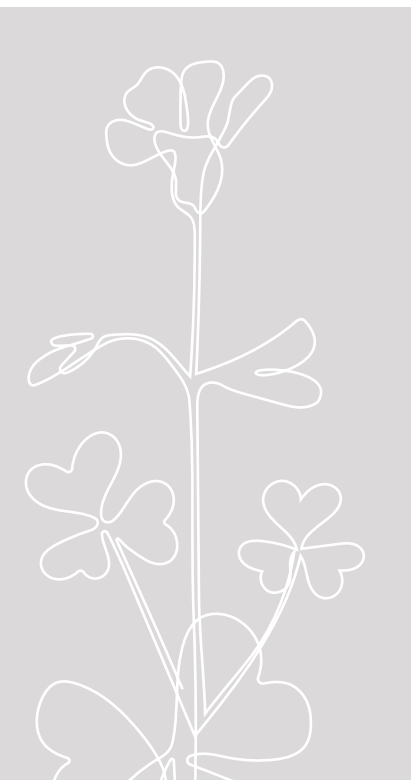
25 de Abril SEMPRE!!

O que existe de mais belo do que a liberdade? Podermos escolher quem somos e lutarmos por aquilo que acreditamos sem barreiras sem fronteiras sem censuras... Existe sempre uma revolução para ser feita dentro e fora de nós... Que as nossas armas sejam cravos e que o nosso passado seja sempre um exemplo de que temos de viver o 25 abril todos os dias.

AFONSO MALTEZ
ILUSTRADOR

Manuel Carvalho da Silva

“O sindicalismo é um
ancoradouro da democracia”



É uma figura histórica do sindicalismo português. Foi operário electricista, planificador de trabalho, coordenador e secretário-geral da CGTP-Intersindical Nacional entre 1986 e 2012. Licenciado e doutorado em Sociologia pelo ISCTE-IUL, é coordenador do Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Proteção Social (CoLABOR) e do polo de Lisboa do CES da Universidade de Coimbra. Foi, designadamente, Professor Catedrático convidado da Universidade Lusófona, Vice-Presidente do Conselho Geral

da Universidade do Minho e coordenador do Observatório Sobre Crises e Alternativas e é autor de vários livros e capítulos de livros e de centenas de artigos sobre trabalho, emprego, sindicalismo, Estado Social, Europa e globalização.

A Ter entrevistou-o sobre o contributo do movimento sindical para o derrube do Estado Novo e sobre as grandes questões que a contemporaneidade coloca ao mundo do trabalho.

Ter – Quando se dá a sua aproximação ao movimento sindical?

Manuel Carvalho da Silva – A minha inscrição no sindicato - Sindicato dos Electricistas do Norte - ocorreu no início de 1966. Depois de concluir o Curso de Formação Montador Electricista na Escola Carlos Amarante, em Braga, quando comecei a trabalhar como operário electricista no Porto.

No regresso da guerra colonial, em abril de 1972, fui trabalhar (e fazer formação em organização de trabalho) para a Chromolit Portugal, próximo das Caldas das Taipas. Em agosto de 1973 fui despedido (era considerado bom trabalhador) por não aceitar algumas imposições patronais. Aí surgiu o meu primeiro contacto com o Sindicato, na pessoa do dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos de Braga, Manuel Silva, ativo militante católico, extraordinário ser humano e grande sindicalista nos planos regional e nacional. Como já tinha a percepção de poder ser despedido, havia concorrido para outras empresas e rapidamente entrei nos quadros da Eletromecânica Portuguesa Preh, na Trofa. Fui dirigente sindical muitos anos, mas mantive sempre alguma ligação à empresa, a cuja Comissão de Trabalhadores pertenci desde 1974 até 2011. Até comecei por pertencer ao que, no contrato de trabalho negociado no final de 1973, se designava por Comissão Mista - uma parte trabalhadores eleitos, outra parte quadros indicados pela Administração. Fui delegado sindical na empresa; em junho de 1975 fui eleito membro do Secretariado da União de Sindicatos do Porto; no início de 1976, dirigente do Sindicato dos Electricistas do Norte, em representação do qual fiz parte da Comissão Organizadora do “Congresso de Todos os Sindicatos”. Nele (o 2º da Intersindical em janeiro de 1977) fui eleito para o Secretariado Nacional da Confederação

Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional (designação adotada pela 1ª vez) e passei a integrar a sua Comissão Executiva com a responsabilidade da área de organização. O meu percurso a partir daí é mais conhecido.

Ter – De que forma o sindicalismo foi uma forma de resistência ao Estado Novo? De que forma contribuiu para a queda do regime?

MCS – O sindicalismo começou por resistir à criação dos “Sindicatos Nacionais” corporativos, impostos pelo Estatuto do Trabalho Nacional (1933), modelo inspirado na “Carta del Lavoro” do fascismo italiano. A greve geral de 18 de janeiro de 1934 e muitas outras duras lutas desse período integraram-se nessa resistência. Contudo, o corporativismo sindical foi sendo imposto pelo regime e tornou-se relevante instrumento da ação política do fascismo português, do Estado Novo.

A ação dos Sindicatos Nacionais não impediu o desenvolvimento de importantes lutas operárias e sindicais, por exemplo nos anos quarenta, aproveitando o contexto da saída da II Guerra Mundial e a ação do Partido Comunista Português, partido que defendia que os trabalhadores deviam tentar conquistar os “Sindicatos Nacionais” por dentro, formando listas para ganhar as suas direções (esta orientação foi adotada também pelos movimentos operários católicos progressistas). Entretanto, Portugal começou a registar pequenos passos de mudança na década de 60: alguma entrada de multinacionais a aproveitarem os nossos baixos salários; os primeiros sinais da terciarização da economia; o processo migratório interno e o impacto social e político forte, vindo da emigração e da guerra colonial. Neste quadro, intensificou-se a luta operária e sindical.

Na segunda metade da década de 60, aquelas listas começaram a somar vitórias criando uma dinâmica laboral e social nova, transformadora, muito participada e disseminada por praticamente todo o país, apesar da repressão e da prisão de sindicalistas. É nesse contexto que surgem as Reuniões Intersindicais - a 1ª convocada a 01 de outubro de 1970 e realizada no dia 11 - que rapidamente se consubstanciaram, na prática, em Central Sindical, a Intersindical.

Com esse avanço organizacional veio uma forte agenda que incluía: i) a contratação coletiva com conteúdos inovadores; ii) a redução do horário de trabalho, desde logo, a exigência da “semana inglesa”; iii) propostas para a segurança social com excelentes teses; iv) reclamação das liberdades em geral, e a de reunião em particular; v) propostas para o Salário Mínimo Nacional (SMN); vi) a reclamação do dia 1º de Maio como feriado. Em 73/74, centenas de milhares de trabalhadores participaram em lutas laborais. Este sindicalismo foi importantíssimo na luta contra o fascismo e veio a ser relevante contributo no desenvolvimento da nossa Democracia.

Ter – Aquando do 25 de Abril, houve articulação entre os sindicatos e o Movimento dos Capitães?

MCS – Não faltavam vasos comunicantes. Deve ter-se presente que o Movimento dos Capitães se organizou com um programa consistente e atual. Os seus autores conheciam bem os anseios do povo, os objetivos e respostas prioritárias, logo, também, as dinâmicas políticas e sociais. E a dimensão da luta já tinha expressão nacional. Greves como a da Grundig, em Braga em 1972, chamavam a atenção. A Agenda das reuniões intersindicais era conhecida de toda a oposição – até Francisco Sá Carneiro e Miller Guerra (Ala Liberal da ANP) visitaram sindicalistas presos. No Congresso Democrático em Aveiro, em 1973, estiveram sindicalistas

com intervenções e propostas e teses bem trabalhadas como a da Segurança Social. Havia sindicalistas influentes com ligações a Capitães que conspiravam. E até relações familiares como, por exemplo: o José Luís Judas, destacado sindicalista, é irmão do José Miguel Judas que foi membro do Conselho da Revolução.

Este sindicalismo presente nas reuniões intersindicais (a PIDE/DGS chamou-lhe, “embrião de uma Central Sindical” em fevereiro de 1971) contribuiu para que o Golpe Militar dos Capitães - com um programa político progressista - se transformasse em Revolução. Foi bem aproveitado o espaço temporal entre o 25 de Abril e o 1º de Maio, Dia do Trabalhador, assinalado em liberdade (Dec.-Lei 175/74, de 27 de Abril) por todo o povo. Mais de 50 sindicatos estiveram envolvidos na sua realização um pouco por todo o país.

Além disso aquela agenda sindical municiou decisões dos governos provisórios para resposta à explosão de direitos de que os trabalhadores se sentiam credores – é enorme o conjunto de legislação progressista e transformadora produzida entre o 25 de Abril e o dia da entrada em vigor da Constituição da República - 02 de Abril de 1976.

Ter - Como soube do 25 de Abril? Como viveu esse dia?

MCS – Por um contacto que tinha no trabalho e conversas em casa de um contêrrâneo (freguesia de Viatodos) eu sabia que havia o Movimento dos Capitães, que o 16 de Março não o tinha anulado e que estava para acontecer “alguma coisa forte”. Quando na manhã de 25 de Abril ia para o trabalho (por volta das 7 horas) vi uma coluna militar na Via Norte, e pensei, de imediato, é hoje. Logo que uma loja que vendia rádios abriu, fomos comprar um e passamos o dia quase todo - alguns colegas de trabalho incluindo dois chefes alemães - a ouvir notícias e a

identificarmos os nomes mais relevantes que iam surgindo nelas. A alegria foi crescendo ao longo do dia. Porque a caminhada da democracia, apesar de todos os revezes, foi altamente positiva, ainda hoje sinto dimensões dessa alegria.

Ter - 50 anos depois do 25 de Abril quais considera serem os grandes desafios para o movimento sindical?

MCS – Venho dizendo e escrevendo que, na sociedade atual, podemos arrumar os imensos impactos e desafios com que deparamos em oito grandes conjuntos: i) as questões relativas ao avanço do conhecimento científico e tecnológico, com incidência presente no digital, na robotização e na inteligência artificial; ii) o sistema económico financeirizado, os seus falsos determinismos, e as reformulações das cadeias de produção e de distribuição; iii) as (des)igualdades e a distribuição da riqueza; iv) os problemas climáticos e ambientais; v) o aumento da esperança de vida e a necessidade de o dignificar; vi) o problema demográfico - influencia o trabalho e o emprego e afeta estruturalmente as condições de prestação dos direitos sociais e laborais fundamentais; vii) o papel da Escola, da sua relação com o saber fazer e dos instrumentos que poderá propiciar aos jovens para serem cidadãos plenos; viii) as políticas públicas necessárias num Estado Social de Direito Democrático.

Quando discutimos aqueles conjuntos de questões, o trabalho e o emprego surgem sempre no centro. Entretanto, a sociedade, cada vez mais multicultural e multiétnica, está tomada por fragmentações e atomizações, mas o trabalho continuará a ser um dos elementos mais transversais (criador de identidades coletivas) ao conjunto dos seres humanos. Além disso, as mudanças geopolíticas e geoestratégicas estão a ser

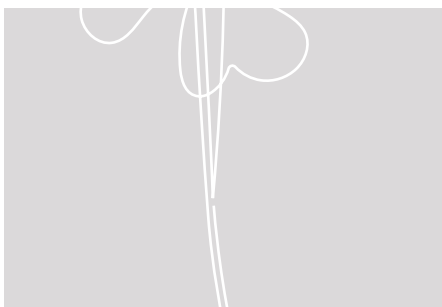
profundas e influenciam quase tudo, desde logo, a divisão social e internacional do trabalho.

As soluções a encontrar para a Segurança Social, o SNS, a Escola, a habitação, a Justiça, têm de ser feitas considerando que a questão social surge de novo no centro dos grandes problemas da Humanidade. Como no passado, o capitalismo (na sua génese de sistema económico, social e político) não respeita, a não ser forçado, os direitos do trabalho, nem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que até fez de conta ser uma Carta com que se identificava. Todavia, dispensa facilmente a Democracia.

Ora, o sindicalismo é um dos ancoradouros da Democracia, um dos opositores mais eficazes ao belicismo e à exploração que o fascismo faz do descontentamento, do ressentimento, do egoísmo, do ódio, da contínua divisão entre “pessoas de bem”, “malandros” e “fracassados”, da negação das liberdades e de direitos sociais e laborais.

O lugar e o valor do trabalho na sociedade não dispensam a existência de sindicatos: eles não vão desaparecer. Mas correm o risco, como noutros períodos, de não serem muito relevantes. Impõem-se-lhes, assim, leituras rigorosas sobre a construção de agendas próprias que sejam ofensivas. No difícil tempo que vamos viver, o sindicalismo será indispensável. Todas as forças da Esquerda e progressistas lhe devem dar boa atenção. •

ARNALDO VARELA DE SOUSA
DEP. COMUNICAÇÃO E IMAGEM



CONTINUAR ABRIL

Matam o Mestre! Matam o Mestre!, eram os gritos mobilizadores e agitadores do pajem do mestre de Avis, secundados por Álvaro de Pais, que provocaram o alvoroço do povo de Lisboa, que desceu à rua! Um episódio histórico em prol da independência de que Fernão Lopes nos dá visualmente conta na “Crónica de D. João I” e nos faz lembrar de outras lutas pela liberdade, como o 25 de Abril de 1974.

De facto, em 25 de Abril, a Revolução dos Cravos foi também uma ação do povo, enquanto herói coletivo representado no Movimento das Forças Armadas e nas camadas populares que saíram e invadiram as ruas a vitoriar os militares de Abril. O relatório de Salgueiro Maia, escrito em 29 de Abril, é elucidativo dessa simbiose povo-MFA:

“Pelas 12h30 cerquei o quartel da GNR do Carmo. Foi bastante importante o apoio dado pela população na realização destas operações, pois que além de me indicarem todos os locais que dominavam o quartel e as portas de saída deste, abriram portas, varandas e acessos a telhados para que a nossa posição fosse mais dominante e eficaz. Também nesta altura começaram a surgir populares com alimentos e comida, que distribuíram pelos soldados. (...)”

Porém, caro Batista-Bastos, na altura estava na Guiné-Bissau, na guerra colonial, a cumprir o serviço militar obrigatório. Como tal, à laia de Gomes Eanes de Zurara, opto pela “Crónica da Guiné”, à minha maneira, uma vez que por lá andava, ainda que contra o seu espírito cruzadista e com o sentido da dor imanente, próprio de quem passa por terras do Bojador.

Eu conto:

De facto, em 25 de Abril de 1974, caro Batista-Bastos, esta pessoa estava no sudoeste da Guiné-Bissau, integrado no Batalhão de Caçadores 4514, na célebre zona de morte da floresta do Cantanhez, hoje uma pacífica área ecológica e protegida! Dela, rememoro porém, ainda hoje, a vida pujante daquele espaço, presentificada impressivamente naquela imagem maravilhosa de centenas de primatas assustados a atravessarem a picada, com as crias às costas, mais barulhentos que as nossa viaturas!

Outrossim, recordo com nitidez esse dia, em que ainda ocorreram bombardeamentos aéreos, plausivelmente pelo facto da cadeia de comando não estar ainda afinada. E relembro-me bem da minha estupefação perante informação da rádio em língua francesa “coup d’ état au Portugal”! Efetivamente, na minha primeira leitura, presumi tratar-se-ia apenas de uma referência tardia ao 16 de Março, que o meu medíocre francês desde os tempos do liceu não permitira discernir claramente...

Mas, logo na messe, ainda nessa manhã, rapidamente as dúvidas se dissiparam pela voz do capitão Belo, do MFA. De imediato, a nossa adesão ao MFA seria entusiasta, brindada entre cervejas e outras bebidas alcoólicas e “urros” de liberdade, em especial por parte do furriel Pacheco, que finalmente iria conseguir instalar matraquilhos na sua Tabacaria Açoriana, em Ponta Delgada, que foram interditos pelas autoridades fascistas.

No entanto, dias depois, deixamos Cadique e embarcamos na LDG (lança de desembarque grande) com armas e bagagens, rio Cumbijã abaixo e Atlântico acima, rumo à capital Bissau, que carecia de um batalhão experimentado para manter a ordem e a segurança na capital, exposta a várias tumultos e desordens. Começariam assim as pesadas rondas diurnas e noturnas pelas instalações do aeroporto, zona comercial e de prostituição, serviços de comunicações, sede da ex-PIDE (com bons quartos de ar condicionado) e pela rádio, conhecido pelo PIFAS (julgo que sigla de Programa de Informação das Forças Armadas), um serviço radiofónico afeto à Chefia do Estado Maior das Forças Armadas.

Ora, seria na rádio que teria ensejo debitar Abril. De facto, nessa noite, soltei os cães e com a rádio por minha conta, cantaria Zeca Afonso e outros cantautores, disco após disco. Deste modo, “venham mais cinco” e “traz outro amigo também” fizeram companhia e gáudio até à madrugada, bem cervejada e mal dormida.

Os últimos meses, até ao regresso a casa no início de Setembro, com a comissão de serviço já cumprida, decorreriam ciosos por notícias de jornais e aerogramas, com dias crescentemente ansiosos. No entanto, antes do regresso ao “puto” (assim chamavam os locais africanos a Portugal),

ainda nos deslocaríamos cerca de três meses para a tranquila área de Bafatá. Concretamente, instalei-me no destacamento de Cambaju, na fronteira nordeste com o Senegal, com o meu pelotão de infantaria, um outro de milícias africanos e um grupo de artilharia, afeto aos obuses aí instalados. Ora, aí começaria um outro Abril.

Com efeito, nessa cancela aberta e fronteira de arame farpado, por onde passavam os mercadores norte-africanos, a guerrilha abriu a raia ao futebol e aos combates à mesa armados de garfo e faca e por vezes à mão, em torno de uma gamela de arroz.

E fluíam as trocas comerciais: sabão por ananás, amendoim torrado ou galinhas por cerveja, etc. Recordo até o harém de galinhas que recebi, quando ajudei a garotada no decurso do exame da 4ª. classe, na escolinha local, em especial na resolução de um problema de Matemática, que nunca fora o meu forte! Como também me lembro do prejuízo no bar, por fianças excessivas, aspeto nunca compreendido pelo esperto 1º. sargento.

Situações de afetividade que passariam ainda por evacuações de doentes locais para o Hospital de Bafatá e, infelizmente, pela evacuação mortal do furriel de informações por paludismo cerebral, um santo homem, natural de Fátima. Mas também cenas curiosas como a constituição de um grupo misto de segurança para proteger duas jornalistas que dormiriam no nosso “hotel”, antes da partida para Dacar.

Tudo terminaria nos finais de Agosto com a passagem de testemunho, numa cerimónia digna e respeitosa do arriamento e hasteamento das bandeiras nacionais. Cumpria-se Abril no desígnio da descolonização, naquela clara e leda manhã que fora Abril:

**Aquela clara e leda madrugada
cheia toda de espera e liberdade
em Portugal com férrea vontade
quero que seja sempre cantada**

**Ela, pelo povo manifestada
em bandeiras de fraternidade
viu em festa ruas de igualdade
que nunca poderá ser olvidada**

**Ela viu lágrimas de alegria
dos olhos do povo derramadas
que inundaram as ruas de euforia**

**Ela ouviu palavras conquistadas
de ordem, revolta e sabedoria
Em Abril floridas e semeadas ...**

De facto, não vivi essa madrugada na minha querida terra, mas senti-a com a mesma emoção de Camões quando escreveu “Aquela triste e leda madrugada”, que serviria de pastiche a esta outra de Abril.

Porém, a Crónica da Guiné terminaria de facto em Bafatá com o rebenamento do paiol e dos despojos da guerra. Recordo-me que passei quase uma semana a rebentar todo o material explosivo e sobranço que ocasionou uma cratera lunar no terreno e que lá ficou, bem como as inúmeras minas e armadilhas que perigosamente ficaram no Sudoeste por desmontar.

Vendeu-se ainda muita gasolina e rebentou-se também a bem recheada garrafeira goelas abaixo. Ficou apenas a camaradagem, apesar dos 13 aziagos mortos, ocasionalmente e saudosamente lembrada em encontros de confraternização anos mais tarde. Ficaram ainda na retina as belas imagens da floresta e savana africana, os seus grandes rios da “criminosa” pesca à granada e a bolanha da lama pegajosa nos camuflados.

Finalmente, em Setembro de 1974, consumir-se-ia o regresso a casa e a vivência de Abril em pleno, vivenciada nas organizações sociais de base, como a Associação de Moradores dos Remédios, no exercício do poder local e no jornalismo local como “O Povo de Guimarães”, assim como no associativismo e nas atividades docentes e culturais diversificadas.

Continuar Abril feito e por fazer é tarefa que não acaba aqui nem agora...•

ÁLVARO NUNES
CRÍTICO LITERÁRIO



ANTES

E DEPOIS

ANTÓNIO BARRETO
CIENTISTA SOCIAL E CRONISTA

“Antes”, Portugal era um país pequeno, pobre e analfabeto. E sem liberdade. “Hoje”, é tão pequeno como era, embora a dimensão seja menos importante. É muito menos pobre, mas ainda é atrasado relativamente aos nossos vizinhos. Já não é analfabeto, apesar de os seus habitantes terem qualificações técnicas e formação cultural muito deficientes. Numa lista mundial de países, apesar de grandes progressos, Portugal era e é um dos mais ricos entre os pobres ou um dos mais pobres entre os ricos.

Portugal era conservador e obediente. Inculto e atrasado. Tinha a população mais jovem da Europa, com elevadas taxas de natalidade. Também tinha as piores taxas de mortalidade infantil. Assim como tinha uma baixa esperança de vida à nascença (era de 60 anos em 1960). Para os padrões actuais, as famílias eram grandes, tinham em média quatro ou mais pessoas. Era frequente viverem, sob o mesmo tecto, três gerações (avós, filhos e netos). A maioria dos portugueses era rural, vivia em aldeias ou pequenas vilas em regiões ditas do “interior”, mas que, na verdade, constituíam quase o país inteiro. Grande parte da população vivia da agricultura e de tarefas comerciais e de serviços que lhe estavam ligadas. Quase 40% dos habitantes eram analfabetos, nunca tinham frequentado a escola. Muito poucos terminavam o ensino secundário e apenas uma pequena minoria tinha acesso ao ensino superior. A saúde era muito deficiente, não havia um serviço de saúde para todos.

A segurança social era muito reduzida: contavam-se um pouco mais de cem mil os pensionistas e reformados.

A indústria era incipiente. Portugal era um país muito antigo, com as mesmas fronteiras há mais de oito séculos. Apesar de origens diversas, a população portuguesa, ao longo dos séculos, foi-se tornando homogénea como poucas na Europa. Falava-se uma só língua, a quase totalidade pertencia a uma etnia, praticava-se uma só religião. O país tinha uma história mais longa, rica e complexa do que a sua dimensão sugeria. Em resultado dos “Descobrimentos” e da colonização, era cabeça de um grande império, o último da Europa. O governo do país era, entre os anos vinte e os setenta, uma ditadura de partido único. Os portugueses não conheciam as liberdades habituais dos países democráticos: liberdade de associação e de expressão, imprensa livre, voto universal e eleições livres e regulares. Além da falta de liberdade, os Portugueses viviam o drama da guerra do Ultramar, conduzida em três colónias africanas.

Os últimos anos do “antes” foram já de mudança. Com a emigração para o estrangeiro, cerca de um milhão de portugueses foi viver e trabalhar para os países europeus e americanos. A pertença de Portugal à EFTA (Associação Europeia de Livre Comércio) contribuiu para abrir as fronteiras e a economia: criaram-se indústrias e desenvolveu-se a exportação. Em 1974, havia praticamente o pleno emprego

e faltava mão-de-obra. Muito gradualmente, mas já com algum significado, a educação, a saúde e a segurança social desenvolveram-se. Sobretudo por causa da guerra em África, as pressões liberais e democráticas tiveram poucos resultados.

A passagem do “Antes” para o “Depois” foi rica, complexa e, por vezes, dramática. Abriam-se as portas para a liberdade. Não foi criado um novo modelo de sociedade, muito menos imposta uma forma de governo: foi deixada essa escolha às gerações seguintes. Fundou-se um Estado democrático: em poucos anos, foram criadas e eleitas as principais instituições, Presidente, Parlamento, Governo e Autarquias. Portugal aderiu à Comunidade Europeia.

Logo após o 25 de Abril de 1974, tinha cessado a guerra em África. A chamada descolonização teve duas realidades contraditórias. Por um lado, pôs-se termo à guerra, dela libertando os portugueses e os africanos, permitindo assim que estes últimos tornassem real a sua independência. Mas a descolonização, tal como decorreu, foi desastrosa. Nos três principais países (Angola, Guiné e Moçambique), depois de proclamadas as independências, desenrolaram-se guerras civis que duraram décadas e em que morreram centenas de milhares de pessoas. Antes disso, cerca de 700 000 portugueses e africanos foram obrigados a deixar tudo e a instalar-se em Portugal, em processo de enorme dificuldade, muitas vezes em condições dramáticas.



Com o “Depois”, abriu-se uma nova era. É um tempo em que a vida depende das escolhas dos cidadãos e em que estas variam com os momentos, as idades, as regiões e as vontades. O “Depois” não é uma nova ordem, não é um novo pensamento, um novo credo, uma nova autoridade e uma nova identidade. O “Depois” é tudo isso no plural. É a escolha dos portugueses, ano após ano, obra após obra e eleição após eleição. As escolhas dos cidadãos são diferentes e dependem deles próprios, não de uma autoridade que comanda. Muitas vezes, as escolhas estão certas e correm bem. Outras, estão erradas e correm mal. Mas são escolhas livres e os cidadãos são os responsáveis.

Portugal continua a ser um país pequeno, mas aberto à Europa e ao mundo. Talvez um milhão de estrangeiros vieram viver para Portugal nestes quase 50 anos e assim se criou uma nova população. Mas mais de um milhão de Portugueses voltou a emigrar, o que revela uma profunda mudança de padrão, dado que agora é um país ao mesmo tempo de imigração e de emigração. Recebe imigrantes, porque necessita de trabalhadores que não existem cá, mas também exhibe as carências de uma sociedade e de uma economia que não satisfazem todos, que não criam suficientes empregos e sobretudo não exi-

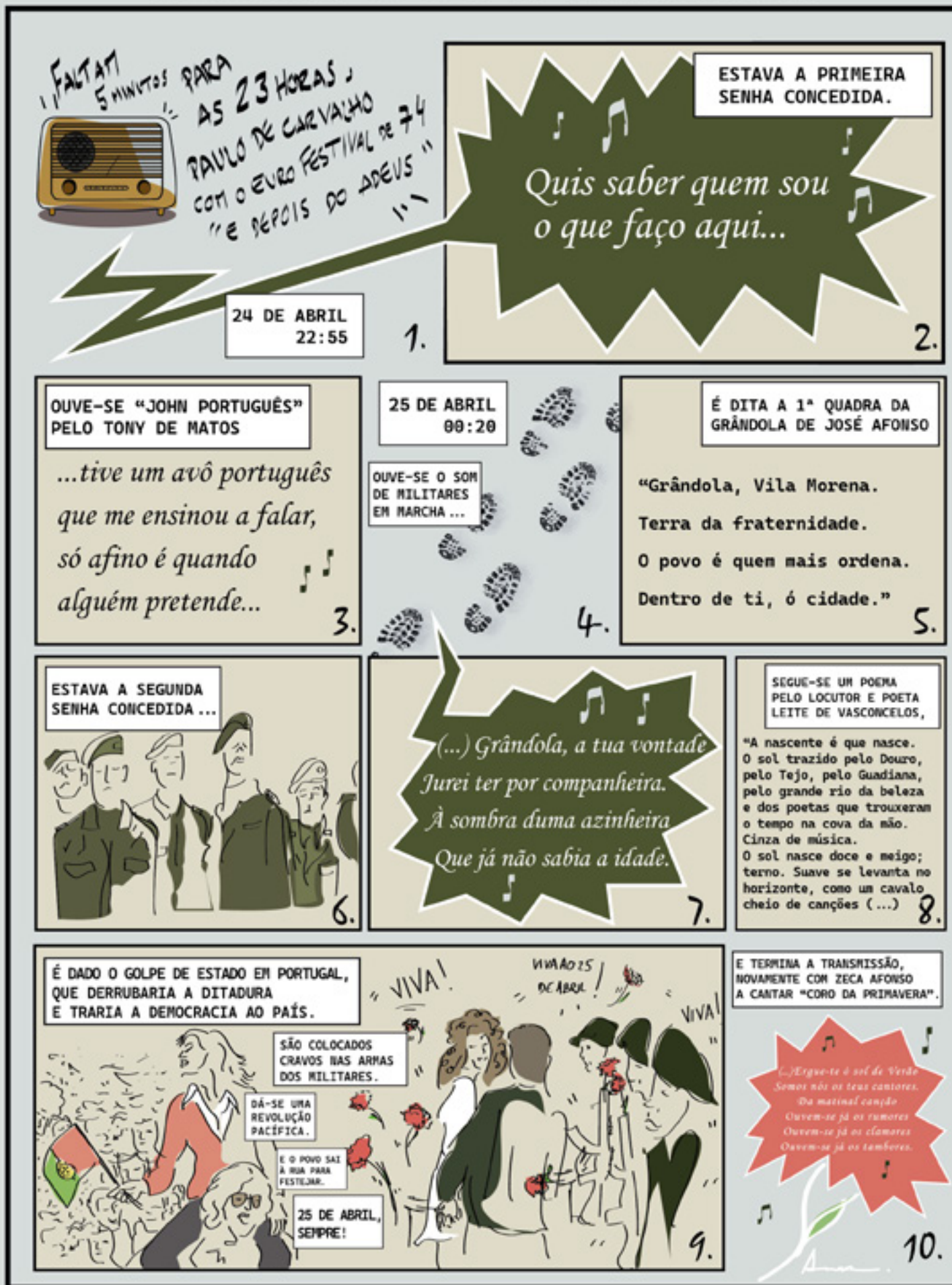
gem mais qualificações. Alguns milhões de cidadãos aprenderam a ler e escrever; centenas de milhares chegaram ao ensino secundário muitos foram até à universidade. Portugal desenvolveu-se e conheceu novas formas de progresso. A situação social melhorou, assim como o bem-estar dos portugueses. Portugal mudou muito. Mas os outros países mudaram também. E por vezes mudaram mais e melhor do que nós.

É verdade que o “Depois” exhibe muitas situações diferentes do “Antes”. A população estagnou e envelheceu muito. Hoje é uma das populações na Europa (e no mundo) que envelhece mais rapidamente. As taxas de mortalidade infantil deixaram de ser as maiores da Europa, são hoje das menores. As famílias diminuíram de dimensão, não chegam a três pessoas em média. Os divórcios e as uniões de facto criaram famílias diferentes e estão na origem de novos costumes e novos modos de vida. Situação única na história de Portugal, é muito elevada, de novo, a emigração para o estrangeiro, o que denota as nossas insuficiências, mas também e pela primeira vez na história é muito elevada a imigração de estrangeiros para Portugal. Portugal perde todos os anos muita população qualificada, que vai trabalhar para a Europa, e recebe todos os anos muita população desqualificada

que vem ocupar-se dos trabalhos para os quais já não há nacionais. A maior parte da população vive hoje nas áreas metropolitanas e em cidades de alguma dimensão, o mundo rural está em nítido despovoamento, o que pode criar problemas de ecologia e de aproveitamento dos recursos.

Muitas destas novas realidades são, “Hoje”, melhores do que “Antes”. Na cultura, na Educação, na Saúde, nos rendimentos e nos serviços às famílias (água, gás, electricidade, esgoto, telefone, televisão, aquecimento) há indiscutíveis progressos. Por exemplo, aos 120.000 pensionistas e reformados de 1960, correspondem, hoje, mais de três milhões de pessoas. Mas também há muitos erros e muitas insuficiências. A sociedade portuguesa é muito desigual. Não se desenvolveu mais do que as outras europeias, talvez até menos em muitos aspectos. Os responsáveis, hoje, são os portugueses que não podem queixar-se dos “outros”, dos que “mandam”, “deles” e dos que nos governam.

A grande diferença entre ditadura e democracia reside na liberdade que, para o melhor e o pior, permite aos cidadãos escolherem, todos os dias, todos os anos, o modo como querem viver. Só isso é um progresso maior e indiscutível. •



Revolução de 25 de Abril de 1974 em ondas de rádio.

A rádio foi um dos mais importantes meios de comunicação social durante o 25 de abril de 1974. Pelo país as notícias da revolução foram seguidas através deste meio e foi também ali que os portugueses ouviram as primeiras vozes de liberdade.

Por volta das 22:55 horas do dia 24 de abril de 1974, João Paulo Dinis, nos Estúdios da Rádio Alfabet, fez escutar "E depois do Adeus", de Paulo Carvalho. Canção que representou Portugal no Eurofestival de 1974. Estava a 1ª senha lançada na rádio portuguesa para o desencadear da Operação Fim Regime, quem diria que uma "carta de amor" destinava-se a preparar as tropas para a saída, o primeiro sinal de partida para aquele que seria "O primeiro dia do resto das suas vidas".

Na madrugada de 25 de abril de 1974, Leite de Vasconcelos (jornalista e poeta) era o locutor da emissão do programa Limite, da Rádio Renascença, quando dita a canção "Grândola, Vila Morena" de Zeca Afonso e a lança de seguida, sendo transmitida às 00h20 horas, dando o segundo sinal que confirmava o golpe e marcava o início das operações militares pelas ruas de Portugal. Estava em marcha a revolução que derrubaria a ditadura e traria a democracia ao país.

Mais tarde seria também na rádio que se ouviram as primeiras notícias sobre os acontecimentos e as reações das populações que acompanhavam a revolução. As mulheres ofereceram cravos aos soldados, ainda sem ter a perceção de que essa flor ficaria como um dos símbolos do movimento.

Decidi fazer esta ilustração pelo valor que dou à comunicação, à cultura, à música, à poesia e à arte no geral. Muitas vezes esquecemo-nos da sua intervenção e método de protesto com o intuito de denunciar problemas de ordem social, política ou económica e de estimular a luta por mudanças quando necessário. Numa tira de jornal procuro mostrar a importância que foi para a Revolução estes meios de comunicação e tento assim ajudar na compreensão do que aconteceu em Portugal durante esses mesmos instantes.

É significativo e muito importante estarmos informados para defesa pessoal e familiar perante quem nos governa. A política não é uma criatura desengraçada e o 25 de Abril de 1974 não é uma fábula. A ditadura é uma anomalia e a democracia é doutrina. Ler, aprender e querer saber, faz de nós mensageiros para um país melhor.

"Só há liberdade a sério quando houver a paz, o pão, habitação, saúde, educação. Só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e decidir quando pertencer ao povo o que o povo produzir." - Sérgio Godinho.

25 de Abril, sempre!•



OUVE AQUI

O 25 de Abril em ondas de rádio - <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-em-ondas-de-radio/>;

Grândola, a canção de José Afonso que serviu de sinal - <https://ensina.rtp.pt/artigo/grandola-a-cancao-de-jose-afonso-que-serviu-de-sinal/>.

A 1ª Senha da Revolução dos Cravos - «E Depois do Adeus» de Paulo de Carvalho (Rádio Alfabet) https://www.youtube.com/watch?v=JGT_14IDQC4; A 2ª Senha da Revolução dos Cravos - «Grândola Vila Morena» de José Afonso (Rádio Renascença) <https://www.youtube.com/watch?v=alkKRY2mfn4>

Leite de Vasconcelos: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$leite-de-vasconcelos](https://www.infopedia.pt/artigos/$leite-de-vasconcelos).

MARYLISE AMOUR
POETA E ILUSTRADORA

PODER LOCAL

Por muito que possa parecer um lugar-comum, impõe-se vincar que o poder local democrático é uma das grandes conquistas do 25 de Abril de 1974, dia em que (re)nasceu em Portugal a liberdade e os portugueses voltaram a ter razões para olhar para o futuro com esperança e otimismo, depois de décadas a fio do obscurantismo imposto por um regime de muito má memória.

O poder autárquico, exercido por largas centenas de homens e mulheres numa lógica de grande proximidade, conhecendo como ninguém a realidade local, as potencialidades e os constrangimentos do território, as necessidades e os legítimos anseios de todas as pessoas, revela-se, cada vez mais, de uma vitalidade incomensurável e patenteia níveis de execução, de eficiência e de eficácia absolutamente imbatíveis, o que o torna único, insubstituível e, por maioria de razão, credor de uma outra consideração e de um bem maior apoio da Administração Central.

Numa altura em que os municípios já assumiram uma grande parte das competências transferidas pela Administração Central, precisamente em claro reconhecimento da sua superior capacidade para, junto dos cidadãos, planificar o desenvolvimento sustentado do território, alicerçado no pleno conhecimento das características e das prioridades do mesmo e, bem assim, encon-

trar respostas céleres e eficazes para os problemas emergentes, impõe-se também que o Governo transfira os correspondentes e proporcionais envelopes financeiros, sob pena de continuar a sobrecarregar as autarquias com despesas que, à partida, antes deste processo, lhes não competiriam.

Tem-se, hoje, como um dado adquirido – com toda a propriedade – que a qualidade da vida diária dos portugueses conheceu um substancial salto qualitativo mercê da ação, no terreno, de órgãos autárquicos democraticamente eleitos. Sem dúvida que a organização e a pujança municipais, tal como as crescentes dinâmicas de desenvolvimento local encetadas nas freguesias, se revelam fundamentais no processo de gestão das comunidades locais e no avanço de projetos especificamente desenhados para ir ao encontro, em tempo útil e com a máxima eficiência, dos legítimos anseios das populações.

Assim, de um poder local atrofiado, esvaziado de competências, abafado por uma administração centrípeta e, por conseguinte, inconsequente, antes do 25 de Abril de 1974, passou-se, crescentemente, para uma atividade municipal, em parceria com as freguesias, dotada de uma outra capacidade de intervenção, indiscutivelmente impulsionadora do progresso local, embora vários

e firmes passos haja ainda a dar em ordem à plena afirmação de um poder autárquico suficientemente autónomo e fortemente interventivo, nomeadamente na concretização de projetos de superior magnitude, em setores nevrálgicos, como a rede viária, os equipamentos educativos, a regeneração urbana e os serviços básicos, entre outros, estruturantes para o harmonioso desenvolvimento do território.

Na verdade, a reforma administrativa em curso, que transfere para os municípios competências em áreas de vital importância para o bem-estar da população e para o desenvolvimento local, peca pela manifesta insuficiência das verbas mobilizadas. Tal situação é absolutamente inaceitável à luz dos ditames de uma política de descentralização que, como seria desejável e exigível, deveria antes prover a autonomia e a capacidade financeira de autarcas democraticamente eleitos para, no exercício de uma magistratura de proximidade, fazerem tudo o que for possível pela melhoria das condições de vida das pessoas, concretizando projetos prioritários que os responsáveis políticos centralistas continuam a adiar.

Temos como certo que a democratização da sociedade e do Estado apenas terá lugar na sua plenitude quando for reconhecida e valorizada a importância do poder local enquanto repre-

sentante próximo e efetivo das populações dos concelhos, das freguesias, dos lugares, dos bairros, das ruas, com capacidade de decisão e de atuação em prol da salvaguarda das legítimas aspirações das pessoas, livre de teias burocráticas e de condicionantes económico-financeiras que tolhem as suas ações e impedem o desabrochar de uma administração sempre e totalmente ao lado dos interesses comuns. É forçoso admitir que as múltiplas e complexas exigências do pulsar da vida, numa sociedade moderna, solidária, inclusiva e progressista, reclamam a mudança da mentalidade dos principais decisores políticos, em favor de mecanismos de tomada de decisão e de atuação o mais próximos possível das comunidades que os mesmos devem contemplar, pois só assim poderão, com efetividade, melhorar as suas vidas.

Celebrar o 25 de Abril, meio século volvido, é homenagear todos aqueles que, com abnegação e patriotismo ímpares, contribuíram decisivamente para que a feliz transição da tirania para a democracia, finalmente, tivesse acontecido e, conforme escreveu a genial poetisa Sophia de Mello Breyner, foi nessa Revolução que surgiu “O dia inicial inteiro e limpo/Onde emergimos da noite e do silêncio/E livres habitamos a substância do tempo”. •

**O DIA INICIAL INTEIRO E LIMPO
ONDE EMERGIMOS DA NOITE E DO SILÊNCIO
E LIVRES HABITAMOS A SUBSTÂNCIA DO TEMPO**



JÚLIA FERNANDES
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA VERDE

CARLOS AMADO

OPERACIONAL DO 25 DE ABRIL

“GUARDO DAQUELE DIA A SENSACÃO DE FESTA, A ALEGRIA DE PODER FALAR LIVREMENTE”

Foi um dos operacionais do 25 de abril. Naquele dia que jamais esquece, estive de guarda ao Quartel-General da Legião Portuguesa, uma das instituições que sustentavam o anterior regime. Natural do Porto, Carlos Alberto de Araújo Pereira Amado, conversou connosco sobre memórias que não se apagam.

Ter – Começamos com uma pergunta clássica. Onde estava no 25 de abril?

Carlos Amado - A 25 de Abril de 1974, estava colocado no Regimento de Sapadores dos Caminhos de Ferro, a Campo de Ourique, em Lisboa, o qual estava na dependência do Quartel da Pontinha, frequentando o Curso de Sargentos Milicianos.

Cumpria o serviço militar obrigatório, tendo vindo a 18 de abril do Quartel do Regimento de Infantaria n.º 5 nas Caldas da Rainha, onde tinha iniciado a minha Instrução Básica Militar a 14 de janeiro. Este Quartel esteve implicado no chamado “Golpe das Caldas”, no qual não participei por estar de fim de semana. Este golpe, embora falhado, marcou-nos muito, desde logo pelas afirmações de graduados que vieram substituir os que tinham sido presos e enviados para a Prisão da Trafaria, dizendo que outro golpe sem dúvida viria a acontecer e, até, pelas afirmações no mesmo sentido da esposa do nosso Comandante de Companhia (na altura Capitão Novo) que nos pediu calma porque o marido não estaria muito mais do que um mês preso...

Ter - De que forma soube que estaria envolvido nas operações?

CA - Fomos chamados a formar, muito mais cedo do que o habitual, tendo eu e os meus camaradas de Curso sido informados que estava em marcha um golpe militar para derrube do Regime. De imediato, todos aderimos com entusiasmo e, sendo que estávamos em formação para Enfermeiros Militares, uma especialidade não combatente, o que esperavam de nós era que seríamos uma reserva no caso de as coisas não correrem como esperado, ficando sempre em alerta caso o Quartel da Pontinha entendesse que éramos necessários.



Ter - Em que ação teve participação efetiva?

CA - Pelas informações que nos chegavam, quer pela telefonia quer pela Televisão, o nosso sentimento era o de que teríamos de sair para qualquer missão que nos escolhessem, tanto mais que, com o passar das horas, vinham cada vez mais populares às portas do Quartel para saber de que lado estávamos e, constatando que éramos apoiantes do golpe militar, passaram a entregar sandes, cerveja e tabaco bem como informações sobre PIDES em fuga que eram transmitidas ao Quartel da Pontinha.

Finalmente, já mais para o fim do dia, fomos enviados para o Quartel-General da Legião Portuguesa que tinha sido tomado pelas forças do Capitão Salgueiro Maia, para fazer a sua guarda, bem como ficar de sentinela a qualquer veleidade que forças afetas ao Regime tentassem tomar.

Ter - Que recordações mais fortes guarda desse dia?

CA - Sendo o meu pai de Lisboa, e tendo vivido muito tempo com os meus Avós paternos na Rua João Lúcio (transversal da Avenida da Igreja) em Alvalade, sabia bem que naquele tempo o Bairro Alto era local de Jornalistas, boémios e de quem vivia à custa do negócio do sexo.

Porém, não mais posso esquecer a fraternidade de todos os moradores e frequentadores daquele Bairro, que nos inundaram literalmente de boa conversa e relatos dos Legionários que por ali andavam, bem como de toda a espécie de petiscos e bebidas, para melhor aguentarmos os turnos de sentinela, sendo sem dúvida um ambiente de Festa de St.º António antecipado. Guardo, ainda, a sensação de todos podermos falar livremente e sem medo, sem diferenças sociais, económicas ou de estatuto académico: Eramos um POVO livre e igual!•

ARNALDO VARELA DE SOUSA
DEP. COMUNICAÇÃO E IMAGEM



THIS GIRL CAN FLY

Este trabalho constitui uma reflexão sobre os direitos e liberdades que as mulheres portuguesas conquistaram com o 25 de abril.

O conceito “voar” é aqui explorado quer metaforicamente – pela abertura das infinitas possibilidades que as mulheres podem hoje conquistar a nível pessoal, social e profissional -, quer em sentido literal porque as portuguesas podem hoje, contrariamente ao que sucedia antes da revolução, viajar

livremente sem que dependam da autorização de terceiros.

Sendo certo que a luta contra a discriminação continua necessária face aos desafios contemporâneos, são muitos e inquestionáveis os motivos de celebração.

Mulheres de Cravos Vermelhos

Durante mais de quatro décadas, em Portugal vigorou o regime ditatorial do Estado Novo, inicialmente encabeçado por António de Oliveira Salazar e após a morte deste, em Julho de 1970, por Marcelo Caetano. O partido no poder era a União Nacional. A imagem das ditaduras europeias de então, como as de Hitler, na Alemanha, Mussolini, em Itália e Francisco Franco, em Espanha, propagandeava-se que o papel da Mulher na sociedade se confinava à procriação e ao recato doméstico. A Mulher seria a fada-do-lar, zeladora do bem-estar da família numerosa e do homem, o Chefe de Família, a quem a esposa devia total obediência. As Mulheres tinham menos direitos do que os homens, eram cidadãs de segunda categoria, apesar de Salazar apregoar o contrário e enaltecer o fundamental desempenho da Mulher na preservação da paz social sob a égide do chavão: Deus, Pátria e Família. As Mulheres não podiam ser empresárias, estavam proibidas de ter contas bancárias, para se ausentarem do país obrigava-se a que apresentassem uma autorização escrita pelo marido, os filhos eram propriedade do pai e em caso das raras e vergonhosas separações conjugais a tutela dos menores cabia exclusivamente ao pai. O direito ao voto das Mulheres concedia-se somente em situações específicas. Interditavam-lhes certas profissões, não podiam ser embaixadoras, nem juízas, nem ocupar cargos públicos proeminentes. As enfermeiras e as hospedeiras eram solteiras, após casarem, obstavam-lhes o exercício da profissão (indigna de uma Mulher casada), e as professoras primárias careciam de autorização do Governo para contraírem matrimónio: a autoridade, após uma análise minuciosa do pretendente (estatuto social, profissão, condição financeira e registo criminal) aprovava ou não o casamento e a continuidade ou anulação do exercício do ensino pelas professoras.

A maioria das raparigas educava-se para um “bom casamento”, futura maternidade e exímia gestão do lar. Poucas tinham escolaridade secundária ou superior, privilégio das mais abastadas e filhas de pais ou tutores de mente-aberta. Os cuidados de saúde pública materno-infantil apresentavam-se precários ou quase inexistentes no Portugal de vasta pobreza, e apesar do surgimento de inovadores métodos anticoncepcionais como a pílula, a sua toma desaconselhava-se por motivos religiosos e preconceitos sociais. A evolução obstétrica esbarrava na mentalidade tacanha e na subjugação da Mulher. A descabida crença de que uma Mulher protegida de uma gravidez indesejada, facilmente caía na traição da infidelidade conjugal,

fazia com que os maridos as proibissem do uso de contraceptivos, conotados de pecaminosos à luz obscura da Santa Madre Igreja. Em contrapartida, o aborto clandestino dizimava a vida de milhares de raparigas e de Mulheres e deixava outras estéreis, aborto a que recorriam no desespero da miséria ou do remedeio, incapazes de sustentarem as vastas proles, ou para anular a discriminação social e cruel das Mães solteiras. Estima-se que em 1974, o número de abortos igualava o dos nascimentos: cerca de cem mil, e praticava-se em todas as classes sociais, um crime punível com prisão de dois a oito anos. A violência doméstica, mormente a exercida pelo homem sobre a mulher, considerava-se um assunto do casal, sustentada nos pregões: entre marido e mulher ninguém mete a colher, e ele bate no que é dele. Os maus-tratos colocavam o homem num lugar de superioridade, até lhe davam estatuto: o homem zelava pelo bom comportamento da mulher merecedora dos correctivos infringidos por quem mandava. À Mulher exigia-se humildade, obediência, docilidade e impecável aparência: simples, mas imaculadamente limpa e sempre de cara airosa e alegre. As revistas e jornais femininos sublinhavam estes conceitos e contribuíam para disseminar a anulação feminina e a subalternidade das raparigas e Mulheres numa sociedade imperante de masculinidade. Apesar da propaganda do Estado Novo, a realidade profissional da Mulher Portuguesa era outra.

Os escassos recursos financeiros obrigavam as Mulheres a trabalharem até a morte as levar, Mulheres de vidas escravas que laboravam o dobro dos homens, entre paredes da casinha portuguesa e nos campos, nas indústrias, na criação dos animais, desde o erguer do sol até altas horas da noite sete dias por semana, a palavra férias não existia no seu vocabulário e os seus salários eram incompreensivelmente menores do que os dos homens, para gáudio dos empresários focados nos lucros e desinteressados das oportunas equidades de género. Maria Lamas, escritora, jornalista, tradutora e fotógrafa, relata eximamente a condição da Mulher Portuguesa nas décadas de 40 e 50 do século passado, num trabalho de investigação e testemunho cru e verídico transposto na sua obra “As Mulheres do Meu País”. A obra incomoda, contradiz a condição da Mulher Portuguesa ostentada pelo Estado Novo. Maria Lamas foi presa. A censura Salazarista saqueou-lhe o que mais prezava: a Liberdade. Como Maria Lamas, outras Mulheres Portuguesas não se conformaram com os destinos que lhes eram impostos, nem com as leis discriminatórias e castradoras da ditadura.

Gritavam o descontentamento, as injustiças, reivindicavam a igualdade de direitos, exigiam o justo reconhecimento da condição feminina e a Liberdade. Reclamavam o melhoramento das condições de trabalho, salários equiparados aos dos homens, direito ao voto, acesso a todas as profissões e aos estudos secundários e superiores. A Polícia Internacional e Defesa do Estado, PIDE, mais tarde intitulada DGS, reprimia a oposição ao regime. Prendia e torturava. Homens e Mulheres. Madalena de Oliveira, conhecida por Leninha, encabeçava as carrasças da PIDE.

Viciada no poder, defensora acérrima de Salazar, infringia as maiores e cruéis torturas às presas políticas. Na maldade e na opressão não existe diferença de género. Homens e Mulheres sofriam as mesmas sevícias: espancamentos, insultos, privação do sono, abusos sexuais, torturas do flash e do afogamento, solitária, privação da liberdade por encarceramento em celas frias e húmidas que arruinavam a saúde dos presas e presos políticos. Os mais revolucionários seguiam o desterro no Tarrafal, o temível e assassino campo de concentração na inóspita ilha de Santiago, em Cabo Verde, de onde muitos não voltaram, perecendo em mortes arrastadas e agónicas que davam nome ao campo que os encarcerava: Tarrafal, Campo da Morte Lenta.

Outros regressaram do exílio forçado com lesões físicas e psicológicas para o resto da vida. A partir de 1961, com a deflagrar da sangrenta Guerra Colonial, a voz das Mulheres intensificou-se contra o absurdo conflito que lhes roubava filhos, netos,

irmãos, noivos e sobrinhos. Incrementaram-se as detenções, os brutais interrogatórios, as prisões e as torturas. Gritava-se o fim da guerra, da colonização, da censura. Calava-se o Medo. Exigia-se a Liberdade. Esse dia chegou numa madrugada de Primavera. A Revolução saiu às ruas no fulgor rubro dos cravos vermelhos. Portugal desprendia-se das amarras da ditadura, da prolongada opressão, da indignidade feroz do tapar de bocas e do pisar de botas. Corria o ano de 1974. Desde então, as Mulheres dos Cravos Vermelhos foram conquistando direitos e igualdades. Um alcançar obtido a ferros, suor, dores e lágrimas da mesma cor das flores da Liberdade. O caminho ainda é longo, falta muito para percorrê-lo. Os perigos do retrocesso aos tempos tirânicos são uma ameaça aos direitos tão arduamente conseguidos pelas Mulheres de Portugal. Num Mundo em que a Mulher é oprimida em inúmeros países, onde os seus direitos são abocanhados e espezinados por regimes machistas e fundamentalistas, não podemos nunca esquecer-nos de que Abril é para cumprir. As Mulheres dos Cravos Vermelhos foram e são senhoras das suas vidas, jardineiras dos seus trilhos, donas das suas opções. As Mulheres dos Cravos Vermelhos têm o odor inesquecível da Liberdade. Um cheiro inamovível, entranhado na pele, nos cabelos ao vento, no hálito da voz que se solta e na alma inconformada. •

JOANA PÁRIS RITO
ESCRITORA



A minha Revolução de Abril

Memórias desses tempos



Lembro-me de ter chegado a Lisboa para me inscrever em Histórico-filosóficas na faculdade. Lembro-me de encontrar Lisboa num autêntico rebuliço com gentes de todas as idades na rua e muita daquela gente, sem eira nem beira, deambulava em todas as direcções em busca de alguma coisa que, até à data, nunca tinha chegado a existir: – A Democracia.

Lembro-me de não ter tempo para dormir porque queria assistir a todos os momentos únicos que aconteciam imprevisíveis, inesperados, provocados pela alegria de uma revolução que acontecia, sobretudo nas ruas deste Abril de 1974.

Tinha conquistado um último adiamento militar e assim não entrei em Março de 74 e somente fui incorporado nesse ano fabuloso em Setembro para a polícia militar. Cheguei ao quartel estava tudo em alvoroço e o oficial de dia mandou-nos sair e voltar somente a meio da tarde.

Entretanto, chegámos ao Cais de Sodré e, para meu espanto, saíam centenas de operários da Lisnave que, vestidos de fato de macaco azul, só tinham para os distinguir os capacetes de cores diferentes.

Assim saíam dos cacilheiros e, em grupos de 15, organizavam-se em alas perfeitas que subiam as avenidas dos Aliados, da Prata e do Ouro perfeitamente alinhados a assobiar “A Internacional”.

Nem parecia que estavam milhares de cidadãos no Rossio à espera de abraçar a Li-ber-da-de. A polícia, nem vê-la!!! Não era necessária!!!

Depois daqueles momentos únicos e emocionais, vislumbrámos um barco que lentamente corria o Tejo em direcção à foz. Dizia-se que eram os últimos soldados para Angola.

De repente toda aquela multidão no Rossio gritou de tal maneira que ecoou na cidade:

“Nem mais um soldado para as colónias!!!”

Foi o resto da tarde a gritar com milhares de cidadãos desconhecidos, até perder a voz!!!

Ao fim do dia, quando voltámos ao quartel, o oficial de dia de serviço informou-nos que teríamos de deixar livres as camaratas para receber os soldados daquele barco que já não ia para África.

Tivemos de fazer as malas e largar o “poiso” em busca de novos cômodos. Durante uma semana vivemos num quarto alugado no Bairro Alto. Éramos quatro jovens meios perdidos em Lisboa a viver nos escaninhos da Revolução...

A camarada Lia levou-nos para casa dos cabo-verdianos onde provámos a chaputa e matámos a fome. Até nos quedámos até às tantas da madrugada embalados pelas mornas e coladeras e a alegria dos nossos irmãos...

Adormecemos encostados uns aos outros e de lá saímos já o sol ia alto, sempre a descer a rua até à estação. Fomos de comboio até ao Estoril meter o pé na água, tomar um banho de fim de tarde e voltar no comboio para Lisboa.

No Rossio encontrámos camaradas do quartel que nos informaram que várias companhias em vez de irem para a Reserva iam fazer as campanhas do MFA e queriam voluntários para acompanhar Engenharia que iria fazer casas, pontes e fossas e várias outras obras nas aldeias. Nós fomos voluntários!!!

Nos TT – com rodas ou com lagarta - lá fomos na primeira incorporação até Favaio, ali no coração do Douro, onde criámos um centro cultural, ensinámos gente a ler ou lemos obras de autores famosos da língua portuguesa, àqueles gentios das pequenas aldeias que nos recebiam de braços abertos.

Acampávamos em tendas do exército e criávamos uma autêntica cidade cujas tarefas partilhávamos entre todos. Construía-se casas para pobres, pequenos bairros de cinco casas. Fazíamos esgotos com fossas e abriam-se caminhos de terra batida com o beneplácito das autarquias locais...

Foram talvez, depois da Liberdade, a maior conquista da Revolução de Abril – as autarquias locais.

Quando voltámos para sul nos cruzámos com uma nova brigada que ia em direcção ao Gerês. Pedi autorização ao oficial e incorporei esta nova aventura.

Durante um mês tirámos as aldeias de Bilhares e Ermida do isolamento centenário. A engenharia com as suas máquinas abriu aquele difícil estradão que hoje é utilizado e convivemos e coabitámos com estas comunidades levando-lhes actividades culturais.

Tinha curso de manipulador projecionista e com projetores 16mm proporcionei-lhes imagens de filmes para gáudio de todos pois não sabiam o que era o cinema:

“A ria de Aveiro”; “O Algarve de Portugal”; “O Couraçado Potenkine”, “A floresta Portuguesa”; “Sansão e Dalila”; “Bucha e Estica” e “Charlot operário” foram alguns dos filmes que me lembro de projectar para alegria daquela gente.

Tenho boas memórias destes tempos e que falávamos sem medos de “liberdade”, de “política”, de “democracia”, de “eleições” e de “Povo”. Tenho registos extraordinários dos círculos de estudo com aquela gente sempre sófrega e curiosa e que nas noites de reuniões acabávamos a beber um copo de aguardente aquecida à lareira, ou de jeropiga que nos ofereciam magnanimamente.

Lembro-me ainda da senhora Rosa do Moleiro, do António Cabresto ou do Sebastião Caturra quando escreveram o seu nome no caderno de treino para irem levantar a “reforma”. As lágrimas silenciosas caíram pelos rostos e no final do mês já na hora da despedida e num abraço emocionado me murmuravam ao ouvido:

– Obrigado, menino!!! Obrigado, nasci novamente!!!

Por tudo isto e muito mais que não tenho tempo de contar, mas que vivi emocionado, quero declarar aqui que foi uma experiência única. Porquê??? Eu vos direi.

Primeiro: Era um jovem com 20 anos, de espírito aberto para o Mundo e disponível para todas as aventuras;

Segundo: Abril permitiu-me vivenciar que se abriram novos horizontes que me lançaram por caminhos imprevisíveis que de outra forma nunca trilharia onde encontrei amigos e companheiros que foram mestres em diferentes e fabulosas aventuras culturais, políticas, sociais, religiosas e humanistas;

Terceiro: Abril deu-me acesso a valores e aprendizagem únicas que fizeram de mim um paladino da Liberdade e da Democracia, da defesa da dignidade Humana e dos Direitos Humanos;

Quarto: Abril e as suas vivências fizeram de mim um obreiro permanente da defesa dos valores fundamentais da cidadania e da luta contra os dogmas e tiranias;

Quinto: Cidadão atento ao quotidiano e ao possível desvio das virtudes da Democracia, obreiro permanente da PAZ e soldado voluntário contra os arrufos dos tiranos, arrivistas, racistas e fundamentalistas;

Sexto: Abril fez de mim um cidadão republicano e laico, atento aos valores da Democracia e à defesa constante da Dignidade Humana;

Sétimo: Abril foi, sem dúvida, a minha verdadeira escola. Curso Universitário Superior de Humanismo crítico e gnóstico que me guiaram nestes 50 anos passados no âmago de uma Revolução vivida avidamente...

25 d’Abril sempre... Até fenecer!!!

FERNANDO CAPELA MIGUEL
PROFESSOR E INVESTIGADOR

JOSÉ MACHADO

“FUGI À GUERRA COLONIAL INDO A SALTO PARA FRANÇA”

Como tantos jovens da sua geração, partiu para França fugindo da guerra colonial e de uma pátria sem horizontes.

No país onde viveu quase quarenta anos, viria a protagonizar uma intensa atividade cívica e associativa. Fez parte do Conselho das Comunidades Portuguesas, eleito pelos emigrantes portugueses em França, desde a sua criação em setembro de 1980, foi membro do Conselho das Comunidades Portuguesas de França e do seu Secretariado, integrou o Secretariado do Conselho Regional da Europa do CCP e o Conselho Permanente do Conselho Mundial das Comunidades, órgão a que presidiu de 1996 a 2002.

Tanto como um retrato individual, esta entrevista é o retrato de uma geração.

Ter – Parte significativa da tua vida foi passada como emigrante em França. Que motivos te levaram a emigrar?

José Machado – Vivi e trabalhei em França de 1970 a 2006, tendo exercido as mais variadas profissões. Fui operário, empregado de restaurante, desenhador, animador cultural e, finalmente, a partir de 1990, assumi o cargo de Diretor de Centro Social, primeiro na cidade de Plaisir e, depois, na cidade de Les Mureaux, as duas cidades na região de Yvelines, na região parisiense. O motivo essencial que me fez emigrar a “Salto” foi a guerra colonial que sacrificava o povo português e os povos das então colónias de Angola, Guiné e Moçambique desde

1961. Já estava na tropa, fiz a recruta nas Caldas da Rainha, passei pelo quartel de Sacavém e, finalmente, pelo SICA 1 do Porto de onde desertei. Fomos quatro jovens a fugir à guerra, dois desertores e dois refratários, todos de Guimarães. Esta aventura tão arriscada está bem descrita no romance “Saltar Fronteiras” escrito por um desses jovens e já apresentado em Vila Verde, no âmbito da iniciativa “Aqui há cultura”.

Ter – Que realidade encontraste em França? Quais as diferenças para a realidade portuguesa?

JM – Foi um choque terrível a chegada a Paris de quatro portugueses que abandonavam a “escuridão” imposta pela



ditadura de Salazar e Caetano, para serem confrontados com a “Luz” de uma cidade onde tudo era liberdade, sobretudo tendo acontecido pouco tempo antes a revolta de maio de 68 que quebrou todas as barreiras que ainda existiam na sociedade francesa. Em Portugal, os jovens estavam condenados a viver sem futuro e obrigados a fazer durante quatro anos uma guerra injusta. Em França, a juventude tinha outras perspetivas de vida e de futuro. Mesmo com as dificuldades que a nossa condição de emigrantes acarretavam, as diferenças eram imensas entre os dois países e essa foi a razão que levou milhares de jovens a seguir um caminho igual ao nosso.



Ter – Começaste logo a ter atividade política?

JM – Desde a nossa chegada a Paris, o contacto foi imediato com as redes de oposição à guerra e à ditadura em Portugal. Conhecemos portugueses de todas as organizações políticas que no exílio lutavam contra essa longa ditadura que escravizava o nosso povo. Criámos grupos e associações onde tentávamos mobilizar os outros emigrantes portugueses para o nosso combate. A partir de 1972, fizemos parte do MPAC / CLACS (Comités de luta anticolonial) e, pouco depois, aderimos ao MRPP que tinha sido criado em setembro de 1970. Mas o nosso principal combate foi sempre contra a guerra colonial que continuava a sacrificar o povo português e os povos das colónias.

Ter – Quando e em que circunstâncias soubeste do 25 de abril?

JM – Trabalhava como operário na fábrica “Cables de Lyon” na pequena cidade de Bezons, perto de Paris. Nessa fábrica, depois de uma grande greve, o José Mário Branco (também exilado em Paris) veio apoiar-nos e cantou uma canção cuja letra lhe foi proposta por nós. Nessa noite, de 24 para 25 de Abril, ninguém pregou olho, esperanças que a ditadura

fosse destruída, mas muito desconfiados sobre o desfecho do golpe de estado, devido à presença do nome do General Spínola que, para todos nós, era sinónimo de ditadura e de guerra colonial, além de ter sido apontado como principal responsável pelo assassinato de Amílcar Cabral, dirigente do PAIGC que lutava contra as tropas portuguesas comandadas pelo Spínola na Guiné-Bissau. No dia seguinte ao 25 de Abril, invadimos o Consulado de Portugal em Paris para exigir passaportes para todos. E conseguimos! O passaporte era algo de muito importante para nós, já que, até esse dia, os nossos passaportes eram falsos e fabricados por nós mesmos.

Ter – Para ti, o 25 de abril foi uma surpresa?

JM – Uma total surpresa e era difícil acreditar que fosse verdade! Quem acreditaria que uma ditadura que durava há 48 anos ia cair de um dia para o outro? Embora o regime de Caetano estivesse cada vez mais isolado internacionalmente e a luta dentro e fora de Portugal estivesse a crescer, poucos de nós acreditavam que a ditadura ia cair e que, finalmente, o tão sonhado regresso a Portugal podia ser uma realidade. Sobretudo para os desertores que estavam condenados a nunca mais regressar a Portugal,

esse dia foi uma grande surpresa..., mas que bonita surpresa!

Ter – Que mudanças trouxe o 25 de Abril para os emigrantes portugueses?

JM – Para os emigrantes como nós que não podiam regressar ao país, a mudança foi total. E para as centenas de milhares de emigrantes portugueses que a miséria e o fascismo expulsaram do país, essa mudança significava o fim do medo. Todos esses homens e mulheres (os que não couberam no berço, como dizia o poeta), embora todos os anos pudessem voltar a Portugal de férias, faziam-no sempre com o medo entranhado na cabeça e no corpo. Muitos deles nem sequer podiam fazer parte de uma qualquer associação em França, porque a PIDE vigiava tudo e qualquer passo “mal dado” podia acarretar riscos que eles não queriam correr. Depois do 25 de Abril nasceram centenas de associações de emigrantes, porque esses portugueses passaram a respirar liberdade e a deixar de ter medo. Nem pensar em fazer uma greve em França antes do 25 de Abril, mas depois os sindicatos deixaram de ser suspeitos e os sindicalistas deixaram de ser vigiados pela PIDE!•

ARNALDO VARELA DE SOUSA
DEP. COMUNICAÇÃO E IMAGEM





25 de Abril a porta para o futuro

É muito difícil passar ao papel as sensações que se apoderam de mim quando falo e penso sobre o 25 de Abril de 1974, mas vou tentar fazer.

Sendo eu um jovem de 15 anos quando venceu o “Movimento dos Capitães”, fez-me sonhar com princípios tão essenciais como a liberdade, a justiça social e a modernização de Portugal.

Primeiro, e penso que uma das conquistas mais importantes, residiu no facto de nem eu, nem outros jovens portugueses termos de passar pelo inferno das guerras coloniais nos territórios ultramarinos. Dizem que se pode aprender muito na guerra, mas também é verdade que ela mutila soldados e oficiais física e moralmente, tanto mais porque se tratava de uma guerra sem qualquer sentido.

Originário de uma família de pescadores muito humilde, tive a oportunidade de não seguir essa penosa profissão e de procurar novos caminhos, ao mesmo tempo que o nosso Portugal se desenvolvia e se abria ao mundo.

Observou-se uma modernização abismal. Como fui estudar para Moscovo, capital da União Soviética, por motivos ideológicos, visitava o meu país de quando em quando e, sempre que o visitava, achava que ele estava diferente, mais moderno e desenvolvido. Aliás, foi essa uma das razões que me levou a cortar radicalmente com ideias revolucionárias e a acreditar na evolução como forma de melhorar a sociedade.

Claro que já ouvi muitas vezes dizer que “no tempo do Salazar é que se estava bem”, mas isso pode ser verdade para um pequeno número de pessoas, para aqueles que, durante o Estado Novo, gozavam de uma situação privilegiada. Só quem andava distraído não via que a sociedade portuguesa era

arcaica, desigual e injusta, que estávamos fortemente atrasados comparativamente com os países da Europa Ocidental, onde, como dizia o meu pai, “Filho de burro não pode ser cavalo”, ou seja, não existia, salvo em excepções muito raras, aquilo a que hoje chamamos “elevadores sociais”. O destino do filho de um pescador era abandonar a escola sem terminar a quarta classe ou terminá-la e logo a seguir ir para a pesca.

É evidente que a pesca pode ser uma profissão como as outras, mas, antes do 25 de Abril, tratava-se de um trabalho penoso, arriscado e mal pago.

Não vou dizer que o 25 de Abril resolveu todos os problemas e dificuldades de Portugal e dos portugueses. Claro que não, mas permitiu um desenvolvimento mais rápido. Por exemplo, a casa alugada aos meus pais passou a ter canalização e esgotos, passou a ter torneiras e chuveiros. E isto aconteceu com milhares de famílias portuguesas!

Sempre que vinha visitar a família, constatava que a sua situação melhorar. Quando parti para a União Soviética em 1977, na casa arrendada pelos meus pais havia muito poucos electrodomésticos: um fogão de dois bicos a gás e um aparelho de rádio, este utilizado para sabermos quando é que os navios de bacalhau regressavam ao porto de Aveiro. Pai, Avô, tios, primos e até o meu irmão mais velho foram para a pesca de bacalhau na Terra Nova, Canadá, para escapar à guerra colonial.

Os anos foram passando e as coisas melhorando. Uma das maiores mudanças ocorreu no campo da instrução. Por exemplo, quase todos os meus sobrinhos, filhos de pais pescadores, viraram as costas à faina da pesca e foram estudar, tendo alguns feito licenciaturas e até doutoramentos. Não será

este um grande exemplo das oportunidades criadas pelo 25 de Abril?

A “Revolução de Abril” permitiu igualmente a Portugal abrir-se ao mundo e aderir aos organismos europeus de integração, nomeadamente à Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia.

É evidente que os portugueses não souberam aproveitar todas as “portas” abertas pelo “Movimento dos Capitães” e ainda muito está por realizar e melhorar. Não soubemos aproveitar os fundos europeus, não conseguimos superar males como a corrupção, o corporativismo, as cunhas, as desigualdades sociais, etc.

Abril não ficará completo sem transparência em todas as esferas da vida da sociedade portuguesa, sem o triunfo da meritocracia e sem a criação de oportunidades para os jovens no nosso país, para que não sejam obrigados a emigrar a fim de verem as suas qualidades reconhecidas.

50 anos depois, não podemos dizer que conseguimos atingir uma democracia sólida e inabalável. Os perigos dos extremismos políticos são cada vez maiores, Portugal atrasa-se cada vez mais em relação a outros membros da União Europeia, a situação internacional é mais e mais instável.

E para terminar. Vamos continuar a realizar Abril, mas nunca esquecer que os cravos só não murcharam porque os militares voltaram a salvar a democracia no 25 de Novembro de 1975, evitaram um desvio para uma ditadura de extrema-esquerda. •

JOSÉ MILHAZES
HISTORIADOR E ESCRITOR



O que fazemos com a voz que nos foi dada?

Não me lembro muito bem onde nasceu concretamente esta luzinha, talvez ainda no ventre da minha mãe, onde a gestação não andou de mãos dadas com a serenidade, dividi o útero com um tumor, talvez tenha sido aí que esta luz que trago dentro tenha nascido, na tentativa de fazer frente à escuridão que nos assomava, escuridão essa que quase levou a minha mãe para outra dimensão. Creio que foi ali, bem naquela casinha feita cobertor, ainda dentro do casulo da minha mãe que ela decidiu aparecer. Tive de lutar para vir para este mundo e talvez por isso já perpetuava em mim um sentido de luta pela vida e de justiça.

Cresci também no seio de uma família pobre e quando digo pobre, o chão da casa era de terra, depois o meu pai lá conseguiu colocar cimento e aí até parecia que a família tinha ganho uma passadeira vermelha ao estilo de Hollywood. Nasci no seio de uma família pobre, mas muito trabalhadora, escrava de um sistema de muito trabalho e pouca remuneração. A vida não era fácil e por consequência os sentimentos de revolta e de frustração nasciam a passos largos. Assisti a violência de género contra a mulher que me colocou no mundo, o vício do álcool é aterrador em tempos de escassez de dinheiro e de leveza para se conseguir respirar. As doenças pareciam querer agarrar-se à minha família como um mosquito que se prende ao pára-brisas do carro percorrendo a alta velocidade a A3. Felizmente, tanto a minha mãe como o meu pai são uns lutadores e ainda hoje partilham a vida, juntos, de mãos dadas, ainda num presente bastante precário para quem tanto deu ao país. As reformas deles os dois juntos não chegam a um salário mínimo.

Não dá para falar de um tema sem falar das minhas vivências ou daquilo que me rodeia enquanto mulher e artista. Não sei se fui eu que escolhi o teatro ou o teatro que me escolheu a mim, considero que ele me salvou de uma vida com possíveis traumas, a que gosto de chamar “inquietude terrestre”.

Sou diretora artística de um centro artístico chamado Nómada. O centro foi criado após uma grande queda de um império que achava eu ter construído ao longo de 16 anos num outro local artístico (mas isso é outra história). Na verdade, agradeço o que me aconteceu porque isso ainda me deu mais força para lutar pelo lado do correto, lado do correto comigo mesma, ser livre e fazer aquilo que me der na real gana sem qualquer tipo de censura. O 25 de Abril foi há 50 anos, mas não se enganem porque ainda há muita coisa que não se cumpriu de Abril.

Agora que já fiz uma introdução em relação à minha pessoa (não esqueçamos o ego, às vezes é mais forte do que eu) quero-vos dizer, a quem lê desse lado, que a vida tem vários sentidos e todos eles são válidos para se viver, mas somos nós quem realmente escolhe o nosso caminho.

Desde cedo que todos os testes psicotécnicos que fiz no sentido de tentar perceber o que fazer na vida quando “fosse grande” encaminhavam-me para seguir direito, talvez ser advogada ou juíza, ideia em relação à qual a minha família estava entusiasmadíssima como devem imaginar. Mas como eu gosto de ser sempre do contra, segui esta área que tanto me faz sentir e crescer!

Quem me conhece sabe que tudo o que construo tem como objetivo alertar o público para questões que estão intrínsecas à sociedade como o tal mosquito da A3. A minha visão do teatro (que não é nova) é que ele deve servir como uma catapulta

de mudança na sociedade, como uma arma sem gatilho, uma rosa pronta a desflorar em campo desértico. O teatro como ferramenta de alerta, como um meio de chegar a públicos, através da verdade, da crueldade, da realidade, de não deixar cair em esquecimento tudo o que nos trouxe até aos dias de hoje.

Atualmente, estou a encenar um espetáculo que se chama “Mulheres de Abril”, um espetáculo que foi maioritariamente criado com as vivências das minhas alunas “vintage”, como eu gosto de lhes chamar. Mulheres que viveram a ditadura, Mulheres que sentiram na pele que é ser-se diariamente oprimidas por um sistema patriarcal, Mulheres que, desde muito novas, recebiam “conselhos” de revistas femininas em relação à maneira como se deviam comportar, revistas essas que ressaltavam a importância do homem e do seu bem-estar. Num dos muitos conselhos dados por essas revistas podemos ler:

“Cara leitora, já que conhece tão bem o fraco do seu marido, não poderia agir com um bocadinho mais de cuidado, de forma a evitar as suas cóleras? Se ele lhe bate, talvez aconteça ser a leitora a culpada por o irritar muito, não? Também não deve acirá-lo se notar que ele não está bem.” Retirado de *Crónica feminina*, julho de 1973

Estamos a falar de algo que foi escrito há 51 anos, mas que ainda tem as suas repercussões nos dias de hoje. Para termos uma noção, em Portugal o crime que mais mata atualmente é aquele que apelidamos de

violência doméstica. No meu parecer deveriam mudar este termo, tendo em conta que não é contra “a doméstica” que se pratica violência, é contra o género, género feminino. A palavra “doméstica” acaba por retirar um certo peso ao contexto de violência porque “Entre marido e mulher, ninguém mete a colher”.

As mulheres que fazem parte do espetáculo “Mulheres de Abril” sofreram às mãos de um sistema ditatorial e devotamente patriarcal, despediram-se dos seus companheiros por uma guerra que não era deles, não podiam falar do aborto porque isso era extremamente criminoso, não podiam usar decotes nem se maquilhar muito, não podiam dizer um ai ao marido porque isso não era permitido, deviam ser doces e frágeis e nunca questionar as atitudes dos seus companheiros, não deviam falar das inquietudes da lida de casa, não deviam trabalhar fora de casa porque isso masculinizava, não deviam questionar, desconfiar, pensar, opinar e quase que me atrevo a dizer, respirar!

Falamos de 50 anos, 50 anos que passaram e ainda tanta coisa está por mudar, uso o teatro como uma guilhotina para o que eu, enquanto ser humano, considero errado, para alertar, para criar desassossego, para que as pessoas possam refletir de qual é o nosso lugar no mundo. É sobretudo para me desafiar e desafiar os outros a não sermos meros espetadores da desigualdade que continua a assumir formas incontornáveis?



Sempre me vi como uma espécie de fora da lei, do contra, de quem não está bem com aquilo que não está certo. Acho que a arte, toda ela, deve ser um mecanismo para desvendar o que de podridão temos nas nossas raízes, na nossa própria cultura. Que tradições trazemos connosco e ainda abraçamos com cegueira absoluta, que braços são esses que em vez de abraçar, criam barreiras, oprimem e violentam? Onde anda a fraternidade, onde está a terra livre que tanto ambicionaram aqueles que marcharam pelas ruas há 50 anos?

Devemos deixar cair em esquecimento as atrocidades do mundo? O que aconteceu com estas mulheres que agora me contam as suas histórias? O que fazemos com a vida que nos foi dada além de colocarmos fotos com mil e um efeitos nas redes sociais? O que fazemos com a voz que nos foi dada? Calamos, assistimos, petrificamos perante as injustiças?

Não acredito num mundo de uma só cor, acredito na beleza da diversidade, na esperança e na força do querer bem ao outro. No outro dia um aluno disse-me que chorou perante os colegas e que os colegas se riram dele. Tenho pena que o mundo não dê colo aos homens, colo e sensibilidade e dizendo-lhes que chorar às vezes faz bem, que ser sensível é sinal de força e não de derrota, tenho pena que os homens não possam exprimir as suas vulnerabilidade sem ter um dedo a apontar, tenho pena que ainda se ouça “Homem não chora, homem tem de ganhar mais do que a mulher, homem tem de ser forte...” Tenho pena destes meninos que depois se tornam homens e não sabem como exteriorizar as suas frustrações além da voz alta e da violência física. Tenho pena que ainda se viva num mundo onde não privilegiamos uma educação que promova o desenvolvimento da inteligência emocional nas meninas e nos meninos, de forma que ambos possam ter direito a ser frágeis e fortes.

Enquanto ativista cultural, não me vejo a fazer outra coisa a não ser a de trazer a história até aos palcos, a história que se repete como um círculo vicioso de um veneno que parece se alastrar pela história da humanidade como um fósforo aceso em plena escuridão, no meio de uma floresta qualquer.

Eu, num mundo de homens, num sistema ainda devotamente patriarcal, decido ser mulher, de braço estendido no ar, não com um cravo entre os dedos, mas com o nome das minhas antepassadas nas rugas da palma da minha mão, virada para o céu, acenando-lhes que não me esqueço delas e deles também. A minha passagem aqui na terra haverá de ser de uma luta constante contra a injustiça, o preconceito e esse grande destruidor a que chamamos de ódio. Continuarei a combater o medo irracional daqueles que são fracos de mente e espírito, continuarei a levar para cima de terra sagrada, o palco, os temas de outrora para que nunca nos esqueçamos que evoluímos sim, mas que há coisas que estão em nós há milhões de anos e que precisam de vir à luz do dia para limparmos a face empoeirada dos mesmos costumes arcaicos. •

VÂNIA SILVA
ATRIZ, ENCENADORA,
DIRETORA ARTÍSTICA NO CENTRO ARTÍSTICO NÓMADA



25 DE ABRIL SEMPRE! Pela Conquista dos Direitos e da Liberdade!

No ano em que celebramos a data especial do 50º Aniversário da Revolução dos Cravos urge repensar e proteger com todo o empenho e dinâmica possível tudo o que conquistámos e estabelecemos para a nossa sociedade pós Abril. Com efeito, se é verdade que também o Poder Local adquiriu nestes 50 anos um relevo digno de registo e uma importância acrescida junto das populações, não será igualmente de descurar o combate ao ressurgimento triste e preocupante de ideologias e populismos que, pensávamos nós, estavam arreadados da nossa vida. A própria Constituição da República Portuguesa visa “Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo e representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa”, princípio este bem presente quando se estabeleceram em 1976 os princípios gerais das Autarquias Locais entre os artigos 235 e 254 da Constituição da República portuguesa.

O 25 de abril foi pensado e concretizado por homens e mulheres valorosos que muito sofreram às mãos de um Estado Novo totalitário e opressivo. Na hora de honrarmos a memória e a coragem destes Combatentes pela Liberdade devemos usar toda a nossa energia e formação democrática para garantir que as gerações vindouras assentem o seu desenvolvimento com base em valores e numa moralidade que lhes permitam atingir os seus desígnios.

A Liberdade conquistada tem um valor infinito e os Direitos restaurados e adquiridos em abril de 1974 não terão que sobreviver mais 50 anos, terão sim que perdurar para sempre na vida de todos nós!

A Liberdade como um Direito Fundamental! •

MANUEL JOÃO SAMPAIO TIBO
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
DE TERRAS DE BOURO

REVISTA TER

50 EDIÇÕES

EDIÇÕES

49

PÁGINAS

4446

TIRAGEM

44150

ARTIGOS DE COLABORAÇÃO

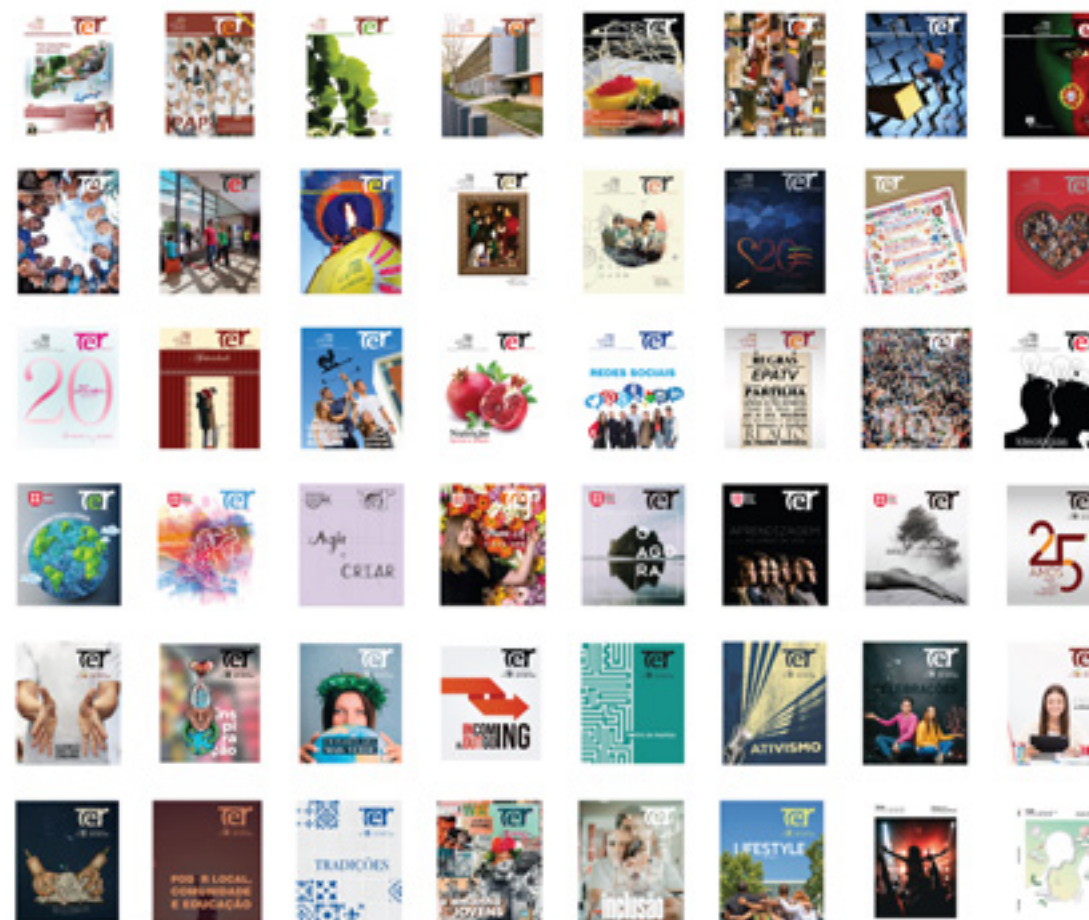
826

NOTÍCIAS

2592

ENTREVISTAS

63



Os 50 anos do 25 de Abril são uma data duplamente feliz para nós porque se realiza quando publicamos a 50ª edição da Revista Ter.

Queremos celebrar este marco importante agradecendo profundamente a todos quantos colaboraram connosco ao longo de todas as edições. Temos e teremos sempre muito prazer em receber o contributo de figuras nacionais e internacionais ligadas às artes,

cultura, política local e nacional, ciência, economia e ambiente. Mas o contributo que mais nos alegra vem dos professores, alunos e colaboradores que participam sempre connosco.

Para quem nos lê e nos vai ler esperamos que encontrem no nosso trabalho uma revista plural, que enriqueça e divulgue o melhor da nossa escola e da nossa terra. Uma Terra Verde que muito Amamos.

JOSÉ AUGUSTO QUARESMA

Formador

No Grupo Amar Terra Verde há 18 anos

Cores: Toda que seja radiante

Comida: Carne

Desporto: Atletismo

Música: Clássica

Filme: Amo-te Rosa / O Senhor dos Anéis

Série TV: A Ferreirinha / O Crime do Padre Amaro / Salgueiro Maia / O Implicado

Livro: A Mãe – Máximo Gorki/ Poesias completas – António Gedeão/Só – António Nobre

Saudade: Muita, por defeito...

Autodefinição: Gosto de ficar pela “rama”.

Lema/ Citação: Não esperar que outros façam por mim.

Frio/**Quente**
Escuro/**Claro**
Dentro/Fora
Acompanhado/**Sozinho**
Verdade/Consequência
Muito/**Pouco**
Noite/**Dia**
Terra/Água
Depressa/**Devagar**
Barulho/**Silêncio**
Dar/Receber
Ver/**Ouvir**
Ida/**Volta**
Aprender/**Ensinar**

Desejo: Realização plena; sociofamiliar

Objetivo de vida: Devolver à sociedade o que investi em mim

Medo: Cair num fosso oco, escuro...

Tomar café com... Quem partilhe bons sentimentos

Qual é o seu maior medo? Não ter tempo.

Qual é a característica que mais detesta em si mesmo? Teimosia.

Qual é a sua ocupação favorita? Ir ao teatro.

Em que ocasiões mente? Sempre que quero despachar alguém.

Qual é o bem mais valioso que tem? Não tenho bens materiais, mas sim, tenho os meus netos e esse são a minha mais-valia.

Que palavras ou frases usa excessivamente? “Valha-nos Santa Quitéria”.

Qual é a sua característica mais assinalável? A entrega social.

MIGUEL BARBOSA

3º ano do Curso Técnico de Cozinha/Pastelaria

Revista Ter: A Cozinha sempre foi a tua área de sonho? Era algo que querias seguir ou veio de família?

Miguel Barbosa: Sim, sempre foi a cozinha. Aí não houve dúvida nenhuma! Já no 9º ano tinha tudo decidido e em janeiro inscrevi-me na EPATV. Eu até tenho um tio que é cozinheiro mas era o único na minha família. Agora há mais um, já que também eu estou na Cozinha.

RT: O que te atraiu nessa área?

MB: No início eu gostava de comer! [risos] Mas agora que fiz dois estágios, a minha maior atração pela Cozinha, aquilo que eu mais gosto, é a adrenalina de estar numa cozinha profissional e o serviço de cozinha em si.

RT: Agora que estás a concluir o curso, consideras que a tua experiência estudar na EPATV é enriquecedora?

MB: Sim, até pelas oportunidades que tive em participar em concursos e a confiança que ganhamos dos professores que depois nos faz ir para os melhores estágios. Tal como foi no último estágio que fiz onde tive muitas horas de trabalho, isso faz parte da cozinha, mas em que aprendi muita coisa.

RT: Podias-nos contar mais sobre os estágios que realizaste?

MB: No primeiro ano, como no meu caso não havia possibilidade de fazer estágios, fui trabalhar no Hotel Meliá e gostei muito da experiência e aprendi

muito. No segundo ano, fui estagiar para a Galiza, para um restaurante com Estrela Michelin. Estando lá, o contexto foi completamente diferente, foi uma lufada de ar fresco. Eram muitas mais horas de trabalho e era muito exigente mas gostei porque a aprendizagem foi maior.

RT: E levaste essa experiência para os concursos? Chegaste a entrar em contato com chefs profissionais?

MB: Claro, mesmo sabendo que os concursos não são assim tão exigentes quando comparado aos estágios, fui participar no MYCA enquanto jurado, porque venci no ano passado, e tive a oportunidade de falar com o Chef Presidente do Júri [Diogo Novais], em que falámos sobre o futuro e sobre o que ia fazer. Deu-nos o seu exemplo, o que

foi muito importante porque é alguém que já passou por ali e porque nos disse o que fez e como é que correu.

RT: Que planos tens para quando terminares o curso?

MB: Neste momento estou a concorrer para estágio, porque quero encontrar a empresa que me dê a possibilidade de aprender ainda mais e que me dê a oportunidade de trabalhar lá no final. Ainda pensei em seguir a universidade diretamente, mas agora estou mais inclinado para fazer o estágio e se possível fazer mais alguns meses, ou depois acabar este ano noutra restaurante, só depois no próximo ano letivo é que entro na universidade.



DESTINÇÃO

EPATV RECEBE SELO PROTETOR DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS DA CNPDPCJ

A EPATV recebeu o Selo Protetor da CNPDPCJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens – relativo ao biénio 2023/2025.

O Selo Protetor, cujo certificado foi assinado pela presidente da CNPDPCJ, Rosário Farmhouse, reconhece a Escola Profissional

Amar Terra Verde como uma instituição que promove os direitos de crianças e jovens.

A CNPDPCJ congratula a EPATV pela atribuição do Selo Protetor e agradece todo o trabalho da escola profissional na “promoção e salvaguarda dos direitos de crianças e jovens”.



CELEBRAÇÃO

CRIANÇAS DO 1º CICLO E INFANTÁRIO CANTARAM AS JANEIRAS

As crianças do Colégio Dom João de Aboim e do Infantário da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde presentearam a EPATV, no mês de janeiro, com o cantar das Janeiras.

Acompanhados pelos professores, os meninos encantaram a escola com canções tradicionais dos Reis.



PROJETO CARREIRA

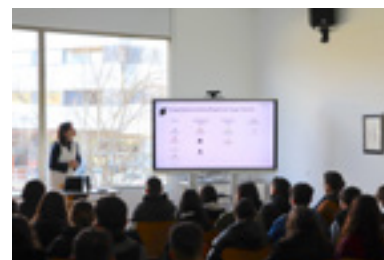
GRUPO PESTANA REALIZA SESSÃO DE ESCLARECIMENTO SOBRE OFERTAS DE EMPREGO E ESTÁGIO

Representantes do Grupo Pestana estiveram na EPATV, a divulgar aos alunos de Cozinha/Pastelaria as suas ofertas de estágio e de emprego.

A apresentação deu a conhecer a história e as diversas valências desta empresa, assim como as várias ofertas de estágio de emprego que tem para oferecer em vários pontos do país e do estrangeiro. Na sessão, houve

ainda espaço para tirar dúvidas sobre os procedimentos de estágios.

Este grupo português gere mais de 100 hotéis de luxo no país e no estrangeiro e possui vários estabelecimentos turísticos como pousadas e casinos. Tem investido na formação e no aumento do recrutamento em Portugal.



WORKSHOP

WORKSHOP DE MASSAGENS COM PEDRAS QUENTES

As alunas do 2º ano de Esteticista participaram num workshop de massagem com pedras quentes, com a massoterapeuta Fátima Barreiros. Trata-se de uma prática terapêutica milenar com origens em culturas antigas, como a medicina tradicional chinesa e a medicina Ayurveda indiana.

A prática da massagem com pedras quentes pode conter benefícios para a saúde como relaxamento muscular, melhoria da circulação sanguínea, alívio do stress e ansiedade, equilíbrio energético, melhoria da flexibilidade, alívio da dor crónica e promoção do equilíbrio emocional. A medicina tradicional chinesa

e a medicina tradicional indiana utilizam este tipo de massagem. Os chineses utilizavam pedras aquecidas para melhorar o fluxo de energia vital, conhecido como “qi” ou “chi”, ao longo dos meridianos do corpo. Na Índia, a medicina Ayurveda também emprega o uso de pedras aquecidas nos tratamentos de massagem, como uma forma de transferir calor e energia para o corpo, aliviando a dor e promovendo o equilíbrio energético.

Sobre este workshop, a professora Maria José Falcão considerou que todas as alunas do 2º ano de Esteticista participaram ativamente com muito agrado.



ECO-ESCOLAS

DOCENTES PARTICIPARAM NO SEMINÁRIO NACIONAL ECO-ESCOLAS 2024

As docentes Paula Costa e Clara Sousa participaram no Seminário Nacional Eco-Escolas em Arganil. A edição deste ano, que decorreu de 19 a 21 de janeiro, reuniu professores, coordenadores da Eco-Escolas, técnicos municipais e outros profissionais ligados à educação ambiental.

A iniciativa decorreu na Antiga Cerâmica Arganilense e na Escola EB 2,3 de Arganil com o objetivo de divulgar novos projetos e iniciativas relativas ao ano letivo 2023/2024 e debater estratégias referenciais e

metodologias em Educação para o Desenvolvimento Sustentável e do Programa Eco-Escolas. O colóquio serviu também para fornecer aos participantes informações específicas sobre os temas do Eco-Escolas deste ano (Geodiversidade e espaços exteriores), bem como outros temas relacionados com ecologia e sustentabilidade.

O evento também proporcionou aos participantes ateliers de caráter prático com o objetivo de enriquecer as estratégias a adotar em educação ambiental.



AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO

ALUNAS E ALUNOS TROCAM DE PAPÉIS PARA A IGUALDADE DE GÊNERO

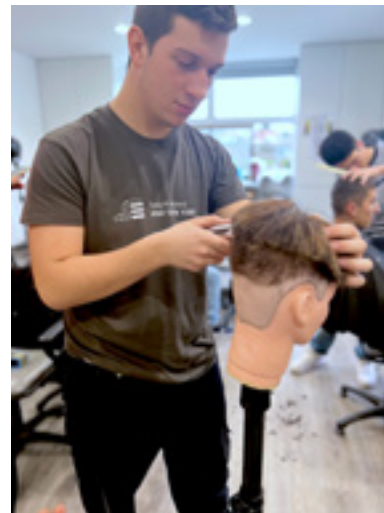
As turmas do 3º ano de Refrigeração e Climatização, Esteticista e Cabeleireiro realizaram, no dia 16 de janeiro, uma troca de papéis, como gesto de sensibilização para a Igualdade de Género.

Os alunos tiveram a oportunidade de experienciar aulas práticas nos cursos de Cabeleireiro e de

Esteticista, onde aprenderam sobre corte de cabelo, manicure, massagens corporais e massagens orientais.

Já as alunas realizaram, na oficina de refrigeração e climatização, a instalação elétrica de um comando de lâmpada acionado através de um interruptor.

Esta atividade realiza-se no âmbito da componente de Igualdade de Género da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento.



PROJETO CARREIRA

ALUNOS DO 1º ANO PARTICIPARAM EM SESSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO

As turmas do 1º ano participaram numa sessão educativa sobre o tema da Comunicação, dinamizado pelos nossos parceiros da Casa do Povo de Ribeira do Neiva.

Estas sessões, realizaram-se no âmbito do Projeto Carreira da EPATV tendo como principais objetivos: explicar aos alunos os desafios de uma comunicação eficiente, diferenciar os tipos de comunicação que existem e refletir sobre o impacto que

certos padrões comportamentais podem ter na comunicação.

Durante a sessão foram trabalhados, de forma ativa e colaborativa, temas como a comunicação ruidosa, a descrição das competências de comunicação, a comunicação não verbal, a comunicação em público, culminando com duas atividades de auto e heteroavaliação.



CELEBRAÇÃO

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS SOBRE FERNANDO PESSOA

O Grupo Disciplinar de Português dinamizou, uma exposição de trabalhos manuais dos alunos do 3º ano sobre a obra literária de Fernando Pessoa, "Mensagem".

A mostra uniu os conhecimentos adquiridos pelos alunos, durante a abordagem da obra, à criatividade e inspiração

na elaboração de diversos trabalhos, com os mais variados materiais e técnicas. A exposição integrou os conteúdos programáticos do módulo 8 da disciplina de Português, numa perspectiva de ensinar por meio de estratégias diferenciadas e ajustadas ao perfil do aluno e foi notório o empenho de todos.



PROJETO CARREIRA

EQUIPA DE SAÚDE ESCOLAR DINAMIZOU SESSÕES PRESSE JUNTO DOS ALUNOS DO 2º ANO

A equipa de Saúde Escolar da UCC de Vila Verde está a dinamizar junto das turmas do 2º ano um conjunto de sessões PRESSE, um programa de educação sexual nas escolas. O objetivo é refletir sobre temas relacionados com a sexualidade, prevenir comportamentos de risco nos jovens e promover uma vivência saudável e informada da sexualidade.

As sessões foram realizadas entre os dias 1 e 15 de fevereiro e ainda antes foi distribuído um formulário para os alunos colocarem questões de forma anónima. Esta atividade foi organizada no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, na componente de saúde.



WORKSHOP

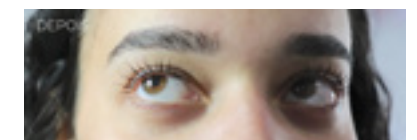
ALUNAS DE ESTÉTICA REALIZAM WORKSHOP SOBRE EXTENSÃO E LIFTING DE PESTANAS

As alunas do 3º ano de Esteticista assistiram a um Workshop sobre Extensão e Lifting de Pestañas com a formadora Joana Marinho.

Trata-se de uma técnica muito em voga que consiste na aplicação de filamentos sintéticos em seda, com comprimentos, espessuras

e curvaturas diferentes sobre as pestanas. Este método permite intensificar o olhar, tornando-o mais aberto, intenso e sedutor.

O lifting de pestanas tem por objetivo elevar e dar curvatura às pestanas de modo a "abrir" o olhar, tornando-o mais cristalino e aberto tal como a extensão.



VISITA DE ESTUDO

ALUNOS DE TÉCNICO DE DESPORTO VISITAM SPORTING CLUBE DE BRAGA

A turma do 1º ano de Técnico de Desporto visitou o Estádio Municipal de Braga, a casa do Sporting Clube de Braga. A atividade deu a conhecer aos participantes as instalações e a história do clube bracarense, assim como os levou a percorrer os mesmos lugares dos

jogadores do Braga em dias de jogo.

Os alunos fizeram uma visita guiada ao museu do clube, inserido no Estádio Municipal de Braga que foi galardoado com prémios de arquitetura e engenharia. Os participantes

tiveram a oportunidade de fazer o percurso habitual dos jogadores em dias de jogo pela zona mista, de entrar no relvado do estádio, de realizar a sua própria flash interview e até simular a sua conferência de imprensa.



AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO

VIDA NORTE SENSIBILIZA ALUNOS DO 1º ANO PARA A IMPORTÂNCIA DA DECISÃO CONSCIENTE NA SEXUALIDADE

A Associação Vida Norte realizou, no auditório, junto das turmas do 1º ano uma sessão de sensibilização sobre a tomada de decisão consciente na sexualidade, com vista à prevenção da gravidez na adolescência. O objetivo foi promover uma tomada de decisão informada, promover relações amorosas saudáveis, com mais valor e significado, e prevenir a gravidez indesejada.

Para além da ação de esclarecimento, os alunos tiveram a oportunidade de realizar um role play de uma situação de gravidez indesejada,

de modo a perceber como reagiriam e quais as possíveis reações de familiares e amigos.

A ação foi desenvolvida por técnicas da Associação Vida Norte, uma IPSS local que presta auxílio a grávidas e bebés em situação de fragilidade, garantindo-lhes um acompanhamento próximo que assegure a capacitação da família e a construção de um projeto de vida autónomo e feliz. A atividade foi realizada no âmbito do domínio da sexualidade da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento.



CELEBRAÇÃO

EPATV CELEBRA O ROMANCE NUM DELICIOSO BRUNCH E COM NOVO PRODUTO SUSTENTÁVEL

A Escola Profissional Amar Terra Verde (EPATV) participou, a 15 de fevereiro, no Mês do Romance de Vila Verde com um brunch servido e preparado pelos alunos de 3º ano de Cozinha/Pastelaria, sob orientação dos chefs Rodolfo Meléndrez, Nuno Silva e Américo Silva. A ocasião serviu de oportunidade para apresentar o “BeelNLove”, um novo produto de beleza natural que resulta do projeto de alunas do 3º ano de Esteticista e do 3º ano de Cabeleireiro, sob orientação da professora Ana Gonçalves.

Para este momento, marcaram presença a presidente da Câmara de Vila Verde, Júlia Fernandes, os vereadores Manuel Lopes, Patrício Araújo e Michele Alves e o presidente da Junta de Freguesia de Vila Verde e Barbudo, José Luís Faria. Também foram convidados os representantes de instituições parceiras da EPATV, como CPCJ (Comissão de Proteção de Menores de Vila Verde), CLDS, Academia de Música de Vila Verde (ACMVV), CFAC (Centro de Formação do Alto-Cávado),

diretores dos Agrupamentos Escolares de Vila Verde, Amares e Prado e o diretor da Escola Secundária de Vila Verde.

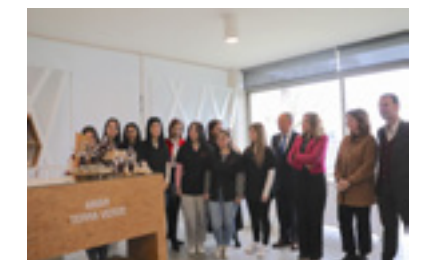
Para estes convidados, os alunos de Cozinha/Pastelaria prepararam uma extensa e deliciosa ementa com croissants bicolor, biscoitos húngaros em forma de coração, panquecas com mel, queques de baunilha e chocolate, Pão de Deus, granola com iogurte e os mais variados tipos de pães. Não faltaram ainda ovos mexidos, frutas espetadas, queijos e fiambres, frutas variadas e bebidas como sumo de laranja, água aromatizada, chás e cafés.

Depois do brunch, foi lançado o “BeelNLove”, uma máscara capilar e um hidratante corporal sólidos feitos à base de cera de abelha e outros ingredientes naturais, desenvolvido pelas alunas do 3º ano de Cabeleireiro e do 3º ano de Esteticista, respetivamente. Para além de suavizar e hidratar a pele e o cabelo, o “BeelNLove” destaca-se pela sustentabilidade, pois não tem químicos adicionados.

Este produto resulta de projetos de PAP das alunas do 3º ano de Esteticista e do 3º ano de Cabeleireiro, sob orientação da professora Ana Gonçalves.

Dirigindo-se aos convidados, o presidente da EPATV, João Luís Nogueira, agradeceu a presença de todos e elogiou o trabalho realizado pelos alunos. A autarca Júlia Fernandes também agradeceu a todas as instituições presentes e elogiou a qualidade da formação da EPATV, frisando que os testemunhos positivos que recebe sobre a nossa escola são “um sinal do excelente trabalho realizado pelos vossos formadores, professores e por toda a escola”. Louvou ainda o trabalho realizado pelos alunos na preparação do brunch e na apresentação do novo produto de beleza e agradeceu à EPATV pela parceria que mantém com o município há vários anos.

O Mês do Romance é uma organização do Município de Vila Verde e conta com a parceria da EPATV.



CELEBRAÇÃO

GRUPO DE INGLÊS CELEBROU DIA DE S. VALENTIM COM O “FRIENDSHIP TREE”

No âmbito da celebração do dia de S. Valentim, o grupo disciplinar de Inglês propôs a elaboração de uma “Friendship Tree” de forma envolvê-los nos valores da amizade. Assim, foram escritas, numa folha de árvore feita de cartolina, palavras relacionadas com amizade, entre

as quais se destacaram: trust; tolerance; generosity; honesty; respect and gratitude.

Esta atividade contou ainda com a colaboração da professora Emília Martins e da turma de Animador Sociocultural 1º ano, na elaboração do tronco da árvore.



DESPORTO

TORNEIO DE BADMINTON ENTUSIASMOU ALUNOS

Entre os dias 15 e 16 de fevereiro o Grupo Disciplinar de Educação Física, organizou o Torneio de Badminton, com o objetivo de promover os valores do desporto. A envolvimento e o entusiasmo geral foram notáveis, com destaque para os alunos que se voluntariaram para ajudar a arbitrar as partidas. A competição esteve aberta

à participação de todos os alunos e foi organizada nas categorias singulares, masculinos e femininos, e pares, masculinos. A prova de badminton de singulares foi conquistada por Bruna Santos (1º ano de Desporto), em Juvenis Femininos, e por Igor Pereira (1º ano de Desporto), em Juvenis Masculinos. Na

prova de pares a dupla José Rodrigues e Miguel Ferreira (1º ano de Design Gráfico), em Juniores Masculinos, e por Fábio Costa e Miguel Afonso (1º ano de Mecatrónica Automóvel), em Juvenis Masculinos.



ECO-ESCOLAS

VÍDEO “RECICLAGEM NA ESCOLA: JUNTOS PELO AMBIENTE” VENCE CONCURSO “REPÓRTER ELETRÃO”

O vídeo “Reciclagem na Escola: Juntos Pelo Ambiente”, publicado no canal de YouTube da EPATV em dezembro, recebeu o prémio “Reportér Electrão” na categoria de Ensino Secundário. O filme foi elaborado pelas alunas Ema Andrade, Matilde Silva e Matilde Teixeira, sob coordenação dos professores José Dantas e José Barros, e explora a temática da reciclagem de diversos tipos de resíduos.

Este vídeo visa inspirar a comunidade educativa a adotar práticas de reciclagem mais eficientes e conscientes, destacando o papel fundamental que cada indivíduo desempenha na preservação do meio ambiente. No email enviado em resposta, a organização do concurso anotou que o vídeo está bem estruturado e informativo e que conseguiu “explicar de forma clara a importância de separar e

não separar corretamente os diferentes resíduos”. O projeto resulta de uma parceria entre a Escola Profissional Amar Terra Verde e a Escola Electrão que uniram forças com o objetivo nobre de conscientizar a comunidade educativa sobre a importância do encaminhamento adequado dos equipamentos elétricos, pilhas, baterias e embalagens usadas para reciclagem e valorização. Através dos Locais de Recolha Electrão, a escola busca promover a prática sustentável e responsável para contribuir com a preservação do meio ambiente.

Ainda no âmbito do concurso “Repórter Electrão” foi conduzida uma entrevista, sobre a questão crucial de Separar ou Não Separar, abordando a necessidade de uma segregação eficiente dos resíduos para otimizar o processo de reciclagem.



VER VÍDEO AQUI.

VISITA DE ESTUDO

ALUNOS DE DESIGN E COMUNICAÇÃO GRÁFICA VISITARAM CASA MUSEU DE VILAR E CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO ROMÂNICO

No dia 21 de fevereiro, realizou-se a visita de estudo à Casa Museu de Vilar, onde os alunos do curso Técnico de Design e Comunicação Gráfica do 1º e 2º ano, acompanhados pelos professores, Fátima Pimenta e Rui Silva, puderam usufruir de uma visita guiada sobre o cinema de animação e ainda a uma sessão de filmes dos realizadores de Animação, Abi Feijó e Regina Pessoa.

Da parte da tarde, realizou-se a visita ao Centro de Interpretação do Românico, projeto expositivo de divulgação do património histórico-cultural, que se distingue pelo arrojo da sua arquitetura contemporânea e pelas múltiplas experiências interativas proporcionadas pelos seus conteúdos museográficos.



DISTINÇÃO

ALUNOS DE COZINHA SERVEM NA BOLSA DE TURISMO DE LISBOA 2024

Os alunos do 3º ano de Cozinha/Pastelaria tiveram a honra de servir o Presidente da República com diversas iguarias representativas do Norte, na sua visita à 34ª edição da BTL, a maior feira de Turismo em Portugal. Este encontro resultou do renovado convite do Turismo do Porto e Norte de Portugal à EPATV para dinamizar o espaço promocional.

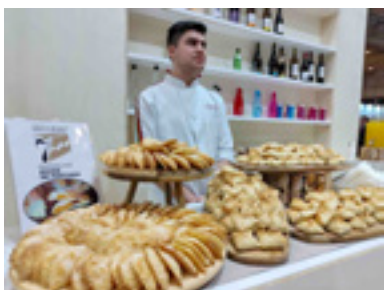
Durante os cinco dias do evento, os alunos, acompanhados pelo chef Rodolfo Meléndrez,

apoiaram nas diversas ações de promoção gastronómica e provas vinícolas dos mais de 80 municípios nortenhos. Estas atividades serviram para demonstrar todo o potencial turístico e a riqueza gastronómica e cultural da região Norte de Portugal.

A renovação do convite pela Região de Turismo do Porto e Norte de Portugal confirma a competência dos alunos da EPATV e representa, a cada ano que passa, uma maior

responsabilidade que encaramos com alegria.

A BTL reuniu profissionais, stakeholders e líderes de opinião do setor do turismo, bem como representantes de vários pontos turísticos internacionais.



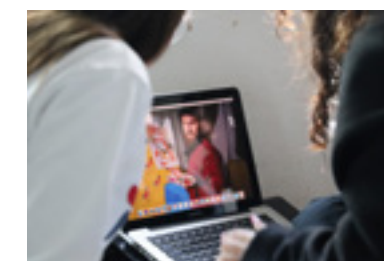
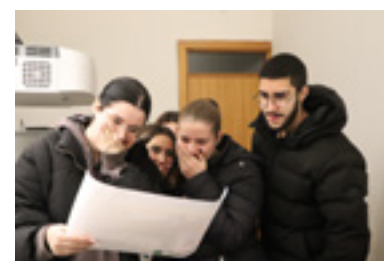
PROJETO CARREIRA

ESCAPE ROOM DA EPATV COM ENREDO E ENIGMAS ORIGINAIS

Durante os meses de fevereiro e março, todas as turmas do 2.º ano foram desafiadas a participar numa competição interturmas através de uma Escape Room especial, designado Um Mistério na EPATV. Esta iniciativa, com enredo e enigmas originais, foi construída e promovida no âmbito do Projeto Carreira, tendo como objetivo principal potenciar o desenvolvimento de competências de trabalho em equipa e de resolução de

problemas nos seus participantes através de um processo de exploração e descoberta criativo, divertido e construtivo. Cada turma experienciou à sua maneira esta aventura, encontrando as suas estratégias grupais para cumprir as suas missões. São todos uns corajosos e vencedores por terem participado, todavia há duas turmas que se destacam pelos tempos conseguidos.

Ainda que se pretenda que o Mistério da EPATV continue secreto para poder ser experimentado por outros corajosos e curiosos participantes, podemos adiantar que, por agora, o mistério foi desvendado com sucesso, muito embora, houvesse quem tenha ficado com vontade de explorar mais profundamente a história que deu origem à Escape Room. Quem sabe, não se seguem novos capítulos nesta história?!



PROJETO CARREIRA

ALUNOS DE 3º ANO ASSISTIRAM A SESSÃO SOBRE LITERACIA FINANCEIRA

As turmas de 3º ano assistiram, na sala 4.0, a uma sessão sobre literacia financeira, realizado no âmbito do Projeto Carreira. A sessão esteve compreendida entre as temáticas da poupança, realizada pela DecoJovem, e tipos de contrato de trabalho, realizado por Andreia Gomes.

O evento teve como objetivos compreender a importância da poupança, entender a poupança como forma de alcançar objetivos, saber que a aplicação de poupança é remunerada e calcular a remuneração da poupança e quais os principais

riscos da aplicação da poupança. A sessão também visou ajudar os alunos a compreender o que é um trabalhador independente – como se emitem recibos verdes e como se fazem descontos, através de simulação/ situação exemplo – e trabalhador por conta de outrem – que tipo de pormenores se devem ter em conta ao assinar um contrato e quais as diferenças entre valor bruto e valor líquido.

A sessão foi realizada no âmbito do domínio do Mundo do Trabalho da componente de Cidadania e Desenvolvimento.



VISITA DE ESTUDO

ALUNOS DE ELETROTECNIA E TEAC VISITARAM AS EMPRESAS INDELAGUE E EMPIFARMA

No dia 23 de fevereiro, os alunos do 3º ano dos cursos Técnico de Eletrotécnica e Técnico de Eletrónica, Automação e Computadores (TEAC), acompanhados pelos professores, José Santos, José Dantas, Aurélio Machado e Carlos Marinho, realizaram uma visita de estudo às empresas Indelague, em Águeda, e Empifarma, em Montemor-o-Velho.

A primeira paragem foi em Águeda para a visita à INDELAGUE - Indústria Elétrica de Águeda, SA. Trata-se de uma empresa que está presente no mercado nacional e internacional, que desenvolve soluções de iluminação inovadoras e personalizadas no atendimento aos requisitos, eficiência económica, compatibilidade ambiental e oferta de valor tecnológico. Ao longo de sensivelmente duas horas, acompanhados por dois técnicos, os alunos tiveram oportunidade de visitar e conhecer as distintas fases do processo de produção, máquinas e equipamentos.

A visita iniciou-se pela área onde se encontram as punçadoras e quinadeiras, que fazem o corte e dobragem de peças em chapa metálica. Posteriormente visitaram as áreas de tratamento de superfícies, que é efetuada na linha de pintura por um processo com tecnologia de ponta - limpeza, secagem, pintura electrostática e cura.

Após a passagem pela zona de eletrificação, feita em células de montagem manual com base no sistema em forma de "U", visitaram o Goniofotómetro, instalado no Laboratório Indelague, e o Laboratório Fotométrico - laboratório para medir propriedades térmicas e técnicas de iluminação. Por fim, os alunos foram convidados a visitar a área de showroom onde tiveram a oportunidade de conhecer e contactar com os produtos e os projetos de iluminação arquitetural desenvolvidos pela empresa.

Pela parte da tarde, as turmas foram até o Parque de Negócios de Montemor-o-Velho para visitar a Empifarma - Produtos

Farmacêuticos, SA. Trata-se de uma empresa pertencente ao Grupo FHC, um dos mais relevantes grupos empresariais do setor da saúde em Portugal, ligada à distribuição de medicamentos e outros produtos farmacêuticos, a operar exclusivamente no mercado farmacêutico nacional.

Aqui, os alunos, durante sensivelmente uma hora, orientados por dois técnicos, realizaram uma visita guiada ao interior da unidade, em que acompanharam todos os processos de automação relacionados com a resposta a uma encomenda e à logística.

Ficou claro que se trata de uma empresa onde a tecnologia é a base do seu negócio, pelo que, em termos técnicos, os objetivos inicialmente propostos, foram inteiramente cumpridos, designadamente nas áreas da eletrónica, automação e da informática.



CLUBE EUROPEU

CLUBE EUROPEU SENSIBILIZOU ALUNOS SOBRE A RELEVÂNCIA E IMPORTÂNCIA DA UNIÃO EUROPEIA

O Clube Europeu e a Escola Embaixadora do Parlamento Europeu da EPATV dinamizaram uma sessão sobre o Parlamento Europeu e as instituições europeias.

Esta sessão teve como objetivos dar a conhecer aos participantes o sistema político da UE, aprofundar a consciencialização sobre os desafios e oportunidades enfrentados pela UE atualmente e promover o envolvimento cívico e a participação democrática dos

alunos.

O palestrante convidado pelo Clube Europeu e pela Escola Embaixadora do Parlamento Europeu da EPAV foi Ricardo Sousa, da Europe Direct Minho do IPCA.

O evento foi realizado no âmbito do domínio das Instituições e Participação Democrática da componente de Cidadania e Desenvolvimento.



VISITA DE ESTUDO

3º ANO DE REFRIGERAÇÃO E CLIMATIZAÇÃO VISITOU JORDÃO COOLING SYSTEMS E HÓSPITAL DE BRAGA

A turma do 3º ano do curso Técnico de Refrigeração e Climatização realizou uma visita de estudo à empresa Jordão Cooling Systems e ao Hospital de Braga. Esta atividade teve como objetivos entender os processos de fabrico de equipamentos hoteleiros de refrigeração e conhecer os equipamentos industriais de AVAC.

Na parte da manhã, os alunos deslocaram-se a Guimarães para uma visita à Jordão Cooling Systems, uma empresa no top europeu no fornecimento de equipamentos de refrigeração personalizados para empresas de pequena, média e grande dimensão em vários setores.

No período da tarde, visitaram as áreas técnicas de Aquecimento Ventilação e Ar Condicionado do Hospital de Braga. Os objetivos desta atividade foram atingidos e os formandos revelaram um elevado interesse e um comportamento responsável.



AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO

ALUNOS VISITARAM FUNDAÇÃO BONFIM NAS COMEMORAÇÕES DO DIA DA MULHER

Os alunos da EPATV visitaram a residência sénior da Fundação Bonfim no âmbito das comemorações do Dia Internacional da Mulher. A visita das turmas envolveu várias atividades como massagens,

manicure e maquilhagem, realizadas pelas alunas do 3º ano de Estética, e ainda animação musical, com as concertinas dos alunos de Maquinação e Programação em CNC e Mecatrónica Automóvel.

A Fundação Bonfim, com sede em Braga, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que presta auxílio em vários âmbitos a idosos e crianças.



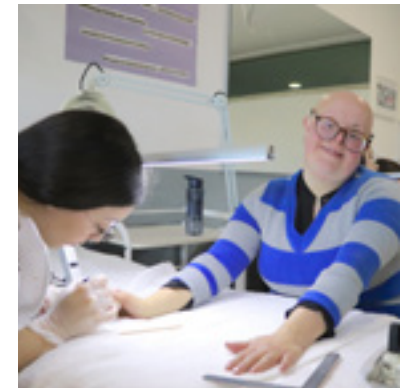
AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO

ALUNAS DE ESTÉTICA ALEGRARAM UTENTES DA APPACDM COM MAQUILHAGEM SOLIDÁRIA

As utentes da APPACDM de Vila Verde receberam das alunas de Estética uma maquilhagem solidária para o Dia da Mulher. A iniciativa visou celebrar o Dia Internacional da Mulher, sensibilizando as participantes para a importância de empreender pelos Direitos

Humanos, independentemente da condição de ser mulher ou homem.

As alunas de Estética realizaram diversos tratamentos que deram momentos de alegria às utentes da APPACDM de Vila Verde, como maquilhagens e manicures.



ECO-ESCOLAS

TURMA DE DESPORTO REALIZA PROJETO DE CRIAÇÃO DE ECO-TRILHO NA SERRA DO OURAL

A turma do 1º ano do curso Técnico de Desporto está a levar a cabo o projeto da criação de um Eco-Trilho na Serra do Oural. Esta iniciativa, insere-se no âmbito do projeto Eco-Escolas, focado este ano nos temas “Espaços Exteriores” e “Geodiversidade”, e realiza-se em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Verde e a Casa do Conhecimento de Vila Verde.

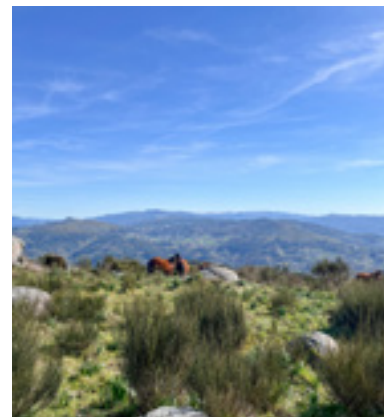
Na visita à serra, os alunos e os professores envolvidos no projeto dedicaram-se à identificação de vários pontos de interesse que irão enriquecer a experiência dos futuros visitantes. Entre eles, destacam-se a nascente do Rio Neiva, o Posto de Vigia do Monte do Oural, uma Mamoa ou Anta do Oural, o Baloioço do Oural, e a diversidade da flora e fauna local, além das paisagens de cortar a

respiração que a região oferece. O objetivo desta atividade é fomentar nos alunos o amor pela atividade física e pela proteção ambiental, sensibilizar para a importância de preservar a Terra, desenvolver o espírito de grupo e proporcionar experiências enriquecedoras em contacto direto com a natureza. Além disso, o trilho servirá como uma ferramenta educativa valiosa, onde os alunos podem aprender sobre a flora, a fauna, a geologia e os ecossistemas locais, realçando a necessidade de conservação ambiental e da biodiversidade.

Este projeto também visa aumentar o conhecimento dos alunos e da comunidade sobre o ambiente natural local, incentivando a exploração e o aprendizado sobre a história

natural, cultural e geográfica da Serra do Oural. Através da caminhada, promove-se a prática regular de atividade física, trazendo benefícios tanto para a saúde física quanto mental, como a redução do estresse e a melhoria da qualidade de vida.

Além de envolver alunos, professores, pais e membros da comunidade local na criação e utilização do trilho, o projeto fortalece o sentido de pertença e a coesão comunitária. Há também um esforço para divulgar o trilho e suas atividades associadas tanto dentro quanto fora da comunidade escolar, sensibilizando todos para a importância da educação ambiental e da conservação da natureza.

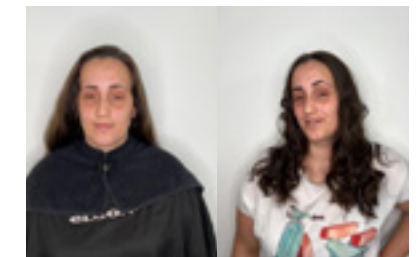


PROJETO CARREIRA

ALUNOS DE CABELEIREIRO RECEBERAM UTENTES DA CASA DO POVO DE VILA VERDE

Os alunos do 2º e 3º ano do curso de Cabeleireiro realizaram uma sessão que deu novos penteados a utentes da Casa do Povo de Vila Verde, num gesto de solidariedade para com os utentes daquela instituição.

Os participantes deslocaram-se até à sala de cabeleireiro da EPATV onde, orientada pelo professor Nelson Costa, a turma organizou uma sessão de cabeleireiro que deu um novo visual e momentos de alegria. A atividade serviu também de oportunidade para dar a conhecer a EPATV aos participantes.



ECO-ESCOLAS

ALUNAS DO 1º ANO DE ESTETICISTA PUBLICAM VÍDEO PARA REPÓRTER ELECTRÃO

Alunas do 1º ano de Esteticista, sob orientação dos professores José Dantas e Paula Costa, realizaram um vídeo publicado no YouTube da EPATV intitulado “Jornal do Ambiente da EPATV - Lixo / Resíduos”. O vídeo foi realizado no âmbito do Repórter Electrão, uma iniciativa incorporada na ação Escola Electrão, que tem como objetivo promover o conhecimento e o envolvimento dos alunos na temática da reciclagem dos equipamentos elétricos, pilhas, baterias e embalagens usadas, desafiando os alunos a produzirem uma peça jornalística.

Este vídeo, realizado e apresentado pelas alunas de Esteticista, mergulha na

problemática do lixo, destacando não só os impactos negativos que a gestão inadequada de resíduos pode trazer para o meio ambiente, mas também soluções práticas e eficientes que cada um de nós pode adotar no dia-a-dia. O “Jornal do Ambiente da EPATV- Lixo / Resíduos” faz um convite à reflexão e à ação, destacando o papel crucial que cada indivíduo desempenha na cadeia de responsabilidade ambiental, mostrando que, juntos, podemos caminhar em direção a um mundo mais limpo e verde.

Os docentes destacaram o empenho e dedicação das alunas participantes, sublinhando que este projeto visa inspirar

a mudança, demonstrando que mesmo os gestos mais pequenos, quando multiplicados por muitos, podem ter um grande impacto positivo no nosso mundo. Pode ver o vídeo através do QR Code.



VER VÍDEO AQUI.

VISITA DE ESTUDO

ALUNOS DE TÉCNICO DE ELETROTECNIA VISITARAM LABORATÓRIOS DO IPVC E NAVIO HOSPITAL GIL EANES

No dia 15 de março, os alunos do 1º ano do curso Técnico de Eletrotecnia, acompanhados pelos professores Carlos Marinho e Márcio Costa, desfrutaram de uma enriquecedora visita de estudo aos laboratórios de Eletrónica e Sistemas de Energia do IPVC, assim como ao Navio Hospital Gil Eanes.

Pela manhã, a visita teve lugar no IPVC, mais precisamente na Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG). O IPVC é uma instituição de ensino superior pública dedicada ao progresso das pessoas e da sociedade, que promove a partilha e

criação de conhecimento, ciência, tecnologia e cultura. Os alunos tiveram a oportunidade de explorar os laboratórios de eletrónica e as oficinas de sistemas de energia, conhecendo de perto alguns dos projetos desenvolvidos pela instituição.

Após o almoço, a visita continuou no Navio Hospital Gil Eanes. Construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, este navio hospital em 1955, prestando assistência à frota bacalhoeira portuguesa nos bancos da Terra Nova e Gronelândia. Após o declínio da indústria bacalhoeira, o navio permaneceu abandonado

nas docas de Lisboa por muitos anos. Em 1998, a Fundação Gil Eanes, FP, resgatou-o da ruína por cerca de 250 mil euros, reconhecendo-o como um importante património cultural e afetivo da cidade, numa campanha que mobilizou toda a comunidade vianense.

Durante aproximadamente uma hora e meia, os alunos exploraram o interior do navio, acompanhados por um guia especializado, que abordou temas como telecomunicações, transmissões e equipamentos elétricos utilizados na época, despertando grande interesse e entusiasmo entre os visitantes.



CELEBRAÇÃO

PINTAR A PÁSCOA ABRE A PRIMAVERA COM CRIATIVIDADE

Já abriu na Praça do Município, em Vila Verde, a 16ª edição do Pintar a Páscoa, uma exposição criativa de ovos da Páscoa organizada pela EPATV que reúne mais de 40 trabalhos artísticos de várias instituições do concelho, desde escolas, associações, jardins de infância e centros de dia. Estes ovos destacam-se pela sua criatividade, originalidade e pelo uso de materiais reciclados e naturais.

A inauguração contou com a presença do presidente da EPATV, João Nogueira, da presidente do Município de Vila Verde, Júlia Fernandes, dos vereadores Manuel Lopes e Michele Alves, do presidente

da Junta de Freguesia de Vila Verde e Barbudo, José Luís Faria, e da diretora pedagógica da EPATV, Sandra Monteiro. Na sua intervenção, João Nogueira, agradeceu a todos os participantes, organizadores e a quem esteve presente na inauguração. Sublinhou os mais de 40 trabalhos submetidos, numa “iniciativa da primavera” que abre as festas da Páscoa.

A autarca vilaverdense agradeceu à EPATV pela organização desta iniciativa e a todas as associações e instituições participantes. Realçou que esta exposição é um “sinal de muita criatividade e de muita inovação” que irá agradar a quem visite Vila Verde.

Na edição deste ano participaram mais de 25 instituições do concelho, entre escolas, jardins de infância, lares e centros de dia e associações culturais e recreativas. Participaram ainda o Rancho Típico Infantil de Vila Verde, APPACDM, Regadinhas de Freiriz, Escola Secundária de Vila Verde, JF de Vila Verde e Barbudo, Santa Casa da Misericórdia de Prado, Colégio D. João de Aboim e Academia de Música de Vila Verde. Para além destas instituições, as turmas do 1º ano do curso de Animador Sociocultural e do CEF Assistente Administrativo da EPATV submeteram os seus trabalhos artísticos.



PROJETO DE ALUNOS DA EPATV OBTVEU O 1º LUGAR DO ORÇAMENTO PARTICIPATIVO DE VILA VERDE

O projeto para o Orçamento Participativo da autarquia vilaverdense dos alunos do 3º ano do curso de Refrigeração e Climatização, intitulado “Criação do Espaço Jovem”, obteve o 1º lugar na categoria de ensino secundário e profissional. O projeto vencedor visa criar na escola um espaço para os alunos que trazem refeições de casa e vai receber um financiamento de 5000 euros, atribuído pela Câmara.

Os participantes justificam a proposta com o facto de “desde a pandemia do Covid, muitos alunos aderiram à ‘marmitta caseira’ e trazem comida para a escola”. Nesse sentido, este novo Espaço Jovem iria acrescentar mais aos espaços já existentes para alunos da EPATV.

Nesta iniciativa, integrada no Plano de Ação Local de “Vila Verde, Amiga das Crianças”, entraram 26 propostas de

diversas escolas vilaverdenses do ensino pré-escolar e 1º ciclo, 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário e profissional, que foram votadas por mais de 3500 alunos. Sobre o concurso, a presidente da Câmara Municipal, Júlia Fernandes, deu os parabéns a todos os participantes, destacando “a qualidade e a pertinência das propostas apresentadas”.

PROJETO CARREIRA

ALUNOS DA EPATV CONQUISTAM OS TROFÉUS DE MESTRES DO MISTÉRIO!

Alô, alô, Comunidade EPATV! Preparem-se para uma história que tem como ingredientes principais uma mistura de suspense, trabalho em equipa e muita diversão! Imaginem que são convidados a participar numa competição interturmas numa daquelas salas de escape room, um desafio que põe à prova a cooperação, o pensamento crítico e estratégico e a gestão do tempo (ou seja, espera-se que se inspirem na velocidade da luz).

Agora visualizem o seguinte cenário: três salas diferentes, com três mistérios por desvendar; cada sala está ornamentada com enigmas e desafios difíceis; com o apontamento sonoro da conhecida banda tiquetaque do relógio com o tempo a contar. Os participantes, esses corajosos, trabalharam em equipa como se fossem os Ocean's Eleven a planear um golpe. Armados com lápis, papel e uma boa dose de

espírito de equipa, mergulharam de cabeça na busca de soluções para os mistérios desvendar. Cada pista era como um quebra-cabeça elaborado, com segredos mais bem guardados do que a receita da avó para os famosos bolinhos de chocolate. E o resultado? Um desempenho tão bom que até o Sherlock Holmes ficaria de queixo caído! Agora, não se enganem, não foi um caminho fácil. Houve momentos de tensão, de drama, onde o suor escorria mais do que nas aulas de educação física. Mas a cada desafio superado e a cada cadeado aberto se provou que quando há um trabalho de equipa tão afinado (que faria o próprio Ronaldo e a sua equipa de futebol terem ciúmes) não há enigma que resista, nem fechadura que não se abra. E assim, meus amigos, com um sorriso nos lábios, e a adrenalina a correr nas veias, estes audazes estudantes emergiram triunfantes da Escape

Room – Um Mistério na EPATV. Parabéns às duas turmas vencedoras! O PRIMEIRO LUGAR (com 14m30seg) conquistado, com mérito, pelos alunos da turma de 2.º ano do Curso Técnico de Produção Metalomecânica e o 2.º LUGAR (com 20m) conquistado pelos alunos do Curso Técnico de Cabeleireiro! Vocês são os verdadeiros Mestres do Mistério! Portanto, meus caros leitores, lembrem-se sempre: o segredo para o sucesso, está sobretudo, na união, na determinação e, claro, numa boa dose de sentido de humor (afinal, rir é o melhor escape)!



CELEBRAÇÃO

BÊNÇÃO DOS FINALISTAS 2024: “NÃO SAIR SEM DIZER OBRIGADO”

No último dia de aulas do 2º período, o auditório da EPATV recebeu a Bênção dos finalistas, presidida pelo Padre Sandro Vasconcelos, arcepreste de Vila Verde. Alunos e professores participaram na eucaristia realizando as leituras e orações, já os cânticos da celebração foram animados por um coro de alunos dirigido pelo professor Marco Alves.

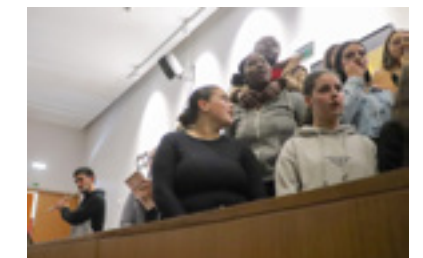
Estiveram presentes no auditório finalistas em representação de todos os cursos profissionais do

ano letivo 2023/24, assim como professores, colaboradores e direção da EPATV. No ofertório, os finalistas partilharam de forma simbólica objetos que representavam cada um dos seus cursos profissionais, bem como objetos representativos da escola.

Na homilia, o Padre Sandro Vasconcelos deu os parabéns aos finalistas e agradeceu à direção da EPATV pela presença. Desafiou os alunos a “que não saiam daqui sem dizer obrigado

aos professores e funcionários” que tanto os serviram. No final houve dois momentos tocantes: o sacerdote tirou uma selfie com os alunos antes da bênção e depois, no final da eucaristia, o coro cantou os parabéns à professora Sandra Guedes pelo seu aniversário.

De seguida, foi servido a toda a comunidade escolar um almoço de Páscoa confeccionado pelos alunos do 2º e 3º ano do curso de Cozinha/Pastelaria.





UMA ESCOLA PARA TODOS

A democratização de Portugal levou a um aumento da internacionalização o que resultou num aumento do número de pessoas que escolhe o nosso país para viver e isso reflete-se na nossa escola.

Fomos conhecer alguns destes alunos internacionais para saber como é estudar na EPATV e para conhecer a sua perspetiva sobre os países de origem.



 **Kelvin Kamara**
Serra Leoa

Da costa ao interior, a Serra Leoa acolhe uma diversidade natural e cultural, feita de um mosaico de línguas e costumes. Antiga colónia britânica, o inglês é a língua oficial, mas o crioulo é idioma do dia-a-dia, do trabalho e da casa. É a língua que Kelvin Kamara falava quando vivia perto de Freetown, capital do país. Sobre a Serra Leoa, Kelvin lembrou os inúmeros festivais que se realizam pelo país durante o mês de dezembro.

O contraste com Portugal é enorme, sobretudo no que diz respeito ao apoio que existe aos alunos a nível dos recursos, dos professores e do pessoal administrativo. O que é importante para Kelvin, considerando que ainda só fala inglês, mesmo assim sentiu-se bem acolhido por professores e colegas.



 **Benjamin Valladares**
Chile

Benjamin está na EPATV no 1º ano do curso de Programação de CNC e estuda numa escola em que as condições materiais são incomparáveis com as que encontrava no Chile. Também destaca a maior liberdade de movimento que se dá ao aluno e a tranquilidade de viver em Portugal. O processo de adaptação não foi fácil, mas com perseverança conseguiu aprender o português e agora consegue traduzir o significado de cada texto.

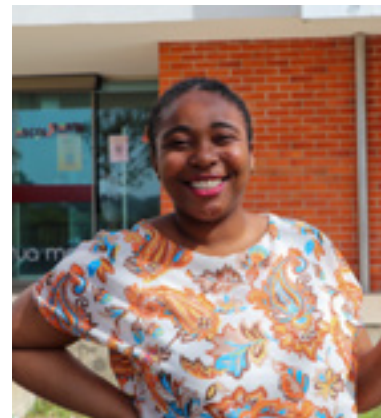
O aluno é natural de uma localidade perto de Concepción, a sul do país, não tão longe da cordeira montanhosa dos Andes. Tal como no nosso país, no Chile o tempo varia entre meses mais frios e meses mais quentes, só que ao contrário do clima português, o norte é mais quente, onde está o Deserto de Atacama, o sul é mais frio, onde até se pode incluir o território reivindicado pelo Chile na Antártica.



 **David Rangel**
Colômbia

Natural de Bogotá, capital da Colômbia, estudar na EPATV permitiu-lhe fazer mais coisas que não conseguia fazer no seu país, para além de abrir fronteiras no mundo do trabalho e no desenvolvimento das línguas. Adaptar-se a novos horários já foi um desafio, porque na Colômbia as aulas decorrem das 6h da manhã às 2h da tarde e o ano letivo vai de janeiro a novembro, com as férias de verão entre setembro e dezembro. Tudo isso representou uma mudança drástica.

O próprio português foi um desafio pois David não falava a língua, mas com o tempo isso passou e agora já consegue ler. Esse desconhecimento inicial do português dificultou a adaptação, mas agora tem amigos na escola. Sobre a Colômbia, David lembrou os tempos em que estudava numa escola mais pequena mas unida e a vista do Morro de Monserrate, próximo de Bogotá, onde no topo se pode vislumbrar a cidade colombiana.



 **Leticia Nascimento**
São Tomé e Príncipe

Quando Leticia fala da sua ilha de S. Tomé as primeiras coisas que menciona são a praia e a comida. Este país lusófono que atravessa a Linha do Equador consiste em duas pequenas ilhas (S. Tomé e Ilha de Príncipe) de uma natureza exuberante, onde a planta do cacau, de que se faz o chocolate, cresce como silvas de modo que não é preciso plantar para se apanhar as bagas do cacau.

S. Tomé, pois lá as aulas são organizadas por turnos com os alunos de um ano a assistir às aulas de manhã e um outro ano de tarde. Estudar na EPATV é uma experiência nova e diferente, quer pelas condições da escola, quer pelas horas de estudo. Ainda assim, o salto cultural até não foi assim tão grande tirando, claro, o português de Portugal e o frio que se faz sentir no inverno. Mas com o tempo já conseguiu criar amizades e agora sente-se bem na escola.

Na chegada a Portugal, Leticia notou muita diferença para com



 **Martins Bouchenko**
Camarões

Martins, tal como o país, tem nome português e não é por acaso, pois é muito frequente encontrar nomes portugueses entre os camaronenses. Resulta do encontro da época dos Descobrimentos e da evangelização dos missionários portugueses em que os descobridores deram o nome ao rio que batizou o país, o Rio Camarões. Mas é uma parte da História que infelizmente não se conhece muito, quer entre os portugueses, quer entre os

camaronenses. Algo que Martins gostava de ver mudado.

O que mais lhe agrada na EPATV é a atenção que os professores dão aos alunos, procurando que eles melhorem caso cometam algum erro num exercício. Adaptar-se a uma nova escola e a um novo país foi difícil no início, porque Martins só falava inglês e francês, mas sentiu-se bem acolhido e gosta do facto de gostarmos que outros aprendam sobre a nossa cultura.

25 DE ABRIL

DAVID CUNHA ALUNO
TÉCNICO DE MAQUINAÇÃO E PROGRAMAÇÃO CNC (1º ANO)

25 de abril de 1974, o fim da ditadura, o fim de uma época difícil para Portugal.

A Revolução de 25 de abril, também conhecida como a Revolução dos cravos, foi um movimento liderado pelas forças militares, que derrubaram o regime autoritário do Estado Novo e abriram caminho para a transição democrática, pondo fim a quase 50 anos de ditadura salazarista, crises económicas e guerras.

O 25 de Abril representa a conquista da liberdade, da democracia e dos direitos humanos em Portugal. Foi um marco que permitiu ao povo português viver num ambiente

de maior igualdade, justiça e participação cívica. A data é celebrada anualmente como símbolo de resistência e da luta pela liberdade.

No entanto, apesar das conquistas da Revolução dos Cravos ainda existem algumas preocupações em relação ao futuro.

No que diz respeito, por exemplo, à igualdade de género ainda existe alguma discriminação e desvalorização da mulher ou exigências sociais no papel do homem. Enquanto jovem, preocupa-me que continuemos a viver estes problemas e injustiças, como os baixos salários, o custo de vida muito

alto, as guerras, o que me provoca muitos receios em relação ao meu futuro!

Em suma, o 25 de Abril é um testemunho de coragem e determinação do povo português, que de uma forma pacífica, conseguiu atingir os seus objetivos, constituindo, para mim, um exemplo inspirador. •



Eu ^{NO} *vinte e cinco* *do quatro* *de 1974*

JOSÉ AUGUSTO QUARESMA DOCENTE

Compreendia muito pouco a política de então; muita dúvida e receio... ouvia aqui, escutava acolá, procurava passar com discrição por entre quem sabia.

Era eu, minha mãe, irmã e padasto que era militar. Não era de bom tom, mencionar qualquer tipo de conhecimento ou saber, de política.

Em março de 1974, deu-se a intentona das Caldas, tentativa de golpe que partiu do regimento de infantaria 5 nas Caldas da Rainha, quartel onde "assentei praça" nesse mês. Fecharam-se as portas do regimento.

Foram dias de expectativa, incerteza e algum medo.

Os portões fecharam-se novamente em abril, dia 25, isto é, não chegaram a abrir desde o recolher do dia 24. O regimento entrou em estado de prevenção e nós, recrutas, não saímos das casernas até ser dado por consumado o golpe de estado.

Foram dias de completa aprendizagem e consciencialização.

Da incerteza à euforia, bastaram alguns dias e lá continuamos a nossa formação de sargentos milicianos já com outro espírito.

Não fui à guerra, pois tinha terminado.

Muita confusão, muitas manifestações, demasiadas opiniões. A sociedade civil entra

em contradição de opiniões e quase se cria uma anarquia.

Já "pronto e graduado", fiz parte de algumas brigadas de sensibilização onde projetava filmes e documentários para o povo que se reunia em largos de freguesias do interior ou em "casas do povo".

Aprendi mais do que ensinei. Nunca julguei, mas fui muitas vezes julgado pela minha opinião ser sempre a do benefício do povo e isenção política do exército.

Hoje estamos em paz, vivemos em plena harmonia política e social, sem medos ou opressões.

Venceu a Democracia, obrigado abril!•

A DEMOCRATIZAÇÃO DAS COISAS

A liberdade enquanto algo que nos traz bens que antes eram luxo de alguns

Não se pode falar de democracia sem se falar de democratização, o processo de tornar a todos o que antes era para um grupo de elites. A verdade é que nós conseguimos ver, sentir e provar a democratização em quase tudo o que fazemos. A democratização está muito presente na tua vida mesmo que não repares. O pão branco no qual colocaste doce ou leite com chocolate que bebes seriam considerados no século XVIII uma comodidade reservada aos mais ricos e influentes. Hoje, é um lanche perfeitamente banal.

Democratização chegou aos nossos lares com duas televisões, dois carros, frigorífico, telefone, internet e telemóvel ou computador para cada membro do lar. O que me leva a crer que o maior contributo do 25 de Abril foi a expansão da classe média em Portugal: ela até existia antes, mas em número muito reduzido, o verdadeiro salto só se deu em resultado do 25 de Abril e da

resultante adesão à CEE (hoje UE).

Há um episódio que me fez refletir a propósito disto. Quando há anos fui visitar as Hébridas (na Escócia) um quadro informativo num museu etnográfico captou-me a atenção. Resumidamente, ele informava o público que as condições de vida dos antigos escoceses eram duras. Na altura achei aquela informação ridícula, até insultuosa, porque eu romantizava tempos antigos, principalmente, quando comparado aos nossos, marcados pela “moleza”, pelo comodismo e por um consumismo destrutivo.

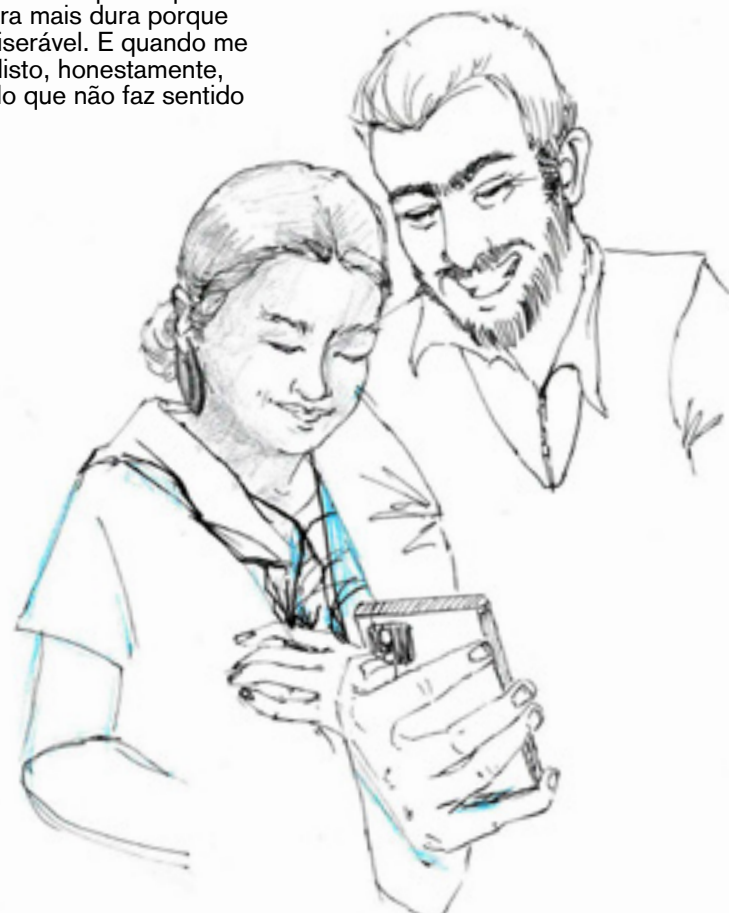
Mas hoje percebo que aquela informação tem mérito, porque quando se diz que a vida antigamente era mais dura, muitas vezes se esquece que essa vida era mais dura porque era mais miserável. E quando me apercebo disto, honestamente, compreendo que não faz sentido

voltar para trás. Até vejo muito mérito naqueles que cresceram bem em tempos difíceis - é uma superação - mas isso não justificaria impor a outros essa mesma dureza.

Mas então o que fazer perante os excessos do consumismo? Eu penso que como temos cada vez mais bens, devemos sempre lembrar de algo: as coisas que usamos só são boas se nós queremos que elas sejam boas. Um smartphone não é mau em si só: o seu livre uso é que o pode tornar mau. Numa família contemporânea, dispersa pelo mundo, um objeto como o telemóvel pode ser um instrumento fantástico para reunir todos. Então, que alegria é ter tanta coisa boa para todos! •

FERNANDO MORANT
ESTAGIÁRIO DEPARTAMENTO
COMUNICAÇÃO E IMAGEM

ILUSTRAÇÃO LUÍSA MORANT



50 anos de abril NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

ROSA VIEIRA COORDENADORA DO DEP. EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Ouvindo Alberto Melo falar sobre os 50 anos passados sobre a Revolução de abril percebemos que antes do 25 de abril de 74 a educação de adultos não existia: “O governo não permitia que fôssemos adultos e infantilizavam a população. Salazar dizia que não podia haver democracia nem eleições livres em Portugal porque o povo não estava preparado!”

Em Portugal e continuando nas palavras de Alberto Melo havia “uma política de obscurantismo”, era propagada a ideia que os cidadãos deviam ser ignorantes e submissos. A Revolução de abril representou a festa da liberdade para os portugueses criando um movimento associado a esta festa: “houve uma mudança nas atitudes e na consciência de cada um de nós”.

Nos pós 25 de abril foi colocada uma marca na educação de adultos, “era o respeito pelas pessoas adultas, pela confiança nessas mesmas pessoas para contribuírem para uma sociedade de participação, democrática e de maior justiça social para que as pessoas se formassem como cidadãos e cidadãs do país”. Esta aposta na educação de adultos representa, nas palavras de Alberto Melo, a garantia de que não se regressaria a um regime de repressão, pela informação, consciência dos cidadãos que se oporiam a qualquer tentativa de regresso

a um regime autoritário e repressivo.

Implementaram-se políticas de trabalho com os adultos e com as organizações que surgiram no pós-revolução, e que faziam um trabalho de animação educativa e cultural que em muito contribuiu para o impacto da educação de adultos, pela proximidade às comunidades e pela sua capacidade de escuta das pessoas.

Ainda há muito caminho a percorrer “porque os 50 anos que vivemos em Portugal desde de 1974 não foram um mar de rosas para a educação de adultos: foram caminhos cheios de espinhos; evolução com altos e baixos e muitas vezes com muitos mais baixos do que altos; uma resistência contra medidas que poderiam pôr em risco um elitismo defendido por um determinado setor da nossa sociedade que não queria que a nossa população fosse mais cultivada e informada”. Assim, a educação de adultos tem sido uma luta permanente.

Após a Revolução do 25 de abril de 1974, houve mudanças significativas na educação de adultos em Portugal, principalmente devido ao compromisso do novo regime democrático em promover a educação como um direito fundamental para todos os cidadãos.

Recordar é viver é uma expressão que muito utilizamos e, relativamente à Revolução dos Cravos, celebrar esta data é manter viva a memória histórica de um momento crucial em Portugal. A Revolução dos Cravos marcou o fim de um regime autoritário e o início da democracia, representando uma rutura significativa com o passado e um marco na luta pelos direitos humanos, liberdades civis e igualdade.

Atualmente vivemos tempos conturbados na democracia, desafios que colocam à prova os princípios democráticos e as instituições democráticas, a comemoração dos 50 anos da Revolução do 25 de abril reforça a importância da democracia e dos valores que lhe estão associados. Face a estes desafios, é essencial fortalecer e defender os princípios democráticos fundamentais, promovendo a participação cívica e a proteção dos direitos humanos e liberdades fundamentais. Isso requer um compromisso relembrado com os valores democráticos e um esforço conjunto para enfrentar estes desafios, e neste caso a educação tem um papel fundamental.

A educação é o caminho para a democracia, para liberdade e para a dignidade do ser humano.



O CAMINHO PERCORRIDO...

JOANA ROCHA OBSERVATÓRIO DE EMPREGABILIDADE

Sabias que a liberdade de que hoje desfrutas nem sempre existiu? Sabias que as condições de acesso à escolaridade a que tens direito hoje é uma conquista que está quase a comemorar 50 anos?

A escola salazarista dos anos 30

Antes do 25 de Abril de 1974 a maioria das escolas e liceus mantinham separadas as turmas de rapazes das turmas de raparigas, sendo a maior parte dos liceus ou masculinos ou femininos.

Discriminação do papel social e profissional das mulheres

Antes do 25 de Abril, as mulheres não tinham os mesmos direitos legais que os homens e muitas necessitavam de autorização escrita dos maridos para certos atos da vida social.

A título de exemplo, as professoras do ensino primário deviam permanecer solteiras, só podendo casar mediante um pedido de autorização ao Ministério da Educação em que o pretendente era obrigado a apresentar atestados de bom comportamento moral e cívico e de recebimento de um ordenado em harmonia com o da noiva.

Alargamento da Escolaridade Obrigatória

A seguir à instauração da ditadura do Estado Novo a escolaridade obrigatória baixou de 4 para 3 anos e, durante um tempo, deixou de ser obrigatória para as raparigas. A partir de 1974 foi sendo gradualmente alargada, passando dos 4 anos para os 12 anos que vigoram atualmente.

Esta medida possibilitou que mais jovens portugueses tivessem acesso a uma educação completa e a melhores oportunidades de desenvolvimento profissional.

Ausência de Liberdade de Expressão e de Associação

As associações de estudantes estavam interditas na maior parte dos estabelecimentos de ensino.

Quando os estudantes universitários envolvidos em atividades associativas e políticas eram suspensos ou mesmo presos, eram incorporados, à força, no serviço militar e incluídos nos contingentes enviados para a Guerra Colonial.

Diversificação da Oferta Educativa

O sistema de ensino português tornou-se mais diversificado após o 25 de Abril. Novas escolas e modalidades de ensino foram criadas, como as escolas profissionais e mais universidades públicas e privadas.

Esta diversificação permitiu que os alunos escolhessem percursos formativos mais adequados aos seus interesses e aptidões.

Descentralização e Autonomia das Escolas

O poder central cedeu lugar a uma maior autonomia das escolas na gestão dos seus recursos e na definição dos seus projetos educativos.

Esta descentralização permitiu que as escolas se adaptassem às necessidades específicas das suas comunidades e respondessem de forma mais eficaz aos desafios locais.

Censura vs Liberdade de Escolha

Antes do 25 de Abril, não havia eleições livres para escolher os governantes. A Censura à imprensa, à rádio, à televisão, aos espetáculos era uma realidade diária. Muitos livros, músicas, filmes e opiniões eram proibidos. Atualmente em Portugal o voto é um direito e um dever cívico acessível a todos os cidadãos maiores de 18 anos.

Democratização e Acesso Universal

Antes da revolução, o sistema educacional português era elitista e excluía muitos. O acesso ao ensino superior era restrito a uma minoria privilegiada.

O 25 de Abril representou uma rutura com este passado, democratizando o ensino e tornando-o universalmente acessível - "Abril trouxe a promessa de uma escola para todos"!

Desemprego e Precariedade Vs Dignidade

A taxa de desemprego agravou-se significativamente na década de 70 e com maior intensidade para as mulheres.

Antes do 25 de Abril, não havia salário mínimo, nem passe social e muitos idosos não tinham pensão de reforma. A partir de janeiro de 2024, o salário mínimo em Portugal passou a ser de 820. Atualmente dispomos de alguns apoios sociais para grupos mais carenciados como: o rendimento social de inserção; prestação social para a inclusão; complemento solidário para idosos; subsídio de apoio ao cuidador informal principal, entre outros.

Iliteracia vs Literacia

O analfabetismo atingia níveis escandalosos que, na Europa e no mundo, envergonhavam o país. Em 1970, 25,7% da população portuguesa não sabia ler nem escrever.

Entre as mulheres a percentagem era ainda maior: 31% da população feminina era iletrada nesta altura. Segundo os censos de 2021 a taxa de analfabetismo atual é de 3,96% entre as mulheres e de 2,1% entre os homens.

Renovação Pedagógica

A pedagogia tradicional, baseada na memorização e na disciplina rígida, foi substituída por métodos mais interativos, participativos e inovadores, contribuindo para a redução da taxa de abandono escolar.

Os professores passaram a ter um papel mais ativo na construção do conhecimento e os alunos tornaram-se protagonistas do processo de aprendizagem.

Sabias que?



SUSANA CARVALHO

“NUNCA É TARDE PARA CRESCERMOS E SERMOS MELHORES”

Susana Carvalho, 48 anos, é formadora numa empresa de reparação de produtos. De Mire de Tibães, começou a trabalhar muito cedo mas nunca desistiu dos estudos e procurou sempre a evolução, mesmo quando a sua antiga empresa encerrou. Sobre como subiu na carreira, a formadora destaca a importância na aposta na formação e na qualificação.

Pode-nos contar um pouco sobre a sua profissão? O que faz?

Sou neste momento formadora do Care Service, uma empresa de reparação de produtos. Este desafio surgiu-me em dezembro de 2022 e para mim tem sido muito importante. O meu papel passa por ensinar novos artesãos a reparar sacos de clientes com alguns danos, transmitindo-lhes ensinamentos e técnicas, bem como regras de segurança e ergonomia, para que tudo corra da maneira mais eficaz e saudável possível. É um orgulho imenso poder acompanhar o progresso e evolução dos artesãos.

Conte-nos um pouco sobre a sua experiência. Qual foi o seu percurso profissional?

Comecei a trabalhar aos 14 anos numa empresa multinacional, onde estive durante 21 anos em costura de camisolas e brunideira (passar a ferro). Entretanto a empresa fechou portas e vi-me obrigada a procurar um novo emprego, o que na altura parecia bastante assustador. Mas este problema passou a ser uma grande oportunidade de trabalho quando encontrei a Atepeli.

Assim, a 5 de dezembro de 2011, entrei para esta empresa onde ainda me encontro atualmente. A Atepeli produz uma grande variedade de componentes de carteiras e malas de marroquinaria de luxo. Comecei nas linhas de produção nos primeiros seis anos, passando de forma gradual por vários postos e famílias. Com todo o meu empenho e dedicação, em 2017 propuseram-me uma missão de formadora, frequentando, assim, a formação de CAP (atualmente CCP).

Continuo como formadora há seis anos, tendo já evoluído bastante e obtido novas competências através de várias formações que me foram proporcionadas pela empresa. Ser formadora de novos artesãos é uma função onde me sinto realizada.

O que a levou a abandonar os estudos?

Deixei de estudar por necessidade financeira, para apoiar a família, porque a minha mãe não podia trabalhar. Mas nunca me arrependi e hoje voltaria a fazer o mesmo. Se a minha vida poderia ter sido diferente ou não, nunca pensei nisso, porque sempre procurei evoluir.

E foi por isso mesmo que, em 2009, decidi fazer o 9º ano no curso EFA para poder preencher algumas lacunas na minha formação académica. Com o passar dos anos, constatei que valeu a pena todo aquele esforço que mais tarde foi recompensado a nível profissional, por exemplo, sem obter o 9º ano eu não poderia ter frequentado a formação do CCP.

O que a levou a procurar o Centro Qualifica da EPATV? E o que achou de todo o processo de qualificação?

O que me levou a procurar o Centro Qualifica da EPATV foi, como referi, a minha necessidade de evolução, crescimento e enriquecimento pessoal. Para mim nunca é tarde para crescermos e sermos melhores. Todo este processo foi um importante motor de crescimento, trouxe-me ferramentas para eu me desenvolver ainda mais a nível pessoal e profissional, desta forma a tornar-me mais capaz de lidar com os desafios, sejam eles profissionais ou de carácter pessoal.

O que destaca deste processo de reconhecimento?

O principal destaque vai para o apoio constante e incansável dos formadores, pois foram a ajuda e apoio que precisava para encarar este desafio de uma forma leve, possível e prática, porque ao início julgava que era um desafio inalcançável.

Sente que ao completar o RVCC está a abrir portas no futuro?

Certamente que sim, estando eu, como referi, numa empresa que dá oportunidade aos colaboradores de progressão na carreira e constantes ferramentas/formações de apoio ao nosso desenvolvimento e enriquecimento profissional, vejo esta ação como uma mais-valia no meu currículo.

Recomendaria o processo RVCC Escolar do Centro Qualifica da EPATV?

Recomendo vivamente este processo para todos aqueles que pretendam, assim como eu, evoluir a todos os níveis, pessoal e profissional. Não podemos nunca limitar-nos à nossa idade ou à opinião que os outros criam de nós. •



chef

ÁLVARO COSTA

“O SUCESSO VEIO DEPOIS DO TRABALHO”

Quando terminou os estudos na EPATV em 2002, o chef Álvaro Costa estava longe de saber o sucesso que o esperava. Recentemente eleito chefe do ano de 2023 pela New In Porto, esta é só mais uma entre as várias distinções e honrarias que o antigo aluno da EPATV recebeu. Agora passa aos outros toda a sua experiência e paixão pela Cozinha. Álvaro Costa conta-nos como foi o seu percurso e quais os segredos do seu sucesso profissional.

Pode-nos contar um pouco sobre como foi o seu percurso na EPATV? Os estágios que fez ou a PAP que realizou, por exemplo?

Foi um percurso simples, tranquilo, de muita fraternidade com a comunidade e dedicado não só aos estudos como em ser útil à instituição e aos colegas de escola. No final do curso fiz uma PAP que teve como tema “Cozinha Italiana”.

Os meus estágios foram, no primeiro ano, na Pousada de Sta. Marinha de Guimarães, ainda na antiga ENATUR. No segundo ano também fiz estágio na mesma unidade embora repartido com a minha passagem por um projeto no Algarve, onde cheguei a ser colaborador durante o verão. O estágio final foi no antigo Hotel Le Meridien no Porto, agora Crowne Plaza, onde viria a fazer parte da equipa quando terminei o percurso académico.

O que o marcou mais neste percurso escolar? Há algum momento especial que queira partilhar connosco?

Acho que foi a mudança para as novas instalações, a transferência de equipamentos, materiais, utensílios, mercearia, toda uma adaptação a novos circuitos, processos, zonas de intervenção e métodos. Singualmente, não obstante do esforço e do atraso no início das práticas, foi um processo que me ajudou imenso no meu futuro, fazendo de mim, hoje, um especialista em aberturas. Depois, todos os eventos e todos os serviços foram importantes, como por exemplo o serviço na antiga Feira Agrícola de Santarém para a Associação de Criadores de Bovinos de Raça Barrosã.

Sente que o que estudou no curso foi útil para aplicar na sua vida profissional? Pode dar exemplos?

Sim, muito, é sempre importante, não só os conteúdos, que achei muito valoráveis na componente teoria, lecionada pela fantástica professora Maria João Campos, mas também toda a parte prática, que para mim foi preponderante na questão do esforço, capacidade de sacrifício, horários normais desta indústria, e o ambiente profissional de grande pressão. E aí destaco a sorte de ter sido aluno de nomes incontornáveis da formação na região como o Chef José Vinagre.

Como era estudar na EPATV quando entrou?

Entrei em 1999 e eram tempos muito engraçados,

porque sendo eu de fora do concelho, de uma área muito industrializada e urbana, ir para uma vila extremamente ligada às tradições, numas instalações provisórias sobre os armazéns da cooperativa, proporcionou-me momentos muito marcantes, dado o ambiente de muita proximidade entres as turmas e cursos, dentro e fora dos corredores das instalações. Ainda hoje tenho amigos em Vila Verde que nunca foram meus colegas na EPATV, nem sequer alguma vez lá estudaram. Para além disso, como tinha automóvel, foi sempre fácil conhecer a região nas horas livres e estando eu a viver durante a semana na vila podia também frequentar com alguma liberdade as atrações da região. Sempre com as boas companhias das gentes de Vila Verde.

Não tenho dúvida que esse período de liberdade foi importante para hoje ser um apaixonado pela gastronomia minhota.

Como recebeu a notícia de que foi eleito chef do ano?

Foi estranho. Fiquei surpreendido quando vi a minha nomeação no início das votações. Estava no carro à espera de ir buscar o meu filho à escola e vi uma mensagem de um amigo a dizer que “Já Votei”, com um print da notícia com a minha cara... e eu sem saber de nada, pensei que era gozo, até porque já não seria a primeira partida.

Mas depois de interiorizar, uma vez lá, há que desfrutar... e fiquei muito feliz quando recebi o telefonema a darem-me as novidades e a marcar já umas entrevistas.

Como se caracteriza enquanto chef?

Eu tenho muitas facetas, porque já fiz de tudo enquanto chef. E talvez seja isso que me caracteriza... Não sou extraordinário em nada (a não ser a fazer umas boas tripas... [risos]), mas consigo ser muito consistente e eficaz em todos os serviços que presto.

Agora mais calmo e lúcido, mais realista e calculista, mas a minha imagem durante os últimos vinte anos foi de um profissional resistente, duro, emotivo, forte, que aguentava 24 horas sem parar de trabalhar. Mas lá está, sem lucidez, nem sempre se cumpre o que está definido e a emoção é importante para o produto final, mas nada mais que isso. É necessário respeito, sentido de bom senso e trabalho de equipa.

Para além da atividade da Cozinha sabemos que dá formação. Como surgiu essa possibilidade e o que levou ao ensino?

A formação sempre foi algo que me atraiu muito e tive a sorte e a honra de ser convidado para exercer um primeiro cargo na Escola de Turismo e Telecomunicações de Seia, do Instituto Politécnico da Guarda, que foi um período muito bom e que me catapultou para outros convites. Poder passar conhecimento, leva-nos a procurar saber cada vez mais e isso é o aspeto mais nobre do ensino.

Que fatores considera importantes para ter chegado a chef?

Sobretudo, capacidade de trabalho, resiliência, humildade e procura de conhecimento. Não há forma de sermos bons, sem antes passar por um caminho mais longo, duro e sinuoso... na cozinha ninguém nasce feito.

Que conselhos deixa a quem deseja seguir essa carreira?

Para ser chef é preciso procurar todos os dias ser melhor que no dia anterior. Um grande chef, mais do que um grande cozinheiro é um líder eficiente que usa os melhores métodos para atingir os seus objetivos. É necessário tirar o melhor das equipas, sem as ostracizar, perseguir, escravizar. É necessário ser um exemplo e se não sabes fazer um pudim, tens de ser humilde e pedir a alguém da tua equipa para fazer o melhor pudim da cidade. Todos ganham com isso.

É preciso ser rigoroso, consistente e sobretudo ser um elemento que acrescente valor à empresa onde trabalha, que sintas que o seu trabalho faz a casa ter sucesso e resultados, que na gestão, na qualidade de produto e no serviço. É também preciso ser urbano, moderno, inquieto, curioso, viver uma vida saudável e estar de bem com as restantes secções e consigo mesmo. Sem guerras nem vícios, tudo o que os cozinheiros clássicos foram, mas que já não há muito espaço para esses comportamentos.

É importante respeitar equipas, outras secções, clientes, proprietários e fornecedores, assim torna-se exímio em relações públicas.

Refiro isto tudo porque hoje somos tratados como estrelas, em diferentes graus, e por isso devemos perceber que somos inspiradores, que fazemos com que jovens nos sigam e vejam em nós uma figura que desejariam imitar.

O que acha que era importante os alunos de cozinha reterem deste tempo em que estão a estudar?

Devem saber que vêm para uma indústria entusiasmante e apaixonante, mas que requer dedicação, sacrifício e que, importa dizer, só chega e fica no topo quem tira prazer da profissão e se respeita a si próprio.

Há uma equação clássica deste trabalho que diz que não podemos estar na mesma sala de festas onde estão os nossos clientes, até podemos, mas só se for em trabalho.

Precisam de perceber que podemos ser profissionais de topo, sem ter de estar nas equipas de restaurantes premiados, estrelados, etc.

Eu não tenho necessidade de ser chef estrelado, fico muito feliz com cada prato de comida tradicional que concebo, com cada criação que faço para cada um dos meus clientes. E consigo ser respeitado, solicitado e procurado um pouco por toda a parte.

Por isso, há sempre um caminho do sucesso entre tantos, só temos de o fazer felizes, inquietos, sérios e os astros se alinharão para nos trazer reconhecimento.

Mas sem trabalho e humildade de aprender não há milagres que nos ponham lá em cima. •

“sucesso só vem antes do trabalho, no DICIONÁRIO”

SABIAS QUE...?

FRANCISCA BORGES

TÉCNICA ERASMUS+ DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Estamos a caminho de completar 50 anos desde o 25 de Abril de 1974...

Sabia que, antes dessa data, não era permitida a discussão de ideias? E que, antes dessa data, o lápis da censura (o famoso «lápiz azul») era aplicado em qualquer documento a ser publicado? E que, antes dessa data, não havia eleições livres para escolher os governantes? Quem se opunha a este estado de coisas era perseguido? Difícil de imaginar, sobretudo quando hoje, e desde 1987, através do programa Erasmus, a participação em conferências, formações, palestras, workshops em que são partilhados / discutidos conceitos, ideias, boas práticas é incentivada; documentos de orientação, incluindo recomendações feitas aos decisores políticos (as ditas «Policy Recommendations») são elaborados; um maior envolvimento na vida democrática, a criatividade e a inovação são promovidos e incentivados...

Sabia que o ensino só era obrigatório até à 4ª classe e poucos eram os jovens que

continuavam a estudar, sobretudo por razões económicas? Na altura, os alunos tinham de se adaptar ao sistema escolar e o uso da palmatória era prática corrente? Pois bem, hoje, vivemos num sistema centrado no próprio aluno / formando. Olhemos, por exemplo, para o novo projeto Erasmus + no qual a EPATV é parceira – Diverse Courses: este projeto visa desenvolver um conjunto de recursos (nomeadamente a criação de personas de formandos e formadores, para melhor compreender as suas necessidades e de cenários didáticos para adequação do ensino às necessidades das personas identificadas) para os formadores compreenderem melhor as diversas necessidades dos formandos e fornecer-lhes abordagens didáticas para satisfazer essas necessidades.

Sabia que, antes dessa data, as mulheres precisavam de autorização do marido para sair do país, quer fosse para trabalhar ou em lazer? Sem essa autorização, não lhes era facultado o passaporte para prosseguir viagem até ao estrangeiro. No país do Estado

Novo, a mulher existia para ser a mãe extremosa, a esposa dedicada, uma verdadeira fada do lar. Desde o 25 de Abril de 1974, a mulher foi ganhando a sua independência, os seus direitos. Atualmente, desde o início da participação da EPATV no programa Erasmus, podemos dizer que mais de 70% dos nossos participantes são mulheres! Já tivemos oportunidade de partilhar, em edições anteriores desta revista TER, os testemunhos de algumas das nossas colaboradoras que se propuseram participar em mobilidades Erasmus, alargando horizontes, procurando conhecer e partilhar boas práticas e descobrindo outras culturas. Aventuras improváveis - e até impensáveis - antes do 25 de Abril de 1974!

Sabia que, antes dessa data, a liberdade de escolha era extremamente reduzida? Pois bem, atualmente, a EPATV propõe formações no estrangeiro em diversas áreas e está aberta a novas propostas. Vamos lá aproveitar a liberdade de escolha e oportunidade de participar numa mobilidade Erasmus?! •

STAFF DA EPATV EM JOB SHADOWING ERASMUS+ EM SARAGOÇA

Uma equipa de staff da EPATV, composta por elementos diretivos, docentes e técnicos participou numa mobilidade da tipologia Job shadowing ao abrigo do projeto Erasmus KA121-2023, em Saragoça – Espanha, de 17 a 20 de dezembro de 2023, cuja viagem foi efetuada em partilha de viatura elétrica, sendo por isso considerada “viagem verde” contribuindo assim para a preservação ambiental que o programa europeu preconiza.

O parceiro recetor é o Grupo MUNDUS, com sede na cidade de Saragoça, Espanha e com delegações espalhadas em territórios europeus e fora da Europa, com relevância em projetos internacionais, na formação e inovação profissional

e no contacto com as empresas setoriais de grande relevo em território internacional, assim como de reconhecida competência em parcerias e projetos de candidatura direta à Comissão Europeias sobretudo com países fora da Europa, nomeadamente Palop's.

Durante a estadia em Saragoça, a delegação da EPATV participou em várias reuniões quer com equipa interna da MUNDUS, quer em reuniões com potenciais empresas recetoras e visitas estratégicas ao tecido empresarial da cidade com o objetivo de explorar sinergias em áreas-chave como formação de pessoal docente e não docente, estágios internacionais, áreas em que a MUNDUS já se destaca globalmente.

Com uma agenda repleta de encontros e discussões, a visita da EPATV foi um marco importante no fortalecimento das relações com a MUNDUS, e novos parceiros internacionais, abrindo portas para futuras colaborações que possam incrementar a sustentabilidade da formação e produção de conhecimento à comunidade educativa da EPATV.

No seguimento desta visita de trabalho já se encontram em processo de preparação 8 estágios para os alunos do 3º ano do cursos de Comunicação e Design Gráfico, assim como uma equipa de docentes para formação na sua área de intervenção.

EPATV ON MUNDUS

A team of EPATV staff, consisting of management, teachers, and technicians, participated in a Job Shadowing mobility under the Erasmus KA121-2023 project, in Zaragoza, Spain, from December 17th to 20th, 2023. The trip was made by sharing an electric vehicle, thus considered a “green trip,” contributing to the environmental preservation advocated by the European program.

The receiving partner is the MUNDUS Group, headquartered in Zaragoza, Spain, with branches spread across European and non-European territories, relevant in international projects, professional training, innovation, and contact with sectoral companies of great importance internationally. They are also recognized for their competence in partnerships and projects for direct submission to the European Commission, especially with countries outside Europe, notably PALOP's.

During the stay in Zaragoza, the

EPATV delegation participated in several meetings, both with the internal team of MUNDUS and with potential recipient companies, and strategic visits to the city's business fabric with the aim of exploring synergies in key areas such as training for teaching and non-teaching staff, international internships, areas in which MUNDUS already excels globally.

With a schedule full of meetings and discussions, EPATV's visit was a significant milestone in strengthening relations with MUNDUS and new international partners, opening doors for future collaborations that can enhance the sustainability of training and knowledge production for the EPATV educational community.

Following this working visit, 8 internships are already in the preparation process for 3rd-year students in Communication and Graphic Design courses, as well as a team of teachers for training in their area of intervention.



ERASMUS+: SSPICE IT!

Decorreu no dia 22 de fevereiro o arranque oficial do curso de formação inserido no projeto SSPICE IT nº 2022-1-IT01-KA220-VET-000086771, com toda a equipa formativa, coordenada pelo Chef Rodolfo Rodriguez, e com a presença de todos os alunos.

Esta será uma formação dividida em três partes principais: sustentabilidade no setor alimentar, competências

empreendedoras e competências digitais e interpessoais. no final do curso espera-se que os formandos estejam melhor preparados para adotar práticas sustentáveis no seu trabalho diário e que possa promover a vontade e a inspiração necessárias a abrirem os seus próprios negócios sustentáveis.

A formação pretende ainda responder às prioridades e necessidades do setor e

na atualização e adaptação das formações às novas competências exigidas pelo mercado de trabalho, com enfoque nas áreas da sustentabilidade ambiental, económica e social e da digitalização, prioridades horizontais do programa Erasmus+.

ERASMUS+: SSPICE IT!

The official start of the training course included in the SSPICE IT project nº 2022-1-IT01-KA220-VET-000086771 took place on February 22nd, with the entire training team, coordinated by Chef Rodolfo Rodriguez, and with the presence of all students.

This will be training divided into

three main parts: sustainability in the food sector, entrepreneurial skills and digital and interpersonal skills. At the end of the course, it is expected that graduates will be better prepared to adopt sustainable practices in their daily work and can promote the will and inspiration necessary to open their own sustainable businesses.

The training also aims to respond to the priorities and needs of the sector and to update and adapt training to the new skills required by the job market, with a focus on the areas of environmental, economic and social sustainability and digitalization, horizontal priorities of the Erasmus+ program.



EPATV NA SICÍLIA PARA 2ª REUNIÃO TRANSNACIONAL DO PROJETO ERASMUS+ NO ONE STAYS BEHIND

Decorreu de 4 a 6 de março, a segunda reunião transnacional do projeto Erasmus+ nº 2021-1-PT01-KA220-VET-000034845 – NSB No One Stays Behind, do qual a Escola Profissional Amar Terra Verde é coordenadora. A reunião decorreu na sede do parceiro italiano, IIS "Concetto Marchesi" de Masciucchio, na Sicília, e contou com a presença dos restantes parceiros – Bélgica, Chipre, Eslovénia, Portugal e Turquia. Este encontro reuniu os parceiros internacionais com o propósito de avaliar o estado da arte do projeto, progressos alcançados, bem como delinear etapas futuras.

Durante os três dias de reunião, os parceiros tiveram oportunidade de partilhar os desenvolvimentos dos quatro resultados propostos neste projeto. A SERŠ Maribor, instituição parceira da Eslovénia, apresentou a app para Android e IOS, expondo as suas potencialidades operacionais tanto para alunos como para professores.

As escolas parceiras da Itália, IIS "Concetto Marchesi", e do

Chipre, Episkopi Secondary School, apresentaram a versão final do e-Book "O Papel do Mentor em 1 minuto", um guia prático para todos que pretendam desenvolver atividades de mentoria, realçando a importância desta figura no desenvolvimento profissional e pessoal dos estudantes.

A EPATV, líder na produção do terceiro resultado deste projeto, apresentou o progresso do "Guia para a Escola de Verão", uma ferramenta de apoio à implementação de uma escola de verão para a recuperação de aprendizagens, com propostas de atividades baseadas na metodologia STEAM.

A escola parceira da Turquia, a Antalya Mesleki ve Teknik Anadolu Lisesi, partilhou detalhes sobre a plataforma online desenvolvida para gerir a utilização dos resultados do projeto. Esta plataforma constitui um passo importante na sustentabilidade e no acesso às inovações produzidas, garantindo que os benefícios do projeto sejam amplamente disseminados e utilizados.

Adicionalmente, a EfVET apresentou um balanço das atividades de disseminação realizadas até à data. Foram também discutidos os próximos passos para o desenvolvimento dos últimos materiais de comunicação, fundamentais para a Conferência Final do projeto, agendada para julho, em Vila Verde.

Durante o encontro, os parceiros tiveram ainda oportunidade de conhecer a cultura local da Catânia e visitar alguns marcos históricos e geográficos da região.

Esta reunião refletiu o compromisso e a colaboração entre os parceiros internacionais. Com uma agenda repleta, este encontro revelou-se extremamente produtivo, pavimentando o caminho para o sucesso contínuo do projeto.

Acompanhe o trabalho desenvolvido pela parceria de cooperação em www.nsb-erasmus.eu



PARLAMENTO DOS JOVENS

Decorreu no dia 12 de março no Auditório do Centro da Juventude de Braga, a sessão distrital do programa 'Parlamento dos Jovens'. O programa tem como principais objetivos promover a educação para a cidadania; despertar o interesse dos jovens para a participação cívica e política; desencadear capacidade de argumentação na defesa de ideias com respeito pelos valores da tolerância e potenciar o pensamento crítico.

Através desta metodologia dá-se a conhecer o significado do mandato parlamentar e o processo de decisão da Assembleia da República - enquanto órgão representativo

de todos os cidadãos/as - salientando a importância do seu contributo para a resolução de questões que exercem influência no presente e futuro individual/colectivo.

A sessão distrital envolveu 39 escolas e cerca de 120 alunos do distrito de Braga, com o tema 'Viver Abril: caminhos para uma escola plural e participativa',

A EPATV fez-se representar pela sua delegação composta pelos alunos Helena Ferreira, Miguel Barbosa e Diana Neto que tiveram um desempenho notável sempre na defesa da moção que levaram à sessão.



YOUTH PARLIAMENT

The district session of the 'Youth Parliament' program took place on March 12th in the Braga Youth Center Auditorium. The program's main objectives are to promote education for citizenship; awaken young people's interest in civic and political participation; trigger the ability to argue in the defense of ideas with respect for the values of tolerance and enhance critical thinking.

Through this methodology, the meaning of the parliamentary mandate and the decision-making process of the Assembly of the Republic - as a representative body of all citizens - is made known, highlighting the importance of its contribution to the resolution of issues

that influence the present and individual/collective future.

The district session involved 39 schools and around 120 students from the district of Braga, with the theme 'Viver Abril: paths to a plural and participatory school',

EPATV was represented by its delegation made up of students Helena Ferreira, Miguel Barbosa and Diana Neto, who performed remarkably well in defending the motion they took to the session.



DANIEL SOARES

 CURSO: 3º ANO DE COZINHA/PASTELARIA
LOCAL DE ESTÁGIO: VALÊNCIA, ESPANHA

Daniel Soares, a frequentar o 3º ano em Cozinha/Pastelaria, realizou um estágio de dois meses na cidade de Valencia, Espanha, no grupo Bocado Bar.

Valencia é uma cidade “linda e apelativa” em que foi fácil adaptar e criar amizades, mesmo sem dominar completamente o espanhol. O trabalho também foi diferente, o que lhe deu oportunidade de aprender novas maneiras de manipular os alimentos e novas maneiras de estar dentro de uma cozinha.

Para Daniel era importante que os valorizassem e procurassem uma experiência de Erasmus, pois vê nesta experiência uma mais-valia pessoal e profissional. “São oportunidades únicas e inesquecíveis”.

Em que empresa realizaste o estágio?
No grupo Bocado Bar

Quais as tarefas que realizaste?
Arranjava peixe, fazia a misse place, ajudava nos empratamentos

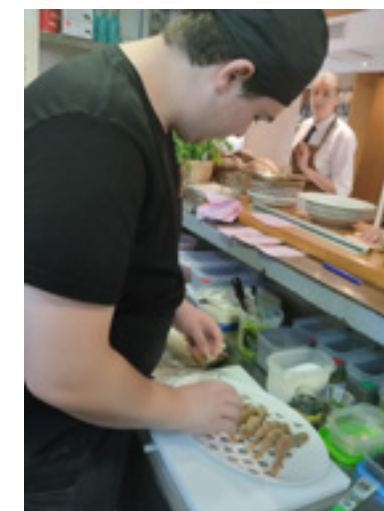
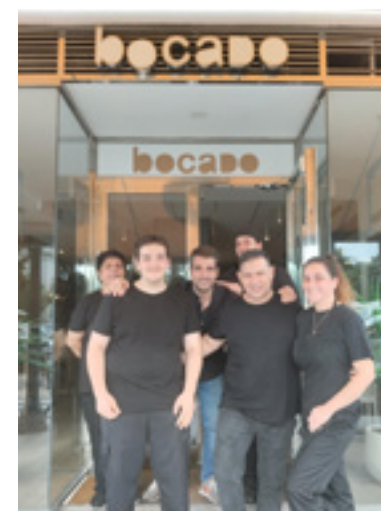
Como foi o processo de adaptação?
Não me demorei muito a adaptar ao país nem ao local de estágio pois fiz amizades rápido apesar de ter ido sem dominar língua espanhola rapidamente aprendi.

O que mais gostaste de experienciar na cidade onde foste estagiar?
Gostei de aprender novas maneiras de manipular os alimentos e gostei também da maneira de ser das pessoas dentro de uma cozinha. Gostei também da cidade é uma cidade bem apresentável, linda e apelativa

Como avalias a experiência de Erasmus?
Avalio de uma forma positiva 10 de 10. Acho espetacular e interessante fazer um projeto Erasmus para nossa sabedoria e cultura. Desde já agradeço a EPATV por esta grande oportunidade que foi espetacular.

Tendo a oportunidade de estar num país com uma cultura diferente, sentes que esta experiência te fez valorizar a importância da interculturalidade? Sim

Achas que era importante para os alunos tomarem parte em experiências de Erasmus? Sim acho muito importante os alunos se interessarem por experiências Erasmus pois são únicas e é uma mais valia para o nosso futuro tanto no mercado de trabalho com para a nossa vida. São oportunidades únicas e inesquecíveis, longe da família mas que valem apena e deixam pegadas.





JOÃO MACHADO

 CURSO: 3º ANO DE COZINHA/PASTELARIA
LOCAL DE ESTÁGIO: ISTAMBUL, TURQUIA

João Machado, aluno do 3º ano de Cozinha/Pastelaria, realizou um projeto “Eat well, move well” sobre cozinha e gastronomia tradicional portuguesa, em Istambul, Turquia.

Esteve numa cidade monumental, de cujas atrações da cidade se destaca a Mesquita Azul, antigo templo de Haga Sofia. A história e a cultura da Turquia fizeram desta experiência de Erasmus algo surreal, como “estar num outro mundo”.

Estar num país tão diferente do nosso, fez ver a João como saber mais sobre o Outro só faz bem pelo que recomendaria a todos os colegas que tivessem a “oportunidade de ir em Erasmus que não pensassem duas vezes”.

Que projeto realizaste no Erasmus?

Realizei o “Eat well, move well”, um projeto de Erasmus que reúne alunos de escolas profissionais de França, Turquia, Roménia e Portugal para sensibilizar um estilo de vida saudável, através da partilha de ideias e experiências.

Quais as tarefas que realizaste?

Realizei um trabalho sobre a cultura gastronómica portuguesa. Foi algo que me deu muito gosto de fazer, até porque dei a conhecer um pouco do meu país e da minha cultura a quem está de fora. Foi muito bom!

Como foi o processo de adaptação?

No princípio foi um pouco difícil porque não conhecia ninguém, mas depois consegui fazer amizades e a adaptação tornou-se mais simples.

O que mais gostaste de experienciar na cidade onde foste estagiar?

Os monumentos que havia na cidade de Istambul, sobretudo as mesquitas que eram magníficas. Istambul é uma cidade com muita história e muita cultura para dar a quem visitar.

Como avalias a experiência de Erasmus?

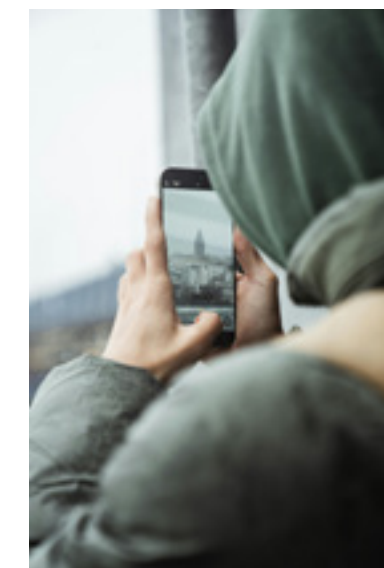
Diria que foi algo diferente do que vivi. É muito diferente em tantas coisas, desde a maneira como se trabalha, às tradições, gastronomia e à religião. Foi algo que me ensinou muito.

Tendo a oportunidade de estar num país com uma cultura diferente, sentes que esta experiência te fez valorizar a importância da interculturalidade?

Sim, a experiência de estar em Erasmus fez-me perceber que, saber mais sobre um país, só me faz bem. Sinto que foi uma oportunidade para poder crescer a nível profissional e pessoal.

Achas que era importante para os alunos tomarem parte em experiências de Erasmus?

Absolutamente! Cada aluno que tiver a oportunidade de ir de Erasmus deveria ir, sem pensar duas vezes. Vale mesmo a pena!



AQUI HÁ Cultura!



“Uma mulher não podia...”

Exposição abriu Programação do “Aqui Há Cultura 2024”

No Dia Internacional da Mulher, foi inaugurada na Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela a exposição “Mulheres de abril somos”, organizada pelo Movimento Democrático das Mulheres (MDM) em colaboração com a Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga. Esta exposição abre a programação deste ano do “Aqui Há Cultura”, uma parceria entre a EPATV e a Câmara Municipal de Vila Verde.

A mostra “Mulheres de abril somos” informa o público sobre as conquistas das mulheres em Portugal, lembrando o seu passado em Ditadura e avisando para o que ainda está por fazer. Neste espaço, inaugurado com a presença de vários alunos e professores da EPATV, o público pôde encontrar painéis informativos em branco que enumeram as várias conquistas das mulheres após a revolução do 25 de abril, bem como outros painéis a negro que informam sobre a posição da Mulher no período da ditadura, caracterizada pelas várias restrições impostas à sua liberdade e pela sua diminuição.

A sessão de abertura contou com a presença do vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Verde, Manuel Lopes, em representação da presidente Júlia Fernandes, do presidente da

EPATV, João Luís Nogueira, e por representantes da Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga, Maria Manuel Marques e Calvina Sá.

A apresentação foi realizada pelas representantes da Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga. Nas suas intervenções, as representantes explicaram aos alunos presentes o que as mulheres não tinham antes do 25 de Abril. Até aos anos 60, “uma mulher não podia trabalhar sem a autorização prévia do marido”. Quando lhe foi reconhecido esse direito, “o marido podia cessar o contrato quando quisesse, quando lhe apetecesse e sem invocar qualquer tipo de razão”. Se sofresse de violência por parte do homem, uma mulher não podia fugir de casa e mesmo se encontrasse refúgio em algum familiar, por exemplo, “o marido tinha a autoridade e o poder de se dirigir com um simples requerimento ao chefe de polícia ou ao juiz da comarca e imediatamente, o chefe de polícia ou o juiz, mandava a mulher para casa. Por lei, a mulher tinha obrigatoriamente de ter residência no marido.” A discriminação salarial estava muito presente, sendo que “as mulheres ganhavam metade do salário do marido ou menos” e faziam os trabalhos mais

“menosprezados”. A função da mulher era essencialmente reprodutora “e depois de o fazer tinha a obrigação de criar os seus filhos na religião católica, na cultura do Estado Novo e de obedecer ao marido”.

Destacaram, ainda, o papel que organizações sindicais ligadas aos direitos das mulheres tiveram enquanto “primeira reação” ao Estado Novo. Por exemplo, as primeiras greves realizadas foram das corticeiras (no Alentejo) e das têxteis (no Norte), setores predominantemente femininos. “As mulheres quando reagem, reagem muito vivamente e são capazes de infligir muito mais dano que os homens”. No entanto, o exercício dessa oposição teve consequências: “em 1969 eu fui despedida porque votei.”

Na sua intervenção, o presidente da EPATV congratulou-se pela renovação da parceria do “Aqui Há Cultura” com a Autarquia, realçando que a edição deste ano contém um leque alargado de debates com figuras nacionais sobre o 25 de Abril, assim como exposições, apresentação de livros, recitais, debates e concertos.

Sobre a exposição, lembrou as dificuldades que as mulheres enfrentaram no passado e



agradeceu às representantes da Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga pela sua “bravura, persistência, inteligência e capacidade de mostrar aos mais novos o Humanismo que se defendia no passado e que devemos manter e defender. Para mim o valor mais fundamental da Revolução do 25 de Abril é a nossa capacidade de autonomia e de independência”, realçou.

Já Manuel Lopes felicitou o presidente da EPATV pela parceria e louvou a luta das Democratas de Braga e de todos os que lutaram pelo 25 de

Abril, que hoje “corresponde a um marco histórico fundamental da nossa existência”. Sublinhou que a exposição marca um antes e um depois do 25 de Abril e lembrou que as comemorações do Dia Internacional da Mulher “reafirmam o nosso propósito de continuarmos esta luta interminável das Mulheres pelos seus Direitos”. A presidente Júlia Fernandes enviou um comunicado em que afirma que a Revolução dos Cravos “não só libertou Portugal do jugo autoritário, mas também abriu portas para uma transformação social profunda, incluindo a conquista



de direitos fundamentais para as mulheres”. Alertou, ainda, para a necessidade de continuar a proteger esses mesmos direitos fundamentais que são o legado do 25 de Abril.

No final, as representantes da Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga tiveram a oportunidade de trocar algumas palavras e dúvidas com os alunos da EPATV.

CARVALHO DA SILVA PROFERIU CONFERÊNCIA SOBRE AS GRANDES QUESTÕES DO MUNDO DO TRABALHO

A Biblioteca Professor Machado Vilela recebeu no salão nobre a conferência “Trabalho e Sindicalismo: grandes questões do Estado Novo ao presente”, proferida por Manuel Carvalho da Silva, antigo secretário-geral da CGTP. O colóquio, realizado no âmbito do Projeto AQUI HÁ CULTURA!, serviu para refletir sobre as grandes questões do sindicalismo e da sociedade portuguesa, desde o Estado Novo até à atualidade sem esquecer o contexto internacional em que se vive.

Esta conferência assumiu particular relevância face ao atual contexto político e social que vai exigir “um esforço grande de memória”, porque “há dinâmicas antidemocráticas no nosso país e no mundo com muita força e um dos seus instrumentos é o apagamento da memória”. Esse apagamento da memória é depois usado por essas mesmas forças antidemocráticas com um sentido manipulador. São novos desafios que exigem a todos capacidade de diálogo com quem pensa de modo diferente mas, avisa Carvalho da Silva, sem abdicar da determinação em relação ao futuro.

A questão do futuro esteve aliás muito presente na apresentação do interlocutor que mostrou inquietação pelo facto de o

futuro ser falado aos mais jovens como algo “distante e carregado de cenários apocalípticos” em relação ao mundo e ao emprego. Face a esta problemática, a formação tem um papel importante, pois o país não “precisa de “pessoas com formações indefinidas”, mas antes de “pessoas com formações muito concretas”. Alertou ainda para que não se substitua as profissões por “uma designação generalista” e para que não se percam os “valores de universalidade” de uma sociedade.

O antigo sindicalista traçou um cenário do passado em ditadura, marcado pela pobreza extrema e pelo atraso social e económico. Lembrou o que era o Portugal do Estado Novo: um país maioritariamente rural, com uma elevada taxa de mortalidade infantil, onde muitos viviam sem as condições básicas de vida e pela “negação do desenvolvimento do país”, ou seja, pela ausência da livre-iniciativa industrial, que era restringida. Mas a desmistificação do período ditatorial não se ficou pelos factos ou números, Manuel Carvalho da Silva recorreu à sua própria experiência pessoal, semelhante a tantos que viviam no mundo rural. “Ainda hoje não me esqueço do toque de sino

quando morria uma criança”, realçou. “Eu vi cenas chocantes! Eu vi crianças dentro de espaços fechados enquanto as mães andavam a sarchar o milho, na maior porcaria! Não havia tempo. Os meus pais trabalhavam de sol a sol e depois ainda tinham de tratar do gado.”

Para além destas fortes privações, havia um afastamento generalizado do povo da vida política, como, por exemplo, as restrições ao direito de voto. Por tudo isso, torna-se essencial realçar nestas comemorações de 50 anos de Democracia que Portugal era “um país muito atrasado no contexto internacional”, sem no entanto esquecer o que está mal no nosso país.

Assim, as transformações que o 25 de Abril proporcionou a nível sociopolítico, económico e cultural, são cruciais e devem ser valorizadas. Manuel Silva Carvalho lembrou o avanço da luta sindical na segunda metade da década de 60 que trouxe “uma agenda sindical riquíssima”, como, por exemplo, a introdução da contratação coletiva, a legislação sobre o horário de trabalho, a semana inglesa e as propostas para a Segurança Social e Serviço Nacional de Saúde. Recordou peripécias deste período de luta



sindical na clandestinidade que culminaram no golpe militar que deu o 25 de Abril. Para o antigo secretário-geral da CGTP, as razões do sucesso das Forças Armadas no 25 de Abril têm a ver com a existência de um programa muito concreto e bem conseguido, a proximidade ao 1º de Maio, a “explosão de direitos e a sua consagração” após o dia da revolução e a qualidade dos primeiros constituintes da democracia portuguesa.

Sobre a atualidade que marca e deve marcar o 25 de Abril, mostrou-se preocupado pela ausência de temas internacionais na campanha eleitoral para as eleições de 10 de março, pois é ela que vai determinar o sistema económico mundial com impacto no mundo do trabalho. A guerra, afirmou Manuel Carvalho da Silva, será a crise mais grave que terá impactos na vida de todos os europeus, pois assiste-se, para sua preocupação, a uma introdução de políticas belicistas na Europa. “A União Europeia está neste momento a trabalhar para uma economia de guerra e isso tem implicações”. A guerra, na sua visão, é a “crise das crises” porque em nome dela sacrifica-se tudo incluindo os direitos fundamentais. “A mim custa-me ver como se introduz a ideia aos jovens de que eles podem ir para a guerra”, salientou. Nesse sentido, a luta pela paz torna-se muito importante.

Deixou ainda um aviso para a “institucionalização da crise”, a que se assiste hoje de forma cíclica. Sendo verdade que existem crises com a climática, para a qual é preciso chamar a atenção, o autor vê a realidade da guerra como a maior das crises.

Existem outros desafios que são lançados no mundo do trabalho, como o aumento do número de trabalhadores por conta de outrem, o surgimento de novas realidades como teletrabalho, que coloca desafios à organização do trabalho e vida pessoal, e as migrações. Esta última vai, segundo o interlocutor, implicar uma sociedade composta por vivências diferentes e apresentar vários desafios, especialmente na educação. Destacou que existem apenas neste momento duas visões conflituosas: uma positiva, mas apenas utilitarista; e outra como uma “expressão definitiva do mal”. Sobre esta última, afirmou que “se fosse aplicado aos portugueses do século passado o que se receita hoje para a imigração, os portugueses eram todos repatriados da fronteira com a Espanha para as prisões da PIDE. Isto é de uma irracionalidade total.” Para resolver estes problemas no trabalho, disse o antigo sindicalista, é preciso resolver problemas estruturais, pegando em exemplos positivos daquilo que se foi adquirindo.

A realidade do trabalho também está a sofrer alterações profundas, pois os contextos tecnológicos e sociais mudaram. A introdução da Inteligência Artificial, que se acreditava que ia obrigar a imensas alterações, afinal pode incrementar imensas especialidades.

No final da apresentação, houve espaço para o debate que abordou temas como o sentimento de descontentamento que se vive em Portugal, os movimentos inorgânicos convocados pelas redes sociais e as dificuldades que os sindicatos enfrentam atualmente.

“AQUI HÁ CULTURA” com um leque alargado de atividades nas comemorações do 25 de Abril

A programação do “Aqui Há Cultura!” foi apresentada, no dia 18 de março, no salão nobre da Câmara Municipal de Vila Verde. A iniciativa é uma parceria entre a EPATV e o Município de Vila Verde e a novidade desta nova edição são as várias atividades de comemoração dos 50 anos do 25 de Abril. A sessão contou com a presença da presidente, Júlia Fernandes e dos vereadores, Patrício Araújo, Michele Alves e Manuel Lopes. Também estiveram presentes o presidente da EPATV, João Nogueira, e vários diretores de escolas e agrupamentos do concelho.

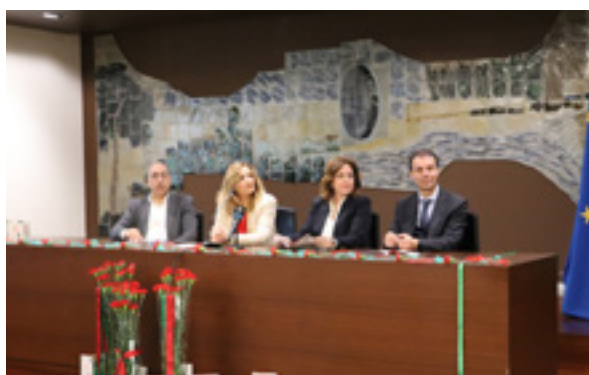


Na sua intervenção, Júlia Fernandes agradeceu a parceria com a EPATV, destacando que o objetivo desta programação cultural do concelho de Vila Verde é “atingir um público cada vez mais alargado” de modo que as comemorações nos toquem a todos”. Realçou ainda que nestes 50 anos de Liberdade que marcam a agenda cultural do concelho, “continuar Abril é lutar sobretudo pela paz e pelo progresso das nossas gentes”.



O programa cultural insere conferências, debates, exposições e concertos com vista a enriquecer as comemorações do 50º aniversário da Revolução dos Cravos, bem como refletir sobre os desafios e conquistas desta data histórica.

Na apresentação do programa “Aqui Há Cultura”, Arnaldo Sousa afirmou que é entendimento da organização “que neste momento a sociedade portuguesa está extremamente atomizada, há neste momento bolsas de descontentamento e nós sentimos que temos a obrigação de ouvir as pessoas, de promover o debate, de promover o diálogo e de promover a cultura”. Agradeceu também a colaboração do município.



Para além das atividades do “Aqui Há Cultura”, a EPATV irá participar nos eventos de celebração de abril, nomeadamente, no 2º Encontro Vila Verde (in) Artes, agendado para 20 abril, e no “Todos à manif” que contará com a participação dos alunos do 1º e 2º anos de Técnico de Design e Comunicação Gráfica.



AQUI HÁ Cultura!

MARÇO

8 de março (sexta-feira) até 22 de março

Exposição - Mulheres de abril somos (exposição do MDM - Movimento Democrático das Mulheres em colaboração com a Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga)

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 15h00

15 de março (sexta-feira)

Conferência - Trabalho e sindicalismo. Grandes questões do Estado Novo ao presente

Orador - Manuel Carvalho da Silva

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

ABRIL

5 de abril (sexta-feira) até 30 de abril

Exposição - Livros proibidos no Estado Novo (em colaboração com a Comissão de Homenagem aos Democratas de Braga)

Conferência - Livros proibidos no Estado Novo

Orador - Henrique Barreto Nunes

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

11 de abril (quinta-feira)

Documentário - No escuro e à escuta, de Sofia Saldanha

Local - EPATV

Hora - 10h30

12 de abril (sexta-feira)

Conferência - Fake news, redes sociais e comunicação social: desafios para a democracia

Orador - Henrique Monteiro

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

13 de abril (sábado)

Conferência - Para onde vai a Europa?

Orador - José Manuel Fernandes

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

19 de abril (sexta-feira)

Concerto - Primo Convexo

Local - Auditório da EPATV

Hora - 21h30

23 de abril (terça-feira)

Debate - Mulheres de abril

Participantes - Júlia Fernandes, Ana Genoveva, Cidália Abreu, Teresa Lago

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

MAIO

10 de maio (sexta-feira)

Apresentação dos Livros - “Os primeiros anos” (correspondência entre Zeca Alfonso e Rocha Pato) e “Zeca Alfonso - Balada do Desterro” (banda desenhada)

Concerto - César Prata

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

31 de maio (sexta-feira)

Conferência - Do 28 de maio ao 25 de abril: movimentos de resistência ao Estado Novo

Orador - José Pacheco Pereira

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

SETEMBRO

20 de setembro (sexta-feira)

Apresentação da Obra - “Exílios no Feminino” (com a presença de uma das autoras, Maria Emilia Brederode Santos)

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

27 de setembro (sexta-feira)

Apresentação da obra - “Mário Viegas - autophotobiografia (não autorizada)”

Recital de Poesia

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

OUTUBRO

25 de outubro (sexta-feira)

Apresentação da obra - “Luís Cília - discografia completa” (com a presença do autor, Octávio Fonseca, e Luís Cília)

Concerto - José Manuel David (teclados), Rui Vaz (voz) - ex-membros dos Gaiteiros de Lisboa

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

NOVEMBRO

29 de novembro (sexta-feira)

Apresentação da obra - “Porto 1900: as primeiras gravações de fado em Portugal”

Concerto de Fado

Local - Biblioteca Municipal

Hora - 21h30

© ABRIL DA ARTE



O 25 de Abril de 1974 foi um momento crucial na história de Portugal, marcando o fim de décadas de regime autoritário e inaugurando uma nova era de liberdade, democracia e expressão cultural. Este evento, conhecido como a Revolução dos Cravos, teve um impacto profundo em todas as esferas da sociedade portuguesa, incluindo o mundo da arte.

Antes do 25 de Abril, Portugal estava imerso em um contexto político e social restritivo, onde a censura e a repressão limitavam a liberdade de expressão. Neste ambiente de contenção, a arte muitas vezes servia como um meio de resistência silenciosa, transmitindo mensagens subversivas e questionando as estruturas de poder estabelecidas.

Com o advento do 25 de Abril, as correntes artísticas reprimidas puderam finalmente fluir livremente. A liberdade de expressão tornou-se um direito fundamental, e os artistas abraçaram essa nova realidade com entusiasmo. Pinturas, esculturas, música, teatro e literatura passaram a refletir a energia e a esperança da revolução, celebrando a liberdade recém-conquistada e criticando as injustiças do passado.

Uma das formas mais visíveis dessa mudança foi o surgimento de uma onda de manifestações artísticas que celebravam a liberdade recém-conquistada e criticavam os vestígios do antigo regime. Pinturas, esculturas, músicas e performances refletiam a energia e a esperança de um país em transformação, ao mesmo tempo em que confrontavam as injustiças do passado e do presente.

A arte em Portugal pós-25 de Abril também foi caracterizada por uma maior diversidade de estilos e influências. Artistas experimentaram novas técnicas e abordagens, inspirados tanto pela rica tradição cultural portuguesa quanto pelas correntes artísticas internacionais. Essa abertura para o

intercâmbio cultural e a colaboração transnacional enriqueceu o cenário artístico português, permitindo que ele se inserisse mais plenamente no contexto global.

No entanto, a arte não se limitou apenas a celebrar a revolução; também abordou questões mais profundas sobre identidade, memória e justiça social. Artistas exploraram as complexidades da história portuguesa, confrontando os traumas do passado colonial e os desafios do presente pós-revolucionário. A arte tornou-se um meio não apenas de expressar sentimentos e ideias, mas também de provocar reflexão e transformação, transformando-os em agentes de mudança e catalisadores de diálogo e reflexão. Muitos artistas envolveram-se ativamente em questões políticas e sociais, usando sua arte como uma forma de promover a justiça e a inclusão.

Ao longo das décadas seguintes, a relação entre a arte em Portugal e o 25 de Abril continuou a evoluir e se transformar, refletindo os desafios e conquistas do país. A Revolução dos Cravos deixou um legado duradouro na cultura portuguesa, inspirando gerações de artistas a explorar as complexidades da identidade nacional, os traumas do passado e os sonhos para o futuro.

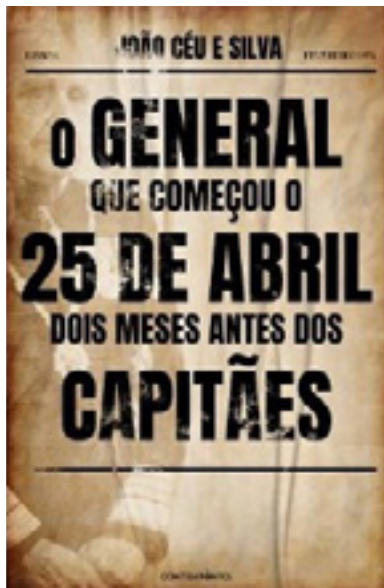
Em suma, o 25 de Abril de 1974 não apenas libertou Portugal de um regime autoritário, mas também liberou a criatividade e a expressão artística do país. A arte tornou-se uma ferramenta poderosa para a mudança social e política, testemunhando os eventos históricos e inspirando gerações futuras a buscar um mundo mais justo e inclusivo. O legado do 25 de Abril na arte portuguesa é um lembrete duradouro do poder transformador da liberdade e da criatividade humana. •

RUI SILVA DOCENTE

SUGESTÕES

Literárias

MARCO ALVES DOCENTE



O GENERAL QUE COMEÇOU O 25 DE ABRIL DOIS MESES ANTES DOS CAPITÃES

João Silva

Cinquenta anos depois do 25 de Abril, e recorrendo a testemunhos inéditos de intervenientes diretos no processo, João Céu e Silva revela-nos como começou a Revolução que fez cair a ditadura.

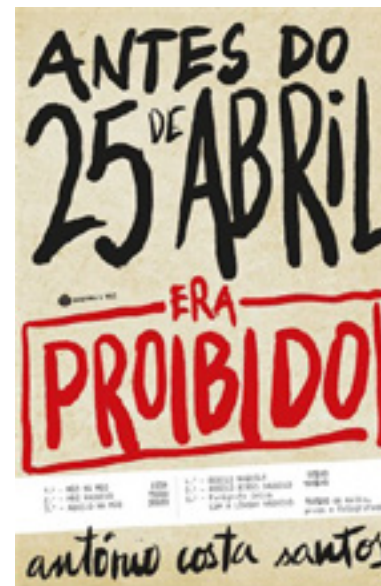
Ainda hoje muitos não sabem que foi um livro que deu origem ao acontecimento que mudou o país em 1974 e que bastou ao mais prestigiado general português de então apenas uma frase-choque para derrubar em poucos dias o Regime: «A vitória exclusivamente militar é inviável.» Esta declaração do general António de Spínola no seu livro Portugal e o Futuro, sobre a guerra no Ultramar, arrasou por completo a credibilidade do Governo de Marcello Caetano e provocou um autêntico terramoto no país.

A obra, lançada a 22 de fevereiro de 1974, apresentava uma reflexão demolidora sobre a situação nacional e o futuro das colónias feita por quem melhor os conhecia e teve uma repercussão social e política inédita na sociedade portuguesa.

Em poucos dias, os duzentos e trinta mil portugueses que compraram o livro compreenderam que o Estado Novo não tinha soluções para a grave crise que Portugal atravessava e que o Regime estava preso por um fio. Espalhando-se pelo país como fogo em mato seco, as propostas do general em Portugal e o Futuro abriram o caminho que os capitães de Abril traçariam dois meses depois, no golpe que fez por fim cair o Regime e que o povo português, que ocorreu em massa às ruas, transformou numa revolução.

Os capitães concederam-lhe a honra de receber o poder das mãos do sucessor de Salazar e nomearam-no presidente da Junta de Salvação Nacional. No entanto, à primeira oportunidade, o general foi descartado, e Spínola não foi capaz de fugir à maldição que lhe estava destinada por se ter antecipado em dois meses ao fazer apenas com palavras um primeiro 25 de Abril.

Um livro surpreendente e polémico que nos mostra os verdadeiros bastidores da Revolução.



ANTES DO 25 DE ABRIL - ERA PROIBIDO

António Costa Santos

Já imaginou viver num país onde: tem de possuir uma licença do Estado para usar um isqueiro? uma mulher, para viajar, precisa de autorização escrita do marido? as enfermeiras estão proibidas de casar? as saias das raparigas são medidas à entrada da escola, pois não se podem ver os joelhos? não pode ler o que lhe apetece, ouvir a música que quer, ou até dormir num banco de jardim?

Já nos esquecemos, mas, há 50 anos, feitos agora em Abril de 2024, tudo isto era proibido em Portugal. Tudo isto e muito mais, como dar um beijo na boca em público, um ato exibicionista atentatório da moral, punido com coima e cabeça rapada. E para os namorados que, num banco de jardim, não tivessem as mãozinhas onde deviam, havia as seguintes multas:

- 1.º – Mão na mão: 2\$50;
- 2.º – Mão naquilo: 15\$00;
- 3.º – Aquilo na mão: 30\$00;
- 4.º – Aquilo naquilo: 50\$00;
- 5.º – Aquilo atrás daquilo: 100\$00;
- 6.º – Parágrafo único – Com a língua naquilo: 150\$00 de multa, preso e fotografado.



25 DE ABRIL - NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

Manuel S. Fonseca

Festa.

Este livro festeja os 50 anos do dia que derrubou uma ditadura de 48 anos. O 25 de Abril, catarse e delírio, foi uma das mais impressionantes algazarras de liberdade, loucura, e inocente destrambelhamento coletivo que o modesto povo português já viveu. A liberdade chegou como uma inundação: proliferaram partidos políticos; levantaram-se do chão incendiários educadores do povo; agitaram-se estandartes; colaram-se cartazes; pichagens pintaram paredes; ruas, largos e avenidas entupiram-se com torrentes de gente em loucas manifs.

De tudo isso este livro quer ser a mais despreziosa – e divertida – testemunha. Primeiro, num preâmbulo mansinho, noturno, visitamos e descrevemos, hora a hora, os incidentes e o suspense da noite de 24 de Abril, da madrugada e do dia 25 em que os militares de Abril derrubaram o Estado do estado a que isto chegara. Depois, redescobrimos as palavras de ordem, o alucinado desatino das palavras que varreu Portugal, evocando cartazes, os gritos das manifestações, as paredes e muros pintados.

Mais de duas dezenas de ilustrações de Nuno Saraiva recriam, neste 25 de Abril, no princípio era o verbo, um Portugal de cabelos desvairadamente compridos, calças boca de sino, soutiens a serem queimados, um Portugal a pôr a ávida boca na orgia de novos costumes. O 25 de Abril foi um dia polifónico em que da voz de cada português saiu uma palavra, fosse essa palavra exaltante, ridícula, hiperbólica, tímida, ou do mais sublime humor. Dessas palavras se construiu o Portugal que hoje somos. Dessas palavras é feito este livro. •

A “REVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS” NO ENSINO

ANTÓNIO CUNHA E JOSÉ DANTAS DOCENTES

Meditação de Camões olhando o mar de Goa

Em minha
alma
lutando,

meu
semelhante
e contrário,

cada um
busca
seu lado:

mal
tornado
adversário,

logo
depois
aliado,

tanto assim
em modo
vário

contra mim
tenho
lutado.

ARNALDO VARELA DE SOUSA POETA

A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A educação é um dos principais instrumentos de transformação social, contribuindo decisivamente para construir uma sociedade mais justa, próspera e sustentável, atenuando as desigualdades; promovendo a mobilidade social; incentivando o desenvolvimento de cidadãos críticos e participativos; estimulando o crescimento económico e promovendo a paz e da tolerância.

A Revolução de 25 de Abril de 1974 representou um marco fundamental na história da educação em Portugal. O regime ditatorial do Estado Novo, que vigorou durante 48 anos, caracterizou-se por um sistema educativo elitista, com baixos níveis de escolarização e acesso desigual à Escola.

Desde 1974, a Escola passou por um processo de profunda transformação, com o objetivo de democratizar o acesso à educação e melhorar a qualidade do ensino. Este processo decorreu associado a uma série de medidas, das quais destacamos:

O aumento da escolaridade obrigatória dos 4 para os 6 anos (1975) e posteriormente para os 9 anos (1986) e, desde 2009, esta obrigatoriedade passou ao 12º ano e aos 18 anos de idade;

A universalização do acesso ao ensino pré-escolar;

A criação do ensino básico unificado e gratuito;

A expansão da rede de escolas públicas em todo o país e

O aumento do número de professores e a melhoria das suas condições de trabalho.

O resultado desta transformação é evidenciado de forma clara por alguns dados:

A taxa de alfabetização passou de 83% (1974) para 99,3% (2020);

Em 1975, apenas 5% terminavam o ensino secundário, contra os 88% atuais;

A escolaridade média era de 4 anos (1974). Em 2020, esse valor subiu para 11 anos;

O número de alunos no ensino superior passou de 50 mil para cerca 440 mil, em 2020.

A INTEGRAÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Esta democratização do acesso à educação veio acompanhada por um conjunto de transformações, das quais permitam-nos destacar, por um lado, a reforma curricular, implementada ao longo das décadas com o objetivo de modernizar os currículos e torná-los mais alinhados com as necessidades do mercado de trabalho e os padrões educacionais internacionais e, por outro, a integração de tecnologia na educação.

As mudanças observadas na década de 80/90 introduziram a tecnologia no ensino. Alguns autores aprovaram essa introdução. GITLIN et al. (1992) revê a noção da tecnologia associada ao processo educativo. As palavras “modernizar, otimizar e mudar” surgem como uma imagem ativa da educação a ter em consideração.

Em 1980 reconhece-se a importância do computador a ser utilizado por docentes e alunos, em que ambos “podem ser agentes catalisadores de concretizações educacionais numa forma sem precedentes”. Preconizou-se assim a importância progressiva do computador, considerado doravante indissociável do processo de ensino-aprendizagem.

Num olhar cronológico pela educação, verificamos que a integração das TIC na comunidade escolar tem sido impulsionada pelo Ministério da Educação (ME), desde 1985. O primeiro projeto a ser conhecido como tentativa de aproximação das escolas portuguesas à realidade europeia foi o “Projecto Minerva”.

A introdução das TIC nos currículos académicos foi o maior exemplo de aproximação de Portugal à educação praticada na Europa. Pretendeu-se introduzir

o princípio de autonomia dos estudantes em relação às fontes de saber. Esperou-se familiarizar os estudantes com a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação.

A presidência portuguesa da União Europeia (2000) deu um forte contributo para a elaboração do “Plano de Ação para a Transição Digital”. O plano pretendeu estimular a utilização da Internet, investir nas pessoas e nas qualificações. Outros programas desenvolvidos foram importantes para a promoção das novas tecnologias de informação e comunicação, como, por exemplo: “Netdays”; “Inforjovem”; “Computador para todos” ou “Programa Cidades Digitais”. O exemplo mais recente da utilização das TIC na vida diária apresentou-se sob o nome de “Plano Tecnológico da Educação”. Este plano foi entendido pelo governo português como “uma agenda de mudança para a sociedade portuguesa que visa mobilizar as empresas, as famílias e as instituições para que, com o esforço conjugado de todos, possam ser vencidos os desafios de modernização que Portugal enfrenta” (Plano Tecnológico Educação, 2014).

Em rigor, temos observado um forte investimento para a integração de tecnologia na educação, com a implementação de programas e projetos para equipar as escolas com infraestrutura tecnológica e promover o uso de computadores e dispositivos digitais no processo de ensino-aprendizagem.

É verdade, também, que a introdução das novas tecnologias na educação provocou uma profunda transformação nos métodos de ensino e aprendizagem, impondo um novo paradigma educacional. Essa mudança desafia todos os agentes do processo educativo, desde professores e alunos até gestores e pais.

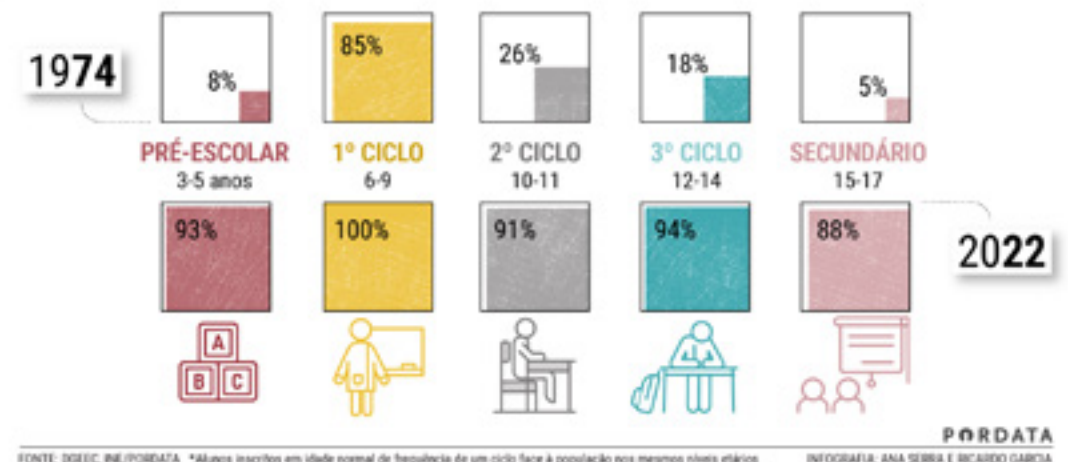
AS TRANSFORMAÇÕES EDUCATIVAS

O principal desafio reside na inclusão eficaz das tecnologias como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, de modo a contribuir significativamente para o sucesso escolar. Isso exige uma mudança de atitude e mentalidade por parte de todos os envolvidos, além de investimentos em infraestrutura, formação de docentes e desenvolvimento de materiais didáticos adequados.

É consensual que a introdução de novas tecnologias no campo da educação tem levado a uma série de transformações significativas. A começar pela democratização no acesso à informação, operada pela Internet, e continuando com a facilitação da personalização



A ESCOLARIZAÇÃO* TORNOU-SE UNIVERSAL



Fonte: DOEIC, INE/ORDATA *Alunos inscritos em idade normal de frequência de um ciclo face à população nos mesmos níveis etários. INFOGRAFIA: ANA SERRA E RICARDO GARCIA

da aprendizagem, adaptando o conteúdo educacional às necessidades individuais de cada aluno; promovendo uma aprendizagem colaborativa entre alunos e professores, bem como entre os próprios alunos e facilitando a aprendizagem ativa, onde os alunos se envolvem na construção do conhecimento. O processo ensino-aprendizagem pode ocorrer fora do tempo e espaço escolar e o processo de avaliação é entendido enquanto parte do processo de aprendizagem formativa, porque permite aos educadores fornecer feedback mais imediato e personalizado aos alunos, ajudando-os a identificar suas áreas de força e oportunidades de melhoria. Finalmente, as novas tecnologias estão a ajudar os alunos a desenvolver habilidades essenciais para o sucesso no século XXI, como pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e alfabetização digital.

A ESCOLA, DEMOCRACIA E LIBERDADE

Em jeito de conclusão, a comunidade escolar está consciente que a mudança de paradigma na educação é um processo gradual que exige compromisso e colaboração de todos os agentes envolvidos. Ao abraçar as novas tecnologias de forma consciente e estratégica, podemos construir um futuro educacional mais inclusivo, eficaz e promissor para todos.

Nos últimos 50 anos, a escola portuguesa tornou-se mais democrática, inclusiva, inovadora e tecnológica. No entanto, ainda há desafios a serem superados, como a redução das desigualdades no acesso

à educação de qualidade, a melhoria da qualidade do ensino e a atualização constante dos currículos e das práticas pedagógicas.

Enfrentar estes desafios requer uma abordagem holística e colaborativa, envolvendo educadores, alunos, pais, políticos e membros da comunidade para garantir que a tecnologia seja utilizada de maneira ética, equitativa e eficaz no campo da educação.

É bom que todos tenhamos consciência de que a Escola continuará, também, a desempenhar um papel vital na promoção da liberdade individual e coletiva, capacitando os indivíduos a exercerem os seus direitos e participarem plenamente da vida democrática. •

Amigos...

Amigos...

Decisões à Parte.

Agora que te encontras na reta final, já sabes qual vai ser o teu próximo passo?

Esta pergunta assombra o teu pensamento?

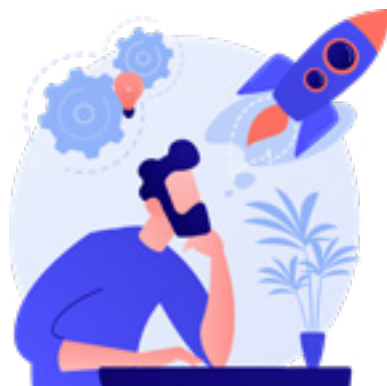
Tira-te o sono?

Fazer escolhas, tomar decisões, não tem de ser um bicho de sete cabeças...na verdade é algo que já fazes há algum tempo, mesmo que às vezes nem te apercebas. Mas nem sempre devemos escolher sem pensar. Este tipo de decisões que influenciam o teu projeto de vida, devem ser tomadas de forma consciente, informada e devem estar alinhadas com os teus objetivos. Contudo, sentires-te indeciso(a) é normal! E nós estamos aqui para te ajudar neste processo de tomada de decisão.



1. O Mundo é Teu "Playground": explora, experimenta e descobre

Antes de decidir, é essencial experimentar. Assim como num parque de diversões há uma imensidade de atrações, na vida profissional também. Por que não experimentar diferentes opções antes de decidir qual é a tua preferida? Dá-te a oportunidade de experienciar o que existe à tua volta. Inscreve-te em várias atividades e põe-te à prova. Dá asas à tua criatividade e não fiques pela tua zona de conforto. Só sabemos do que gostamos depois de experimentarmos.



2. Sonha

Imagina diferentes cenários. O que poderás fazer/ser no futuro? Não precisas de ter uma visão nítida, terás tempo para a definires melhor. A ideia é que consigas projetar-te nos vários cenários, de acordo com os teus interesses, acerca do teu futuro.

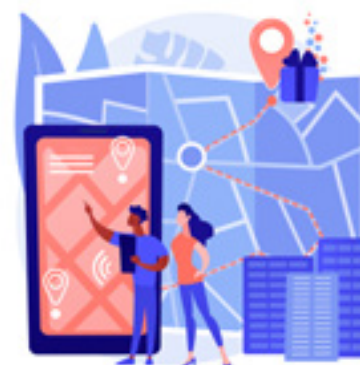


3. A Arca dos Tesouros: descobre as tuas paixões e talentos

Às vezes, o tesouro está bem debaixo do teu nariz, à espera de ser descoberto. Identifica os teus pontos fortes, os teus talentos, pois estes são os faróis que te guiarão até ao teu destino profissional.

Desafiamos-te a fazer um caça ao tesouro às tuas paixões. Faz duas listas: uma com as coisas que te fazem sorrir, que te enchem de alegria e que te fazem sentir realizado(a); e outra com as tuas soft skills. Compara-as! O tesouro pode estar onde menos esperas!

Descobre-te e orienta-te. Toma a tua decisão!



4. Define objetivos e traça o teu percurso

Aventura que é aventura, é acompanhada por um mapa. Define os teus objetivos a curto, médio e a longo prazo, cria um plano e ajusta-o conforme necessário. Define prioridades e procura mais informação sobre os vários cenários que já idealizaste. Começa a planear os passos que deves seguir para os conseguires alcançar. Começa a traçar o teu percurso!



5. O Aliado Sábio: procura conselhos e orientação

Na busca pelo Holy Grail das carreiras, um sábio mentor pode ser o teu melhor aliado. Procura conselhos, fala com os teus Professores, Psicólogos, profissionais das áreas que te interessam e pergunta-lhes sobre os desafios e alegrias do seu percurso.



6. Arregaça as mangas, é agora.

Está na hora de meteres pés a caminho, não basta querer, tens de te esforçar e dar o teu melhor! Trabalha em ti, nas tuas competências, nos teus conhecimentos, destaca-te... faz acontecer, transforma o que era uma hipótese em algo real!

Vai avaliando o percurso, nem sempre as nossas expectativas vão de encontro à realidade, mas isso não tem de ser mau. É uma aprendizagem. Sê resiliente, adapta o teu sonho à nova realidade e continua o teu caminho ou percebe se há outros alternativos.

CATARINA PESSOA E ANA PEREIRA SERVIÇO DE PSICOLOGIA E ORIENTAÇÃO

Não te esqueças:

É imprescindível que primeiro, descubras o que queres, mas o que não queres é igualmente importante. Este processo de tomada de decisão é baseado em ti e não nas opiniões e interesses dos outros. A jornada é tua, a aventura é tua!

Mantém ao longo do processo de tomada de decisão um pensamento estratégico que te permita definir melhor o caminho para alcançares os teus objetivos. Abraça a incerteza, celebra as tuas conquistas e lembra-te: o teu projeto de vida é a tua obra-prima.

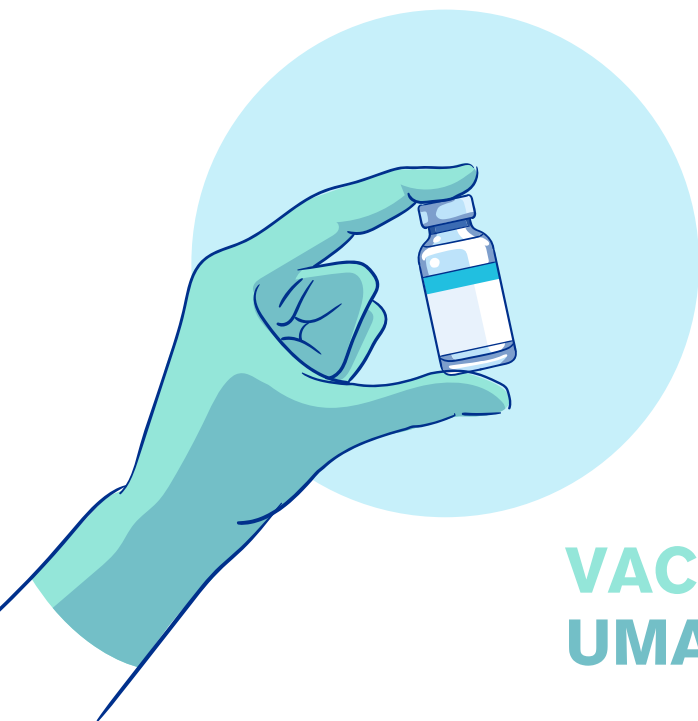
Independentemente de qual for o teu passo a seguir, o Serviço de Psicologia e Orientação encontra-se ao teu dispor.

Estamos no 1º piso da tua escola.

Não te acanhes, pede ajuda. Estamos aqui para ti! •



OFERTA
FORMATIVA



VACINAÇÃO UMA PRIORIDADE!

MARTA FEIO E SÍLVIA LOPES ENFERMEIRAS NA EQUIPA DE SAÚDE ESCOLAR DA UCC DE VILA VERDE

Porque é importante a vacinação?

A vacinação é fundamental para prevenir a propagação de certas doenças nas comunidades. Quando a maior parte da população se encontra vacinada, as doenças infecciosas não se propagam facilmente, podendo chamar-se a isto “imunidade de grupo”. Com a vacinação, foi possível diminuir ou até extinguir a incidência e consequências advindas de doenças, que antigamente levavam à morte de muitas pessoas.

Em 1965, foi implementado em Portugal, o Plano Nacional de Vacinação com vista a reduzir a morbilidade e mortalidade provocadas por doenças infecciosas, que são evitáveis através da vacinação. Ao longo do tempo, este plano tem sido alvo de atualizações, no entanto, sempre se manteve gratuito, universal e acessível a todos os cidadãos.

O que é uma vacina?

A vacina é uma preparação de antígenos (partículas estranhas ao organismo) ou mRNA e é administrada ao indivíduo, causando uma resposta imunitária protetora específica a um ou mais agentes infecciosos.

Quando é administrada a vacina a uma pessoa, o seu corpo vai detetar a substância e produzir uma defesa, isto é, ativa-se uma resposta com criação de anticorpos, sendo que estes anticorpos se mantêm no organismo e impedem que a doença surja no futuro ou se esta ocorrer, reduzem a sua gravidade.

As vacinas são seguras?

Todas as vacinas aprovadas na Europa apresentam um grau elevado de segurança, eficácia e qualidade. Antes da sua distribuição, é também exigida uma certificação de lote a lote.

As reações adversas graves, associadas às vacinas, são raras ou muito raras, assim como as contraindicações para a sua administração.

Todas as pessoas devem ser vacinadas?

Sim, uma pessoa que não realiza a vacinação, corre o risco de contrair a doença e aumenta o risco de a transmitir na comunidade. Por exemplo, relativamente à situação epidemiológica do sarampo em Portugal, esta foi uma doença erradicada pela vacinação em 2004, no entanto atualmente estão a surgir casos de sarampo, devido à existência de comunidades não vacinadas.

O que é o Sarampo?

O sarampo é uma infeção vírica muito contagiosa e tem como sinais e sintomas febre, mal-estar, cansaço, tosse, conjuntivite, corrimento nasal, pontos brancos no interior da bochecha e manchas vermelhas na pele. A sua transmissão ocorre de pessoa para pessoa, através da via aérea (por exemplo, tosse ou espirro). O sarampo é geralmente uma doença benigna, porém em algumas situações pode ser grave ou até levar à morte.

Como prevenir o Sarampo?

A principal medida de prevenção é a vacinação! Em Portugal, está recomendada a administração de duas doses da vacina, sendo a primeira realizada aos 12 meses de idade e a segunda aos 5 anos de idade.

O que devo fazer se tiver um contacto próximo com uma pessoa com Sarampo?

Na situação atual, devido ao risco de exposição ao vírus, as pessoas não vacinadas e que nunca tiveram sarampo, têm uma elevada probabilidade de contraírem a doença. As recomendações atuais da Direção Geral de Saúde, quando há risco de exposição e não há história prévia de doença, são as seguintes:

- Crianças e adolescentes entre os 12 meses e 17 anos devem ter as duas doses da vacina, antecipando a vacina dos 5 anos, se necessário.
- Adultos (≥18 anos) nascidos depois de 1970 devem ter duas doses.
- Adultos (≥18 anos) nascidos antes de 1970 devem ter 1 dose.

O sarampo é uma doença de evicção escolar, isto é, deve haver um afastamento temporário da frequência escolar e demais atividades, pelo que caso haja suspeita de um caso, deve-se referenciar o mesmo para a Autoridade de Saúde determinar a evicção escolar.

Assim, a vacinação é um direito da pessoa, mas também, um dever, pelo que se todos participarmos ativamente na decisão de nos vacinarmos, estamos a defender a nossa saúde, a saúde pública e a praticar um ato de cidadania. •





MARCO ANTÓNIO DOCENTE
3º ANO CURSO DE CABELEIREIRO

A relação entre liberdade e a beleza é uma combinação fascinante que transcende o óbvio e mergulha nas profundezas da experiência humana. Enquanto a liberdade invoca a noção de autonomia e autodeterminação, a beleza tem uma resposta emocional, muitas vezes transcendente, à harmonia e à forma. Juntas, estas duas forças podem desencadear um poderoso diálogo sobre o papel da expressão individual e coletiva na formação de sociedades vibrantes e culturalmente ricas.

A liberdade, como princípio fundamental, concede aos indivíduos a capacidade de explorar e expressar a sua identidade. Isto estende-se para além das ordens políticas e sociais, alcançando os domínios da criatividade e da estética. Quando os seres humanos são livres para conquistar as suas paixões e interesses, eles tornam-se agentes ativos na criação de arte, moda e todas as formas de expressão visual e sensorial.

Em Portugal foi após o 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, que ocorreram mudanças políticas e sociais significativas, mas também um impacto profundo na perceção da beleza feminina. Antes da Revolução, a sociedade portuguesa estava imersa em valores conservadores e padrões rígidos de beleza, frequentemente ditados pela ditadura do Estado Novo.

Antes do 25 de abril, a ideia de beleza feminina estava muitas vezes associada a uma imagem tradicional e conservadora, onde as mulheres eram incentivadas a se conformar a determinados estereótipos de feminilidade. Havia uma pressão social para que as mulheres se encaixassem em padrões de beleza estreitos, com ênfase na modéstia, recato e submissão.

No entanto, com o advento da democracia e da liberdade após a Revolução dos Cravos, houve

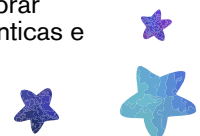
uma mudança significativa na perceção da beleza feminina em Portugal. As mulheres começaram a desafiar os antigos padrões impostos, buscando uma maior autonomia e liberdade para expressar sua individualidade e singularidade.

Uma das mudanças mais notáveis foi a crescente aceitação e valorização da diversidade de formas, cores e estilos. As mulheres começaram a se sentir mais livres para expressar sua identidade através da moda, da maquiagem e do cabelo, rompendo com as normas estabelecidas e explorando novas formas de autoexpressão.

Além disso, houve um aumento na conscientização sobre questões de igualdade de gênero e direitos das mulheres, o que levou a uma rejeição dos estereótipos de beleza que promoviam a submissão e a objetificação das mulheres. As mulheres passaram a ser vistas como indivíduos completos, com talentos, habilidades e contribuições únicas para a sociedade, independentemente de sua aparência física.

Essa mudança na perceção da beleza feminina refletiu-se também nos mídias, na publicidade e na cultura popular, com uma maior representação de mulheres de diferentes origens étnicas, tamanhos corporais e idades. A beleza passou a ser celebrada em sua diversidade, reconhecendo a singularidade de cada mulher e desafiando os padrões irrealistas e inatingíveis que antes eram impostos.

Em suma, o 25 de abril de 1974 marcou não apenas o fim de uma era de opressão política em Portugal, mas também o início de uma nova era de liberdade e autonomia para as mulheres, permitindo-lhes redefinir e celebrar sua própria beleza de maneiras mais autênticas e significativas. •



SOCORRO!

COMO POSSO TRATAR DO MEU CABELO?

Eu gostava de ter quebras naturais no meu cabelo, tipo ondas. Mas ele só tem pequenas formas. Alguma sugestão para eu conseguir diariamente umas ondas mais marcadas?

Para conseguir ondas mais marcadas, deve sempre usar um produto de Styling específico, produtos que preparam o cabelo para a secagem criando a forma ondulada deixando o cabelo solto e fofo e os caracóis mais definidos.

Os meus cabelos são muito finos. Eu gostava de os ter mais grossos e ganhar mais volume.

A recomendação é usar uma tecnologia com polímeros bio-compatíveis que ajudam a reestruturar a fibra desde o seu interior; os cabelos finos ganham volume aumentando o seu diâmetro sem perder leveza e suavidade.

Eu tenho os cabelos loiros porque faço coloração com um loiro muito claro e faço também madeixas. Como posso manter os meus cabelos saudáveis.

Por norma são cabelos que podem apresentar-se com mais danos devido aos processos químicos a que estão sujeitos, a minha recomendação, após análise, é recorrer a uma gama de reconstrução.

Estou a ficar com o couro cabeludo seco, o que posso fazer?

O couro cabeludo seco é indicador de falta de lípidos. para solucionar a nossa recomendação deve usar uma gama específica de produtos para couro cabeludo sensibilizado.

Eu tenho o cabelo extremamente encaracolado, mas não queria fazer alisamento. Eu gosto dele com caracóis, mas não tanto como tenho normalmente. O que é que me pode aconselhar?

Existem serviços no cabeleireiro que permitem controlar os caracóis e eliminar o efeito crespo, mas devido à sua especificidade só pode ser efetuado por um cabeleireiro, enquanto não for possível recorrer ao cabeleireiro, a nossa recomendação é hidratar bem o cabelo uma vez que a tendência dos cabelos Ondulados/ encaracolados é serem também cabelos mais secos.

Eu gosto do cabelo liso e uso prancha todos os dias. Será que faço bem? Devo comprar uma prancha profissional? Devo utilizar alguns produtos antes ou depois?

Caso seja valorizado o cabelo liso a minha recomendação é quando for possível ir ao cabeleireiro e fazer um serviço de Alisamento / Escova Progressiva, assim poupa a saúde do cabelo evitando usar a prancha, a prancha não provoca danos desde que seja aplicado um protetor térmico e a minha recomendação é usar uma gama que crie um escudo termo protetor para minimizar os danos provocados pelo calor da prancha e a temperatura da prancha deve ser adaptada às características do cabelo cabelos danificados 150/160° cabelos saudáveis 180/200° e deve ser efetuadas passagens em madeixas finas e de forma rápida para não danificar.

NELSON COSTA DOCENTE



PALAVRAS DISFARÇADAS

Partindo da letra que se encontra no centro dos cubos, descubra as palavras que se encontram disfarçadas.

Passar um bem particular a domínio público.



Nome do pai do Imperador Carlos Magno.



NOVAS PALAVRAS

Preencha o quadro com as 9 letras da Palavra – REGULAÇÃO – de forma a criar seis palavras de 5 letras, na vertical e na horizontal



CRUZAR E SOMAR

Tendo em conta que cada letra corresponde a um número, preencha o quadro, baseado no valor de cada linha e coluna.

1	2	3	4	5	6	7	8
A	E	I	L	O	R	S	T

R		A			19
			S		26
	E				16
			A		16
A					12
17	13	21	19	19	

WHAT'S THE ANSWER?

RAQUEL PINTO DOCENTE

50 years ago, the fascist dictatorship ended. 25th April is one of the most important days in Portuguese history, when some brave men tumbled an authoritarian government with barely any violence. How well do you know the facts?

1. Who was the young captain who led his troops to Lisbon to force the downfall of the Portuguese dictatorship in the Carnation Revolution of 1974?

- a) Salgueiro Maia
- b) Otelo Saraiva de Carvalho
- c) Costa Gomes

2. What was the song that served as the first radio password for the start of military operations?

- a) Grândola Vila Morena, de Zeca Afonso
- b) Verdes são os campos, de Zeca Afonso
- c) E depois do Adeus, de Paulo de Carvalho

3. What was the password and counter-password given by MFA for the start of operations?

- a) Coragem; Pela vitória
- b) Força; Vamos embora
- c) Agora; Por todos

4. What was the code name given by the military to Banco de Portugal to mark its occupation during the operations?

- a) Londres
- b) Bruxelas
- c) Paris

5. What was the name of the Portuguese political police responsible for the repression of all forms of opposition to the political regime of the Estado Novo?

- a) PODE
- b) PIDE
- c) PEDE

6. What was forbidden to drink before the 25th of April?

- a) Water
- b) Coffee
- c) Coca-Cola

7. Female teachers needed permission to get married?

- a) True
- b) False

8. The Estado Novo (1933-1974) was one of the longest authoritarian regimes of the 20th century in Europe.

- a) True
- b) False

9. At school the classes had mixed boys and girls.

- a) True
- b) False

10. One of Lisbon's bridges, formerly known as the Ponte Salazar, was renamed Ponte Capitães de Abril to commemorate the revolution.

- a) True
- b) False

soluções





Escola Profissional
AMAR TERRA VERDE

CURSOS PROFISSIONAIS



NOVO



NOVO



OFERTA DE
UM IPAD
AOS NOVOS
ALUNOS!*

*Consultar regulamento.
Não aplicável a alunos de CEF

CEF T3
(CURSO EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO)



SABE MAIS EM

WWW.EPATV.PT